

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**CRISTAL OLIVEIRA MONIZ DE ARAGÃO**

JANELAS NA REPRESENTAÇÃO:  
Cartografias dos sentidos de Brasil

RIO DE JANEIRO

2008

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Cristal Oliveira Moniz de Aragão

JANELAS NA REPRESENTAÇÃO:  
Cartografias dos sentidos de Brasil

1 volume

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Angela Arruda

Rio de Janeiro

2008

Aragão, Cristal Oliveira Moniz de.

Janelas na representação: cartografias de sentidos de Brasil /  
Cristal Oliveira Moniz de Aragão. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.  
153f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de  
Janeiro, Instituto de Psicologia / Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia, 2008.

Orientador: Angela Arruda.

1.Representação social. 2.Cartografia 3.Diferença. 4.  
Metodologia 5.Brasil – Aspectos sociais. I. Arruda, Angela. II.  
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

CDD:

Cristal Oliveira Moniz de Aragão

JANELAS NA REPRESENTAÇÃO:  
Cartografias dos sentidos de Brasil

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicologia

Aprovada em

---

(Angela Arruda, pós-doutora, Universidade Federal do Rio de Janeiro)

---

(Clarilza Prado de Sousa, doutora, Pontifícia Universidade Católica – São Paulo)

---

(Virgínia Kastrup, doutora, Universidade Federal do Rio de Janeiro)

---

(Francisco Portugal, doutor, Universidade Federal do Rio de Janeiro – suplente)

---

(Maria Aparecida R. Mota, doutora, Universidade Federal do Rio de Janeiro – suplente)

*À potência dos encontros que reviraram as bases do meu pensamento,  
fazendo aparecer novos contornos, novas paixões, novas questões.*

## Agradecimentos

Poucos são os momentos em que temos um espaço reservado especialmente para agradecer a todas aqueles que participam da nossa vida, todas as pessoas, paisagens, textos, músicas tão queridas que de um forma ou de outra contribuíram na construção desse trabalho, seja em encontros que não se relacionam diretamente à seu conteúdo, seja no debate mais acalorado de idéias. Enfim, tenho muito a agradecer.

Primeiro, a Deus, ou à força superior que protege a todos nós e cuida tanto de mim e de todos nós.

À minha família que me apoiou incondicionalmente para a realização desse trabalho, oferecendo colo, atenção, uma mesa nova, idéias mirabolantes, conversas de novas incursões etnográficas ao território baiano e assim vai... O trabalho seria impossível sem a participação de vocês, seja com palavras seja com o silêncio necessário para a escrita. Parafrazeando Waly Salomão, vocês são o axial. Obrigada pai, mãe, Pedro, Edinéa. Aos meus tios que me acolheram em minhas visitas soteropolitanas e agora no finalzinho, vô e vó.

À minha querida orientadora, que esteve tão próxima de mim no tempo da minha graduação que me deixou mal acostumada à possibilidade de sua ausência, que acabou por tornar-se uma presença às avessas. Distante ou perto nos quilômetros, mas sempre próxima, agradeço todos os ditos e os presumidos, a sensibilidade nos gestos, a coragem em embarcar numa proposta ousada. Se este trabalho tem mérito, é fruto de nosso encontro. É principalmente por suas palavras e idéias que ressoam em mim que conjugo os verbos na primeira pessoa do plural.

Aos professores Clarilza Prado de Sousa, Francisco Portugal e Virgínia Kastrup que participaram da minha paradigmática qualificação, territorializando os rumos que estávamos tomando nos meandros pelos quais este trabalho navegou. Obrigada pelas argüições, pelas reuniões extras, por todas as indicações, mas principalmente pela boa vontade.

Aos meus colegas de pesquisa no projeto **Imaginário e Representações Sociais do Brasil**, o qual participei como estagiária e bolsista durante boa parte da graduação. Divido também com vocês este trabalho, Angela Arruda, Lilian Ulup, Ana Carolina Dias Cruz, Luana Pedrosa Vital Gonçalves, Amanda Cerdeira Pilão, Paula Brito Cordeiro, Paulo Cardoso Ferreira Pontes, Tamara Galieta Nascimento, Joana Coelho Barbosa, Juliana Maria Santos Rodrigues, Sara Costa Cabral Mululo, Renilma Coelho, Márcia Inês Ribeiro, Thiago Francisco Abraia Crespi e Verônica Braga dos Santos.

Agradecimento especial à Lilian Ulup, minha companheira de explorações sobre a Bahia que sempre esteve disposta a ajudar com comentários precisos e repletos de afeto e cuidado.

Aos meus colegas de inúmeros grupos de estudos durante a graduação. Liderados ou não por Cabral, professor querido, aqueles foram momentos que contaram bastante para minha formação acadêmica e pessoal, que me proporcionaram ângulo de uma visão crítica nos trabalhos que fiz e farei pelo resto da vida.

À todos os integrantes do grupo de pesquisa **Universo do Funk proibido no Rio de Janeiro**, Angela Arruda, Lilian Ulup, Marilena Jamur, Andrea Rodrigues, Thiago Melicio, Ana Carolina Dias Cruz, Rhaniele Sodré Ferreira, Fellipe Barroso e Thiago Vieira, do qual fiz

parte durante quase toda minha passagem pelo mestrado. Por mais que a distância entre os temas de pesquisa teoricamente seja grande, vocês me mostraram a importância de um ambiente de pesquisa que se configura como uma equipe, fundamental para colocar em movimento as idéias que as vezes demoram a se materializar.

Ao efêmero grupo de pesquisa de representações sociais, formado por Luana Gonçalves, Patrícia Lorenzutti, Carolina Pombo, Ana Carolina Dias Cruz, Thiago Melicio e Verônica Braga. Nossos poucos encontros, ao vivo ou por meios virtuais, também tiveram papel fundamental na construção deste trabalho, principalmente naqueles em que insistimos.

Ao grupo de orientação da pós, formado por João Gilberto, Thiago, Mauricio, Luana, Patrícia, Andrea, coordenados por Angela. O início do mestrado foi importante para mostrar o quão perdida eu estava.

À professora Maria Aparecida Rezende Mota, que rapidamente se converteu em Cida e aos alunos da disciplina **Interpretações do Brasil – em busca de uma identidade nacional**, que me acolheram no Programa de Pós-Graduação em História Social, dedicando tempo, sempre dispostos a trocar idéias com uma psicóloga, e ouvir uma proposta diferente para trabalhar a questão nacional. As tardes de segunda-feira que passei ao lado de vocês foram preciosas.

À Ana Cristina Brasil Arcos e ao Giancarlo Mauro, que com paciência ouviram e responderam às dúvidas e sempre estiveram prontos a ajudar e facilitar a vida de nós, alunos.

Aos meus amigos queridos Isabella, Pedro, Mariana, Joana, Júlia, Flavia, Camila, Letícia, Rogério, Klebinho, Arabelle, Titi, Davi e Leo agora canadenses, Lili e Bira, Papa, Terê, Maurício, Alfredinho, Rhani, porque parar de falar sobre seu objeto de pesquisa subindo uma montanha, conversando num barzinho ou assistindo uns filmes é fundamental.

À descoberta da capoeira mediada pelo Thiago, que com o ritmo, os movimentos, a energia da roda, me proporcionou momentos únicos de limpeza mental e corporal. Muito da minha tensão dissertativa, que não foi pouca, foi descarregada ali.

Ao meu time querido, que tem ajudado a pintar sorrisos extras em meu rosto nas noites de quarta e domingo.

Ao Thiago, que já apareceu tantas vezes nesses agradecimentos. Benedito, que não só construiu junto comigo este tema de pesquisa como foi além, pois me fez sentir na pele a magnitude da potência que um encontro pode gerar. Pelos momentos mais difíceis e mais felizes, divido com você a alegria e a dor de construir um trabalho que ressoa em nossos corpos. Que nossos projetos ganhem mais e mais fôlego.

Enfim, além de dedicar minha dissertação a eles, agradeço a todos os intercessores espalhados ou não nestes agradecimentos, que me ajudaram a ver novidades, me desafiaram a buscar e materializar novos caminhos. Como diria Maria Bethania, numa versão maravilhosa do Samba da Bênção de Vinícius: A bênção! A todos!

Agora, depois de aprovada a dissertação, agradeço de antemão a todos que por aqui passarão, partindo do pressuposto que este é um trabalho aberto, que continua se construindo a cada nova leitura. Para futuros contatos, deixo meu email [crystalragao@yahoo.com.br](mailto:crystalragao@yahoo.com.br).



Viajar? Para viajar basta existir.  
 Vou de dia para dia,  
 como de estação para estação,  
 no comboio do meu corpo,  
 ou do meu destino,  
 debruçado sobre as ruas e as praças,  
 sobre os gestos e os rostos,  
 sempre iguais e sempre diferentes,  
 como, afinal, as paisagens são.

Se imagino, vejo.  
 Que mais faço eu se viajo?  
 Só a fraqueza extrema da imaginação  
 justifica que se tenha que deslocar para sentir.

“Qualquer estrada, esta mesma estrada de Entepfuhl, te levará até ao fim do mundo”.

Mas o fim do mundo, desde que o mundo se consumou dando-lhe a volta, é o  
 mesmo Entepfuhl de onde se partiu.

Na realidade, o fim do mundo, como o princípio,  
 é o nosso conceito do mundo.

É em nós que as paisagens tem paisagem.

Por isso, se as imagino, as crio;  
 se as crio, são; se são, vejo-as como às outras.

Para que viajar?

Em Madrid, em Berlim, na Pérsia, na China,  
 nos Pólos ambos, onde estaria eu senão em  
 mim mesmo, e no tipo e gênero das minhas sensações?

A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes.

O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos.

Fernando Pessoa

## RESUMO

ARAGÃO, Cristal Oliveira Moniz de. **Janelas na representação: cartografias dos sentidos de Brasil**. Rio de Janeiro, 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Este trabalho tem como objetivo principal pensar as relações entre a teoria das representações sociais de Serge Moscovici e Denise Jodelet em sua abordagem processual e o método cartográfico proposto por Gilles Deleuze e Felix Guattari, também desenvolvido por Suely Rolnik e Virgínia Kastrup. Tendo esta idéia como norte, desenvolvemos meios próprios para trabalhar com a pesquisa de campo e a população da dissertação, que consiste em 143 mapas do Brasil desenhados por estudantes de universidades públicas e privadas da Bahia. Ressaltamos que até a formulação desta proposta de trabalho percorremos caminhos não lineares, os mais diversos possíveis, flertando com o campo da geografia, semiótica, e com o modelo da análise de conteúdo, percurso contemplado em parte nos capítulos que compõem esta dissertação. A disposição em relacionar-se com outros meios de pesquisa é marca do projeto no qual nos inserimos, **Representações sociais no contemporâneo: diálogos conceituais**, que possui um braço internacional que compõe o Grupo de Trabalho **Imaginários Latinoamericanos**, sediado no Laboratório Europeu de Psicologia Social (LEPS) da Maison des Sciences de l'Homme de Paris, coordenados por Angela Arruda; o GT é formado por pesquisadores interessados em estudar as relações entre as representações sociais e as teorias do imaginário, no âmbito do continente latino-americano. O braço de que falamos acima, que se filia a ambos os projetos, se chama **Imaginário e Representações Sociais do Brasil**, uma pesquisa que se debruçou sobre este tema aplicando não somente entre os baianos, população desta dissertação, mas também em estudantes de sete estados, das cinco regiões geográficas deste país, dos cursos de Enfermagem, Engenharia, Medicina, Pedagogia e Serviço Social. O instrumento de pesquisa utilizado é fruto dos desenvolvimentos do projeto

mencionado logo acima. A tentativa de instrumentalização da metodologia cartográfica também foi composta por muitas tentativas, em sua maioria descritas no decorrer dos capítulos, a fim de deixar claro ao leitor como se materializa a idéia. Os resultados são 14 cartografias de 13 mapas de sentido do Brasil que não são capazes fornecer contornos de uma representação social, pois não tem espessura para tanto. O trabalho, na verdade, se aproveita de suas condições de produção ao ter acesso a estudos anteriores dentro do projeto que delineiam os eixos mais significativos das representações de Brasil para os brasileiros. Assim, as cartografias dão visibilidade aos fiapos soltos que compõem o tecido heterogêneo da representação social de Brasil pelos brasileiros. No capítulo derradeiro travamos uma discussão baseada tanto na experiência com os mapas quanto na epistemologia das teorias que embasaram o estudo, focando na idéia da diferença, da heterogeneidade, na discussão sobre o consenso e seus desdobramentos.

**PALAVRAS-CHAVE: REPRESENTAÇÃO SOCIAL; CARTOGRAFIA; DIFERENÇA; METODOLOGIA; BRASIL; UNIVERSITÁRIOS.**

## ABSTRACT

ARAGÃO, Cristal Oliveira Moniz de. **Janelas na representação**: cartografias dos sentidos de Brasil. Rio de Janeiro, 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

This work has as main objective to think the relationship between the theory of the social representations of Serge Moscovici and Denise Jodelet about its procedural boarding and the cartographic method thought by Gilles Deleuze and Felix Guattari, also developed for Suely Rolnik and Virgínia Kastrup. With this idea as north, we developed proper ways to work in the research with the population, that consists in 143 maps of Brazil drawn by students of public and private universities from the State of Bahia. We stand out that until the formularization of this proposal we cover not linear ways, most diverse possible, flirting with the field of geography, semiotics, and with the model of the content analysis, contemplated in the chapters that compose this work. The disposal in becoming related with other ways of research is a mark of the project in which we are in, **Social representations in the contemporary: conceptual dialogues**, witch have an international arm that composes the Work Group **Latin-american Imaginaries**, headquartered in the European Laboratory of Psicologia Social (LEPS) of Maison des Sciences of l'Homme of Paris, both coordinated by Angela Arruda; the WG is formed by researchers interested in studying the relations between the social representations and the theories of the imaginary, in the scope of the Latin American continent. The arm of that we speak above, it's called **Imaginary and Social Representations Brazil**, a research that was not only applied between university students from Bahia, population of this work, but also in students of seven states of Brazil, among the five geographic regions of the country, in the courses of Social Work, Nursing School, Pedagogy, Medical School and Engineering. The questionnaire of research is product of the developments of the project mentioned soon above. The attempt of materialization of the

cartographic methodology also was composed in many ways, in its majority described in elapsing of the chapters, with intension of leave clearly to the reader the process. The results are 14 cartographies of 13 maps of Brazil that are not able to supply contours of a social representation, because cannot afford the necessary parameters in such a way. The work takes the advantage of this conditions of production when having access to previous studies of the project that delineate the axles most significant of the representations of Brazil for our Brazilians. Thus, the cartographies give visibility to the untied lines that compose the heterogeneous social representation of Brazil for the Brazilians. In the last chapter, we tried to establish the experience with the maps discussing the epistemology of the theories that had based the study, making more visible the idea of the difference, of the heterogeneity and the consensus.

KEY-WORDS: SOCIAL REPRESENTATION; CARTOGRAPHY; DIFFERENCE; METHODOLOGY; BRAZIL; COLLEGE STUDENT.

**Lista de quadros**

Quadro 1 – Mapa 128.....	79
Quadro 2 –Mapa 25.....	81
Quadro 3 –Mapa 126.....	83
Quadro 4 – Mapa 127.....	84
Quadro 5 – Mapa 57.....	86
Quadro 6 – Mapa 51.....	88
Quadro 7 – Mapa 58.....	90
Quadro 8 – Mapa 115.....	92
Quadro 9 – Mapa 13.....	94
Quadro 10 – Mapa 27.....	96
Quadro 11 – Mapa 139.....	98
Quadro 12 – Mapa 106.....	100
Quadro 13 – Mapa 29.....	102

## Sumário

1 Introdução .....	16
2 Ferramenta Teórica.....	20
2.1 Introdução.....	20
2.2 A Teoria das Representações Sociais.....	21
3 Percurso.....	42
3.1 O método como questão.....	42
3.2 Primeiro passo: a construção do objeto de pesquisa.....	44
3.3 Segundo passo: análises.....	48
3.4 Terceiro passo: agarrar-se na identidade ou por uma análise que valorize a busca da história e da nação.....	53
3.5 Mais um passo – será que chegamos a algum lugar? Crítica da identidade ou por uma nova política cognitiva.....	58
3.6 Recaptul-ação.....	65
3.7 Informações ao leitor: instrumento e população da pesquisa.....	70
4 Encontros.....	72
4.1 Primeiras tentativas.....	72
4.2 Novos direcionamentos.....	74
4.3 Quando o tempo for propício.....	76
4.4 Cartografias.....	78
4.5 Balanço nas cartografias.....	109
5 Territorializando cartografias: notas de uma aprendiz de cartógrafa.....	113
5.1 Introdução.....	113
5.2 A noção de consenso e a diferença.....	114
5.3 O “entre” .....	119
5.4 “Ela faz cinema/ faz cinema faz...”.....	121
5.5 A afetividade e alteridade no encontro: da dimensão afetiva ao afetar-se.....	123
5.6 Voltando à noção de consenso: críticas as estabelecido.....	126
5.7 Sobre quem representa, o que representa.....	128

5 Referências.....	131
Apêndice A.....	142
Apêndice B.....	149



## 1 Introdução

A primeira versão desta dissertação, ainda na qualificação, se preocupava em delimitar um enquadre, um esforço em definir uma forma particular de construir e compreender o mundo, composto por uma mirada e por ferramentas derivadas desta. O momento da qualificação trouxe novo fôlego às idéias, que fizeram reformular muitas daquelas posturas. Nossa nova perspectiva entende que as teorias a serem apresentadas são ferramentas dispostas num trabalho de construção de sentido junto ao objeto de minha dissertação. A mudança se justifica por um motivo simples: a mirada pressupunha um enquadramento, com arestas que marcam margens, que delimitam e ao mesmo tempo aprisionam o sentido e não são capazes de incluir o que está fora do campo do quadro. Assim, usar a noção de ferramenta marca a compreensão elástica da teoria e da metodologia, que serve a muitos propósitos, aberta para muitas possibilidades; como na Física, pensamos um sistema aberto, que mantém intercâmbio constante com o meio. Longe das molduras, o objeto também se transforma: se num momento anterior o foco era deslindar as representação sociais de Brasil, o trabalho agora se preocupa com a **produção** de um caminho de pesquisa, mediado pela disposição dessas ferramentas **junto** aos mapas desenhados de Brasil.

Dessa maneira, na perspectiva da produção, pensamos as relações possíveis entre nossas ferramentas teórica e metodológica: a teoria das representações sociais em sua versão processual, conforme pensada por S. Moscovici e D. Jodelet e as cartografias de G. Deleuze e F. Guattari, também desenvolvidas por S. Rolnik e V. Kastrup. Pensar este encontro com os mapas redireciona os propósitos iniciais da dissertação, que visava explorar as representações sociais de Brasil produzidas nos 143 mapas desenhados do país por estudantes baianos que compõem a população desta pesquisa. Priorizando a perspectiva metodológica, nos concentramos em pensar as margens do caminho a ser percorrido, desfazendo o compromisso

de contemplar todos os desenhos, mantendo o trabalho com os mapas a partir da perspectiva cartográfica.

Assim, a dissertação se pauta por seu viés metodológico, mas não se reduz a ele. Apoiando-nos nas palavras de Jovchelovitch (2008), dissertamos sobre o **sentido**, os sentidos de Brasil, os encadeamentos, produções e modos de considerar um objeto sob um viés **semiótico**. Mas ao lado desse significado, tomamos a língua portuguesa como plataforma e, num exercício polissêmico, conjugamos este **sentido** investido pelo espírito cartográfico em que nos propomos a mergulhar. Assim, além do caminho da semiótica, ele também diz respeito à **energética**, às intensidades daquilo que foi despertado, percebido (ROLNIK, 2007); o afetar-se do objeto, as sensações e os sentimentos que acompanharam a experiência de encontro com os mapas, afora as escolhas, os julgamentos, enfim, os sentidos que os participantes da pesquisa desenharam e escreveram sobre o país.

Como os capítulos que se seguem nessa dissertação apresentarão, tanto a teoria das representações sociais como as cartografias são objetos complexos. Paradas, retornos, experimentações e reformulações foram muitas vezes necessárias, uma vez que atestamos não ser possível seguir um caminho linear para explicar esta proposta. Nas eiras e beiras do trabalho contamos com intervenções preciosas da cultura que tomavam de assalto nosso percurso, deslocando-o violentamente, empurravam para outro lado. Caetano, Gil, Gal, Jorge Ben, Egberto Gismonti e seu trem caipira, Chico Science, Nação Zumbi e suas toneladas de maracatu, Chico, Belquior, todos os tropicalistas, pensadores do Brasil, da cultura contribuíram para cada pedrinha que colocamos na calçada do percurso.

Assim, o trabalho se divide em capítulos dedicados às discussões com intervenientes acadêmicos e de toda espécie da cultura e começa pelo princípio. O capítulo teórico, primeiro passo do percurso, discute nossa ferramenta como um sistema aberto, resgatando e enfatizando as características de heterogeneidade propostas ainda por Moscovici nos tempos

primeiros da construção das representações sociais. Seu foco é teórico ao se propor a explorar a epistemologia das representações sociais temperada com as críticas contemporâneas direcionadas a ela. Este formato é fundamental para os propósitos que se seguem, pois como já afirmamos, nosso texto se propõe a fazer uma discussão metodológica.

O capítulo seguinte quer apresentar ao leitor o percurso da dissertação até chegar à proposta da cartografia. Os meandros pelos quais caminhamos e os bordejos que fizemos à história, à antropologia e à análise de conteúdo, a fim de demonstrar o ir e vir pelo qual passou o trabalho. Buscando a transparência do cristal, queremos apresentar ao leitor que a escolha desta metodologia também se justifica pelas condições de produção desta dissertação. Inserida num projeto que durou mais de quatro anos, acompanhado de uma série de publicações e dissertações sobre as representações de Brasil e da escola brasileira, nosso trabalho enveredou por linhas de raciocínio que diferem de outros realizados: desejávamos mais uma vez, sermos invadidos e deslocados pela novidade. O trabalho, na verdade, se aproveita de suas condições de produção ao ter acesso a estudos anteriores dentro do projeto que delineiam os eixos mais significativos das representações de Brasil para os brasileiros. Por isso também a escolha das cartografias para dar visibilidade aos movimentos da representação.

Depois de muita preparação e explicações num caminho com tantas voltas, chegamos ao capítulo de encontro com os mapas. Também em sintonia com a proposta de transparência em todo o processo, apresentamos as dificuldades e as janelas e portas que inventamos, pulando e abrindo a fim de desenhar novas feições, ver sob novas perspectivas os desenhos dos mapas dos participantes da pesquisa, ser seduzidos por eles.

O capítulo derradeiro tenta sistematizar a proposta de relação entre nossas ferramentas teórica e metodológica com os subsídios fornecidos pela experiência apresentada no encontro. Retornando às teorias, tenta alinhar o trabalho a discussões já realizadas, embora seja

repaginado a partir dos encontros que aqui se desenvolveram. Trata-se de um esboço, sujeito a reparos e modificações nos passos que se seguem à dissertação, uma vez que pretendo continuar desenvolvendo a articulação aqui proposta, dando continuidade à minha carreira acadêmica no doutorado.

Assim, esta dissertação se foca no percurso de fizemos no que toca a este trabalho, mas também é uma espécie de recapitulação de todo o trabalho do projeto de pesquisa **Imaginário e Representações Sociais**, financiada pela FAPESP e pela FUJB, a ser mais bem explicitada mais a frente. É uma síntese à nossa maneira do projeto, que remete à minha trajetória acadêmica, desde a graduação, e pretende se desenvolver mais e mais, pelos caminhos nos quais os movimentos da vida nos levar.

Cabe ainda uma última observação de desculpas ao leitor quanto aos possíveis erros de português ou de digitação que possam ter escapado às nossas muitas revisões. Certa vez um amigo me falou que uma obra não se finaliza, se abandona. Longe de abandonar meu trabalho, parei as revisões antes que as posições se trocassem e fosse caso não de abandonarmos a dissertação, mas dela se cansar e desistir de mim.

## 2 Ferramenta Teórica

*O homem é um fabricante nato de universos*  
*Ortega y Gasset*

### 2.1 Introdução

Confesso que tenho dificuldade em escrever uma introdução logo após outra, tentando fugir da redundância. Anunciamos que este capítulo pretende discutir nossa ferramenta teórica, a partir da psicossociologia que a funda, dando continuidade à proposta alinhada à formulação processual. Diferente de outras (SÁ, 1998), esta perspectiva, também chamada de genética ou dinâmica (ARRUDA, 2002), foca os desenvolvimentos da teoria no processo de construção da representação, abordando aspectos “constituintes da representação: informações, imagens, crenças, valores, opiniões, elementos culturais, ideológicos, etc.” (JODELET, 2002 apud ARRUDA, 2002, p.140). Os aspectos que trabalharemos aqui, como ressaltamos, não são explicações que abarcam todas as possibilidades de manejo desta ferramenta teórica. Tratá-la como uma ferramenta já pressupõe um modo de entender específico. Assim, do amálgama de idéias que constituem as representações sociais, nosso trabalho é de afunilamento de algumas dessas que compõem o campo de estudos que sejam mais afeitas às nossas propostas. O caráter aberto da teoria, conforme discutiremos de forma mais pormenorizada mais a frente, permite fazemos uso do construtivismo social, muito discutido por Jovchelovitch em artigos que datam de mais de 10 anos atrás (1998, 2008), que não faz parte do escopo que constituía a formulação primeira de Moscovici (MOSCOVICI; MARKOVÁ, 2003), embora seja perspectiva, a nosso ver, muito próxima do projeto teórico do pesquisador. À caça daquilo que constitui as representações sociais, mas balizada também por outros estudos, damos início a este capítulo.

## 2.2 A Teoria das Representações Sociais

A introdução anunciou em linhas vagas que dissertaríamos sobre o sentido a partir de uma perspectiva psicossocial. O que propomos trazer para a discussão neste capítulo é pensar que sentido é esse – com suas duas significações –, sob que condições é produzido. Trata-se de um trabalho que envolve dimensões que se entrecruzam, interessadas em estudar o psicológico, o social e o afetivo, pois consideramos que “a construção do objeto pela representação simbólica [...] é ao mesmo tempo, um processo cognitivo, afetivo e social” (JOVCHELOVITCH, 2008, p.57). A meta de abordá-las conduz a uma discussão epistemológica da teoria das representações sociais que envolvem os pressupostos que a embasam e comungam para sua delimitação. Temos como norte também sempre buscar nos remeter de alguma maneira às relações entre a ferramenta teórica e metodológica, bem como aos mapas desenhados do país, a fim de familiarizar gradativamente o leitor com a pesquisa, já apresentada brevemente na introdução. Muitas das críticas das quais é alvo a teoria também serão discutidas com o objetivo de conferir maior dinâmica à discussão, focando naqueles que são os maiores problemas que enfrenta, e que são mais pertinentes para nosso trabalho.

Um dos primeiros nós com que nos deparamos é a noção de representação, muito criticada por discursivistas ingleses (POTTER; EDWARDS, 1999; VOLKEIN; HOWARTH, 2005). Tomada numa perspectiva puramente psicológica, como faz a psicologia clássica, uma corrente representacionista tem seus pressupostos enraizados nas idéias de Descartes, que na tentativa de buscar uma certeza da qual não se pode duvidar, inaugura a existência de dois mundos. Atrelado ao “penso, logo existo”, surge um mundo interno, de onde o sujeito pode extrair a certeza, acompanhado de um mundo externo, do qual é expectador. Inaugura-se assim uma divisão básica que traz junto uma teoria da representação em que a mente, o mundo interno, **representa** o mundo externo (JOVCHELOVITCH, 2008). Somadas e

atualizadas as contribuições de Locke e Hume, a representação nesta corrente se materializa com um jogo de espelhos, no qual a percepção do indivíduo se restringe ao reflexo do externo; o conceito de representação é pensado no sentido de cópia do mundo que está do lado de fora, dado e real num interno (JOVCHELOVITCH, 1998, 2008). Outros desenvolvimentos se seguiram a esta idéia, como os trabalhos dos cognitivistas, pensando que entre o estímulo e a ação existe um processamento, elaboração da informação que não é mera cópia: mas ainda aqui se mantém a cisão inaugurada por Descartes, entre o interno (que processa) e o externo (que é processado) (KASTRUP; TEDESCO; PASSOS, 2008; JOVCHELOVITCH, 2008). Jodelet (1984), na mesma linha de pensamento, considera o conceito de representação nas teorias da psicologia clássica como um traço mecanicamente impresso e incrustado no indivíduo no qual o objeto do conhecimento e conhecedor são concebidos como radicalmente distintos: as divisões se mantêm.

Deleuze e Guattari também são críticos ferozes da representação por considerá-la signo e maior representante de tudo o que aprisiona a subjetividade, pois subordina estruturalmente a diferença à tranqüilizadora identidade do conceito, comungando com a manutenção do estabelecido (BIANCO, 2005). De forma diferente ao apresentado no parágrafo anterior, a idéia criticada pelos autores se refere a um modelo que identificam como característico dos sistemas filosóficos pensados por muitos, não apenas por Descartes. A filosofia desenvolvida por Deleuze, de acordo com Vasconcellos (2006), se opõe a uma **imagem do pensamento** que afirma um formato estabelecido como caminho verdadeiro e natural do pensar. Esta imagem tem como pressupostos as idéias de que o pensamento é um exercício natural de uma faculdade; o bom senso e a retidão deste são compartilhados por todos os homens; está baseado ainda no modelo da reconhecimento que defende a identidade e estabilidade dos objetos e reúne no *cógitio* de Descartes as regras da representação: identidade, semelhança, analogia e oposição. Contra todos esses pressupostos Deleuze pensa uma

filosofia do porvir, que prima pelo movimento e a criação de conceitos, que não podem se desenvolver num sistema fechado (VASCONCELLOS, 2006). Assim, o filósofo se posiciona criticando tudo aquilo que interpreta, congelando o sentido de possibilidades de criação. As idéias de Deleuze e seus trabalhos junto com Guattari serão mais bem discutidos em outros capítulos desta dissertação. Nesse momento, consideramos importante afirmar sua posição contrária à representação. Isso posto, nos colocamos a tarefa de entender o que é a representação social, nossa ferramenta teórica.

A discussão desenvolvida por Banchs (1996), Jovchelovitch (1998) e mais recentemente Volklein e Howarth (2005) se propõe a pensar o que é a representação na teoria psicossocial francesa. Em direções diferentes ao apresentado nos argumentos discutidos acima, a construção da realidade que propomos é contrária à idéia veiculada pelo representacionismo: oposto de cópia, a representação social é uma ligação, um laço (JOVCHELOVITCH, 1998). Um laço que se constrói entre o sujeito e o objeto, na lacuna entre ambos; de caráter fugaz, é incerto estabelecer corte preciso entre a figura do conhecido e do conhecedor. Assim, as divisões são flexibilizadas e os mundos estanques do representacionismo aqui se atravessam. Sobre isso, Moscovici escreve:

[...] o sujeito e o objeto não são absolutamente heterogêneos em seu campo comum. O objeto está inscrito em um contexto dinâmico e ativo, pois é parcialmente concebido pela pessoa ou a coletividade como o prolongamento de seu comportamento e só existe para eles em função dos meios e métodos que permitem conhecê-lo (1978, p.48).

Variando sobre o mesmo tema, Sancovschi (2007) discute a noção de representação e a concepção de sujeito na teoria das representações sociais com relação à produção do conhecimento em Varela, estabelecendo pontes entre estas perspectivas. Ela sinaliza que para este, a ênfase está centrada sobre o **conhecer**, neste ato como definidor das posições de sujeito do conhecimento e objeto conhecido. Ao se debruçar sobre a teoria de Moscovici, a autora aponta que a severa crítica que Varela faz ao conceito de representação não se aplica às



noções trabalhadas pelos pesquisadores das representações sociais, pois neste caso a representação ganha sentido de “interpretação e criação, tratando-se aí, portanto, do que Varela chama de representação em sentido fraco” (SANCOVSCHI, 2007, p.12). Distante da cópia do mundo, e com a comunicação e o compartilhar social ao seu lado como um de seus pilares, ela conclui que a teoria é antes um campo de interlocução com a abordagem enativa de Varela do que alvo de ataques e críticas, uma vez que ambas, cada uma a sua maneira, valorizam a criação no conhecimento do mundo (SANCOVSCHI, 2007).

Embora tais relações pudessem ser traçadas a ponto de pensar que “Varela ilumina a teoria de Moscovici e, Moscovici fecunda a teoria de Varela” (SANCOVSCHI, 2007, p.12) a autora marca uma das dificuldades em estabelecer pontes teóricas. Corroborada por outros (JODELET, 2001; VOLKEIN; HOWARTH, 2005), a imprecisão teórica de Moscovici é reiterada. O criador da teoria não se preocupou com um esclarecimento preciso e detalhado de sua abordagem, deixando que pesquisadores e teóricos que o seguiram delineassem melhor seus contornos, de acordo com os estudos realizados por eles. A indefinição é alvo de muitas críticas, tanto dos experimentalistas quanto dos discursivistas ingleses, que afirmam: a teoria é “fragmentada e por vezes contraditória”<sup>1</sup> (POTTER; WETHERELL, 1987 apud VOLKEIN; HOWARTH, 2005, p.8, tradução nossa), ou ainda, se apresenta como um “*pot-pourri* de idéias contraditórias, temperado com porções de psicologia cognitiva especulativa”<sup>2</sup> (McKINLAY; POTTER, 1987 apud VOLKEIN; HOWARTH, 2005, p.8, tradução nossa). Respondendo a essas críticas, as indefinições são positivadas: é a fluidez das noções que, para Moscovici, permite as múltiplas inserções da teoria, além de um maior alcance na compreensão dos fenômenos (JODELET, 2001; MOSCOVICI; MARKOVÁ, 2003). Sem fronteiras claramente demarcadas, ela evita atuar no enquadramento restrito de uma situação, defendendo abertura suficiente para aplicação e formulações muito diversas entre si. Este

---

<sup>1</sup> Cf. original: “fragmented and sometimes contradictory”

<sup>2</sup> Cf. original: “a *pot-pourri* of contradictory ideas, seasoned with some pieces of speculative cognitive psychology”

espaço acabou por criar a possibilidade de coexistência de ao menos três abordagens diferentes na teoria, não contraditórias entre si, que acentuam um ou outro aspecto em suas formulações, contribuindo inclusive para desenvolvimentos próprios em cada uma delas, conforme apresenta Celso Sá (1998). Nesse sentido, Moscovici constrói a teoria num sistema que prima pela indução e descrição em detrimento de uma formulação baseada em hipóteses e deduções (MOSCOVICI; MARKOVÁ, 2003).

Ainda sobre a questão da representação, na teoria ela é definida como um ato de pensamento no qual um sujeito se relaciona a um objeto (JODELET, 1984). O vínculo tem por função apresentá-lo de uma nova forma e, como consequência, aproximá-lo de algo que antes era distante e estranho, atribuindo-lhe sentido. Assim, a dimensão do psicológico se entrecruza numa interação contínua com o social que se reflete no estatuto do sujeito na teoria.

Este tópico segue a pista deixada por Sancovschi (2007) algumas linhas acima. O sujeito das representações sociais é ativo no movimento de atribuição de sentido aos objetos (MOSCOVICI, 2003), que não se restringe a um recortar e colar fragmentos de idéias e noções, mas operar sobre elas, lançando mão da criatividade neste processo. Assim, o poder criador da atividade representativa compreende que, a partir de um repertório de saberes e experiências, é possível operar com estes, deslocá-los, misturá-los, deglutindo e mastigando os sentidos: representar é **reapresentar** o objeto (MOSCOVICI, 1978).

O sujeito está, assim, imerso e em constante interação com o mundo, marcando a dimensão psicossociológica da teoria, na fronteira entre o psicológico e o social. Esta é mais uma das críticas das quais é alvo, ora apresentada como um determinismo social, ora o viés de leitura a compreende como excessivamente psicológica. A idéia é sempre estar no “entre” (JOVCHELOVITCH, 2008). Justificamos a margem entre os dois campos, pois no momento de sua criação ela não podia se situar somente do domínio da sociologia: as noções de

ideologia e visão de mundo não eram suficientes para considerar a organização psicológica do conhecimento (VOLKEIN; HOWARTH, 2005). De outro lado, não pode se filiar totalmente à psicologia por conta da noção de representação longamente tratada algumas linhas acima e pela necessidade de considerar as condições de contexto.

Para Moscovici um objeto não é simplesmente a reprodução na mente de um indivíduo, ao contrário, ganha vida na atividade sócio-cognitiva imersa num contexto cultural e histórico. Não se trata de um processo cognitivo *ou* social: são simultaneamente os dois<sup>3</sup> (VOLKEIN; HOWARTH, 2005, p.11).

A filiação da teoria também justifica seu caráter social. Ela se aproveita das idéias de Durkheim, no sentido em que o autor compreende a vida social como condição de existência do homem como um ser diferenciado dos animais (MOSCOVICI, 1978). O pensamento só pode surgir a partir da situação de interação: “a vida social é condição de todo o pensamento organizado” (MOSCOVICI, 1978, p.42). Jodelet complementa a idéia, ao atribuir ao sujeito a característica de exprimir em sua representação o sentido que atribui aos objetos na vida cotidiana: “o caráter social da representação deriva da utilização de sistemas de códigos e interpretações fornecidos pela sociedade ou da projeção de valores e de aspirações sociais” (JODELET, 1984, p.17).

Assim, a representação social é uma negociação (ARRUDA, 1998b), um laço psicossocial que só pode existir em um mundo de interação; a atividade de conhecer, dar sentido, é mediada por outros sujeitos Jovchelovitch (2001). Volklein e Howarth, (2005) afirmam que as representações sociais surgem no espaço entre o que se sabe e o que não se sabe ou não se pode explicar. Caracteriza-se, portanto, pela tensão, seja por divergência de idéias, seja pela angústia do não-saber. Mais uma vez o espaço de fluidez e indefinição da representação aparece.

---

<sup>3</sup> Cf. original: “For Moscovici an object is not simply reproduced in the mind of an individual but given life through the *socio*-cognitive activity of its user that embeds it in a cultural and historical context. It is not a cognitive process *or* a social process: it is simultaneously both”.

Jovchelovitch (2008) explica que as indeterminações são típicas da configuração de sociedade que ela chama destradicionalizada. O espaço para o novo e o desconhecido sempre estiveram presentes, mas as condições da contemporaneidade trouxeram impacto na **forma** como essas representações se desenvolvem e se movimentam. Isso significa enfatizar uma diferença de ritmo, e não de natureza, em relação a um momento anterior (VOLKEIN; HOWARTH, 2005; JOVCHELOVITCH, 2008). O ritmo acelerado diz respeito à exposição a uma diversidade de mundos e práticas, que fazem da novidade uma característica comum do cotidiano (JOVCHELOVICH, 2008). A dinâmica projeta um universo híbrido, que ao invés de substituir o “tradicional” pelo “moderno”, dá subsídios para criação de novos mundos, gestados no conflito (WAGNER et. al., 1999) e a representação “se torna uma forma simbólica mais aberta e instável, afinada à própria diversidade de perspectivas que a constituem” (JOVCHELOVITCH, 2008, p.199). Voltaremos ao tema da heterogeneidade em Moscovici mais à frente.

Por hora, detenhamo-nos em pensar na maneira como a teoria pensa a criação do mundo mencionada acima. Jovchelovitch (2001, 2008), afeita à nossas idéias, sublinha o caráter construtivista da teoria, no “entre” perspectivas clássicas da filosofia. O caminho do meio se situa entre o que a autora chama de **filosofia do sujeito puro**, perspectiva racionalista, baseada em Descartes, que pensa a autonomia do sujeito do conhecimento, capaz de saber todas as coisas e agente exclusivo no ato de dar sentido ao mundo: sua subjetividade é a responsável pelo significado e forma da realidade. Em outra ponta está a **filosofia do objeto puro**, realista, que postula um objeto possuidor de características empíricas próprias que determinam sua existência *a priori* e independente em relação ao sujeito do conhecimento: o mundo e os objetos que o compõem são lugares aos quais é atribuído o status de realidade, um local a ser descoberto e que já existe de antemão ao ato de conhecer (MORENTE, 1976). Subjacente a ambas está uma concepção dualista que separa a realidade

do mundo da experiência do sujeito psicológico, que já comentamos acima. O caminho do “entre” no qual Jovchelovitch (2001) situa as representações sociais preconiza não o sujeito, nem o objeto, mas antes uma relação que se traduz numa figura triádica, de sujeito-objeto-sujeito, para o processo de conhecimento psicossocial. Nesse sentido, tanto a dimensão social quanto a psicológica são contempladas e a representação “se constitui enquanto trabalho, ou seja, a representação se estrutura através de um trabalho de ação comunicativa que liga sujeitos a outros sujeitos e ao objeto-mundo” (JOVCHELOVITCH, 2004, p.22). Esta é a especificidade da Psicologia Social, teorizar nos espaços de mediação, no “entre” que epistemologicamente estão, abandonando a separação radical entre sujeito e objeto e dimensão psicológica e sociológica. Na prática, isso se materializa na fronteira entre o que se conhece e o estranho, as tensões entre opostos, as contradições. Assim, as palavras de Vasconcellos, ainda que não trate das representações sociais em seu livro parecem explicitar bem a postura do “entre” de que fala o construtivismo explicado por Jovchelovitch:

A consciência, no que diz respeito ao dado, percebe por intermédio dos sentidos (os pontos de contato com o real) e dos afetos produzidos por esses sentidos, não inventa a realidade, ela é propriamente parte desta percepção. A consciência não doa sentido ao real, nem cria uma realidade; é parte do mundo. (2006, p.57)

Se pensamos o “entre”, considerar a construção social da realidade expressa um compromisso, o laço formado pelos elementos da tríade discutida por Jovchelovitch (2001) na qual o que importa é o status do conjunto. Embora Moscovici não desconsidere a existência de uma realidade externa, isso não parece ser questão que concerne aos estudos da teoria. As representações sociais só existem, tem importância e serão objeto de apreciação pela teoria na medida em que são identificadas como fenômenos que se enquadram no escopo das representações sociais (MOSCOVICI, 2003). Este limite é sintoma de seu alcance: situada no domínio da psicologia social, se devota a estudar elementos do cotidiano numa perspectiva psicossocial na qual questões de ordem filosófica mais vastas escapam às suas pretensões.

Voltemos à questão da heterogeneidade proposta por Moscovici. Esta idéia se relaciona diretamente à ascendência teórica, seu percurso de formação. O conceito de representações sociais, como comentado anteriormente, surge da formulação durkheimiana de representações coletivas. Moscovici (2001), ao traçar elementos para uma história da teoria das representações sociais, reflete sobre a encomenda que o sociólogo faz à psicologia social. A função desta seria de estudar as leis da ideação coletiva, buscando por comparação a “temas míticos, das lendas e das tradições populares, das línguas, de que modo as representações sociais se atraem e se excluem, se fundem umas as outras e se diferenciam” (DURKHEIM, 1963 apud MOSCOVICI, 2001, p.60). Decidido a embarcar na proposta, Moscovici forja uma teoria psicossociológica que se diferencia do que Durkheim previa para seus desenvolvimentos. Assim, por conta das transformações pelas quais passou o conceito de representação coletiva ao ser apropriado por Moscovici, Duveen (2003) entende o sociólogo como um ancestral ambíguo das representações sociais. A fim de lançar luz nesta ambigüidade que ele representa para a teoria, faremos uma pausa para nos determos na noção de representação coletiva, conceito de onde surgem as representações sociais.

De acordo com Durkheim, a **representação coletiva** é conceito pensado em franca oposição à representação individual: são essencialmente distintas. O coletivo não pode ser pensado como uma reunião ou soma de cada individual (MOSCOVICI, 2001). Ao contrário, situa-se como uma produção da sociedade e responde pela estabilidade da transmissão e reprodução de idéias: inseridas em instituições como a Igreja, a família e o sistema legal, suas possibilidades de transformação são restritas e lentas (JOVCHELOVITCH, 2008). O conceito de Durkheim remete a idéias que atravessam a sociedade e são de difícil mudança, uma espécie de consciência coletiva aceita pelos indivíduos sem discussão. Foram compreendidas e formuladas a partir de uma dinâmica social específica, o contexto da esfera pública tradicional e coercitiva – oposta à sociedade destradicionalizada apresentada acima

(JOVCHELOVITCH, 2008). Ainda segundo esta autora, numa perspectiva evolucionista e linear, Durkheim acreditava que à medida que os sistemas de classificação se libertassem dessas representações coletivas e a afetividade social fosse gradativamente enfraquecendo, as sociedades evoluíam para um estado mais avançado. Importante notar que o sociólogo estava à procura de leis da ideação coletiva, preocupação que se reflete de alguma maneira no trabalho de Moscovici.

A claustrofóbica sociedade de Durkheim foi repensada pelo fundador das representações sociais, baseada na idéia de “não tentar construir um retrato unificado, mas manter em foco a heterogeneidade e a tensão que encontrou nos dados”<sup>4</sup> (VOLKEIN; HOWARTH, 2005, p. 4, tradução nossa). Aqui também se somam as diferenças já mencionadas entre a sociedade destradicionalizada e a tradicional, que guardam continuidade entre si quanto ao espaço para a mudança, mas que diferem quanto ao ritmo das transformações<sup>5</sup> (JOVCHELOVITCH, 2008). Com efeito, a heterogeneidade é recurso necessário para pensar o momento vivido pela França em meados do séc. XX. A fim de conferir significado mais delimitado face à pluralidade, é indispensável que o caráter geral e transversal das representações coletivas durkheimianas seja repensado. Um primeiro ponto diz respeito à dinâmica social: diversos eram os grupos, suas filiações e bases de fundamento na Paris da década de 50, em um mundo onde a produção e proliferação de informações eram maiores em quantidade e alcance com relação ao contexto cartografado por Durkheim: “reconhecendo-se que as representações são [...] construídas tira-se-lhes esse lado preestabelecido, e estático que as caracterizava na visão clássica” (MOSCOVICI, 2001, p.62). Afirmar um domínio psicológico também aponta no sentido da heterogeneidade, sem abdicar das relações com o contexto histórico e social. Assim, o uso do termo **social** substituindo o

---

<sup>4</sup> Cf. original: “He did not attempt to construct a unified picture but to hold central the heterogeneity and tension he found in the data”.

<sup>5</sup> A autora trata esses modelos de sociedade como tipos ideais, afirmando que não são necessariamente características da sociedade de hoje e de ontem, mas que ambas as configurações existem e atuam na formação dos sistemas representacionais.

**coletivo** significa acentuar o caráter dinâmico da representação, capaz de contemplar a heterogeneidade, em detrimento do segundo, que remete ao que é fixo e estático, característico das idéias de Durkheim (DUVEEN, 2003). O foco na comunicação, entendida como um dos pilares que sustentam a teoria, descentra ainda mais as representações coletivas, pois em nossa perspectiva o sujeito criativo gesta, veicula e transforma representações sociais, enfatizando mais uma vez seu movimento.

A atenção especial à comunicação na teoria de Moscovici, além de contemplar as divergências existentes na sociedade, foi também uma resposta necessária ao alinhar a teoria com o domínio psicológico. Jodelet (2001) afirma que a comunicação é objeto próprio da psicologia social e assunto sempre presente na abordagem dos fenômenos cognitivos; remete ainda a objetos clássicos da disciplina, como a influência e a pertença social, embora aqui tratados a partir de uma concepção diferente<sup>6</sup>. Como toda nova teoria, no momento de sua formulação, é preciso que se posicione frente às críticas que existiam no campo, por isso a preocupação recorrente em remeter à psicologia clássica para se definir. Além dessas respostas, epistemologicamente a comunicação é o palco aonde tudo o que discutimos até agora se manifesta, pois é por meio dela que a dimensão social se funda, que a heterogeneidade ganha forma no emergir de novos objetos, no transformar dos antigos. É também por meio da comunicação que o sujeito criativo da representação se manifesta e fica clara a criação e construção que produz coletivamente. Na medida em que afirmamos que o conhecimento sobre os objetos não está acabado ou finalizado, mas em constante possibilidade de mudança e transformação, ressaltamos o papel desta nos processos de formação e modificação.

---

<sup>6</sup>A Psicologia Social pode ser dividida em duas grandes correntes ao longo de sua existência. Farr (2004) propõe uma divisão em uma psicologia social individualista, que tem por foco de produção e divulgação os cientistas situados em solo norte-americano; e uma psicologia social sociológica, mais comum entre os europeus. As diferenças não se reduzem a nomes e locais de produção, mas também contém divergências profundas entre os paradigmas nos quais estão calcados, quanto ao processo de conhecimento, a relação entre sujeito e objeto e numa prioridade em enfatizar o estudo exclusivamente no indivíduo ou em componentes sociais e históricos presentes em seu entorno.



A comunicação se dá por uma multiplicidade de vias, da midiática à conversação informal de todos os dias, fazendo de qualquer um sábio amador (MOSCOVICI, 1978) capaz de se expressar sobre os fatos do mundo, teorizar sobre eles a partir da sua própria experiência e dos conhecimentos, resultado também do atravessamento dos lugares sociais a que cada um pertence. Assim, a representação surge na comunicação e para a comunicação, sublinhando a circunscrição do fenômeno das representações sociais às conversas cotidianas, aos objetos debatidos pelo senso comum. Dessa discussão deriva a idéia de que os diferentes saberes não são dispostos em termos de hierarquia quanto ao valor de verdade que carregam, assunto que retomaremos mais à frente.

O tema da mudança por meio da comunicação é de suma importância para a teoria das representações sociais, tanto que Moscovici tratou de pensar processos psicossociais que respondem a esta questão, tentando estabilizá-la.

Estes processos, dependentes e interpenetrados, são separados pelo autor visando maior clareza na explicação. Talvez resquício da necessidade de buscar leis da ideação coletiva propostas por Durkheim, são tentativas de descrever a partir de quais regras se dá a apropriação dos objetos representados socialmente pelo senso comum. A natureza conjunta dos processos torna por vezes difícil sua separação, pois ambos são parte da apropriação pelo grupo da idéia, enfatizando vieses diferentes.

Na **objetivação**, um elemento novo ao grupo ou ao indivíduo causa sensação de estranhamento e necessidade de compreensão. A fim de dar cabo deste sentimento, é preciso apoderar-se da idéia para operar sobre ela. Moscovici salienta que este movimento se dá pela via do concreto, ao transformá-la em algo quase palpável, pois esta é a forma mais simples de manejar algo que inicialmente é complexo e distante. A objetivação tenta acoplar a palavra à coisa; transformar o que era símbolo em signo (MOSCOVICI, 1978). Esse movimento possibilita que a multiplicidade de sentidos e formas de apreensão do conhecimento sejam

minimizadas, e o objeto transformado em algo mais simples, que possa ser utilizado no cotidiano dos sujeitos. Jodelet (2001) distingue fases na objetivação: a primeira é o movimento de seleção das informações a serem mantidas pelo grupo, a **construção seletiva**; esta é sempre baseada nos interesses, no manejo e nos conhecimentos anteriores do conjunto social, assim como as que se seguem. A ela sucede a **esquematisação estruturante**, movimento necessário após a transformação descrita acima, realizado com o objetivo de reorganizar os elementos que compõem a idéia para que formem um corpo minimamente coerente<sup>7</sup>. A essa operação, segue-se o movimento de aplicação da nova categoria incorporada ao mundo, a **naturalização**, de modo a oferecer um instrumental ao sujeito que permita a identificação dos fenômenos que se encaixam neste predicado. A objetivação diminui a distância em relação ao conceito e transporta para o nível da observação, a coisificação de que falamos antes, o que antes era apenas inferência. (MOSCOVICI, 1978).

Nesta esteira de produção de sentidos, Moscovici postula a **ancoragem**. Trata-se do exercício de atribuição de sentido ao estranho, que pode ser entendido como uma aproximação da idéia por uma via análoga à objetivação. Durante a operação realizada na objetivação, a ancoragem cuida de buscar noções já conhecidas a que o novo possa ser associado. Ela “enraíza a representação e seu objeto numa rede de significações que permite situá-los em relação aos valores sociais e dar-lhes coerência” (JODELET, 2001, p.38). A idéia da âncora de um navio é bem ilustrativa: o grupo busca na bagagem que compõe seus saberes um chão para a novidade se firmar, um ponto de referência que permita segurar tanto o manejo que o grupo adquiriu no mundo, quanto a novidade desestabilizadora<sup>8</sup>. No mar revolto do conhecimento do cotidiano, muitas vezes não se sabe muito bem onde está sendo atirada, ou se este é o lugar mais adequado, mas urge fazê-lo. Como a objetivação, a ancoragem

---

<sup>7</sup> O sentido de coerência aqui proposto não traz a noção de unidade lógica, mas de associação entre elementos. (Houaiss, s.d)

<sup>8</sup> Aqui fica claro mais uma vez a idéia da indefinição dos cortes entre sujeito e objeto, uma vez que a novidade não integrada pode desestabilizar a identidade do grupo.

também é dinâmica: na água, aliás, o barco mesmo ancorado não fica imóvel, tem um perímetro de liberdade... Assim, o novo sentido, antes estranho, passa a ser incorporado ao repertório dos sujeitos tomando por base a bagagem anterior.

Em síntese, a objetivação transfere o objeto para o domínio do ser e a ancoragem o delimita ao domínio do fazer, que atribui sentido e naturaliza o novo. (MOSCOVICI, 1978). Trata-se de um jogo que lida com forma e conteúdo, criando noções e sentidos, no qual a organização interfere diretamente na configuração do conteúdo, que o permeia da mesma maneira. É ponto importante sublinhar que as divisões entre os processos, que na verdade são duas faces de um único movimento, e são puramente esquemáticas, de modo que não é possível identificar o momento da construção seletiva, ou delimitar exatamente onde está a objetivação, isso são inferências teóricas que fazemos sobre os fenômenos visando melhor compreendê-los.

Descrito nestes termos, os processos que são duas faces da aproximação e tentativa de estabilização do estranho e do diferente e aparentam ser quase mecânicos. Semelhante às fases de uma máquina, vão adaptando as camadas da idéia, tentando **integrar a diferença**. Essa sensação nos faz recorrer a um autor que pensa também a novidade, mas é capaz de descrever com outras palavras o efeito da mudança:

Uma pedra lançada em um pântano provoca ondas na superfície da água, envolvendo em seu movimento, com distâncias e efeitos diversos, os golfões, as taboas [planta aquática] e o barquinho de papel. Objetos que estavam ali por conta própria, na sua paz ou no seu sono, são como que chamados para a vida, obrigados a reagir, a se relacionar. Outros movimentos invisíveis propagam-se na profundidade, em todas as direções, enquanto a pedra se precipita agitando algas, assustando peixes, causando sempre novas alterações moleculares. Quanto toca o fundo, revolve a areia, encontra objetos ali esquecidos, desenterrando alguns e recobrando outros. Em um tempo brevíssimo, inúmeros eventos sucedem-se, sem que possamos registrá-los. (RODARI, 1982, p.14)

Tentando responder e integrar a mudança, a objetivação e a ancoragem parecem ser processos que remetem aos antecessores teóricos que fizeram parte da construção dos

fundamentos da teoria, como Durkheim em busca das leis da ideação coletiva. Entendemos que a definição de Rodari (1982) contempla a mudança, situando-a mais distante da estabilidade, e ao mesmo tempo vai ao encontro da idéia de Moscovici. A ênfase na heterogeneidade que vemos no pensamento dele se apresenta mais uma vez, pois é no conflito de idéias, de novas pedras lançadas no mar, que os humanos refletem sobre as representações que carregam e são “chamados para a vida” (RODARI, 1982, p.14). Esta outra citação também contempla os movimentos invisíveis da pedra jogada no mar, idéia sobre a qual queremos refletir no capítulo que trata da metodologia. Isso responde à crítica que afirma que a teoria das representações sociais é um determinismo social que impede a capacidade de reflexão do sujeito. Baseados numa frase complicada de nosso autor, que afirma que as representações sociais “se impõem sobre nós com uma força irresistível”<sup>9</sup> (MOSCOVICI, 1984 apud VOLKEIN; HOWARTH, 2005, p.12, tradução nossa) – muito afeita, aliás, à idéia do fato social coercitivo de Durkheim – as críticas quanto ao determinismo social são sublinhadas. Segundo a construção que empreendemos aqui, as idéias de Moscovici caminham em sentido contrário: toda a epistemologia de nossa ferramenta teórica comunga com o foco na heterogeneidade e na tensão, pois “sem contradição e conflito não existe ‘alimento para o pensamento’ pois não existe nada para argumentar com outros ou consigo mesmo”<sup>10</sup> (VOLKEIN; HOWARTH, 2005, p.13). O interesse pela mudança também se justifica pelo percurso de Moscovici, que não formulou apenas a teoria das representações sociais, mas se destaca também por seus trabalhos sobre as minorias ativas, capazes de introduzir a inovação na sociedade por meios não previstos pelas teorias da **influência social**, tema corrente de pesquisa da psicologia social da época em que as representações sociais primeiro apareceram (DUVEEN, 2003). Decorre também daí a relação simbiótica pensada pela teoria entre a cultura, dimensão social, e a cognição, dimensão psicológica. As

---

<sup>9</sup> Cf. original: “impose themselves upon us with an irresistible force”

<sup>10</sup> Cf. original: To put it simply, without contradiction and conflict there is no ‘food for thought’ since there is nothing to argue about both with others and with oneself.

representações sociais nascem da tensão entre diferentes: “dentro de qualquer cultura há pontos de tensão, mesmo de fratura, e é ao redor destes pontos de clivagem no sistema representacional duma cultura que novas representações emergem” (DUVEEN, 2003).

Muito dissemos sobre a psicossociologia das representações sociais, das relações inseparáveis entre tais dimensões. A proposta firmada no início capítulo ainda precisa ser cumprida, integrando o vetor afetivo que constrói a teia de relações na teoria.

A afetividade é questão pouco discutida mas muito apreciada pelos teóricos que se debruçam sobre as representações sociais. Trata-se de mais uma crítica da qual a teoria é alvo: muitas vezes sua compreensão se restringe à atividade de dominação do estranho, atribuição de sentido e categorização, a partir de um acento prioritariamente cognitivo, principalmente quando se referem aos processos de objetivação e ancoragem (VOLKEIN; HOWARTH, 2005). O trabalho de Banchs trouxe quase 10 anos antes a questão problematizada: “Com efeito, quando se explicam os modos de emergência [...], de organização [...], e construção do conhecimento do senso comum, [...] assim como as dimensões das representações sociais [...] nos encontramos fundamentalmente frente a argumentos relacionados a processos cognitivos” (1996, p.113). A crítica é direcionada principalmente aos trabalhos empíricos, por considerarem que a representação social identificada em um grupo é formada apenas por aspectos racionais; a afetividade passa ao largo na atividade de construção da realidade para um grupo social, ou é contabilizada como parte da atitude, nas dimensões que compõem o objeto<sup>11</sup>.

Banchs (1996) responde apontando que o estudo do afeto, embora de difícil instrumentalização, é ambição de estudos teóricos e práticos como uma forma de ampliação do campo da teoria psicossociológica. Como uma primeira incursão neste campo, o trabalho

---

<sup>11</sup> Segundo Moscovici (1978), as representações sociais são compostas por três dimensões: a **informação** sobre o objeto, o **campo da representação**, que remete à idéia de imagens e modelo social, um conteúdo sistematizado de proposições relativas ao objeto, e a **atitude**, que perpassa as dimensões anteriores, sinalizando orientação geral em relação a ele.

de Lane afirma: “as emoções, junto com a linguagem e o pensamento, possuem um papel mediador na construção de representações” (LANE apud BANCHS, 1996, p.119). Estudos empíricos por ela descritos concluem que o afeto mobiliza os grupos, é capaz de reforçar ou estabelecer núcleos de sentido, facilitar ou inibir a aquisição de conhecimentos (BANCHS, 1996). A autora frisa a necessidade de discutir e teorizar sobre o tema, com a precaução de não tratar as emoções de forma cognitiva, assim como não remeter ao esquema da psicologia clássica no estudo da avaliação e da atitude perante o objeto. Propõe que nos debruçemos em um tema complexo por excelência, pois as emoções, representações e ações são um todo que não deve ser pensado em partes (BANCHS, 1996).

A conferência proferida por Angela Arruda (2007a) trouxe nova luz à questão afetiva levantada no texto pioneiro de Banchs. No cerne da teoria das representações sociais ela discute a potência do cotidiano em suas possibilidades de transformação e afirma que o “afeto é um artífice do possível, que nos sacode e nos coloca em um outro estado de ser que nos empurra para a ação. Ou nos revela um mundo inesperado que é preciso elaborar” (ARRUDA, 2007a, p.4). Assim, o afeto é compreendido como um vetor em potencial para a mudança, que incide diretamente sobre a representação. Se mistura às outras dimensões das representações sociais por impregnar a vida cotidiana no momento da comunicação: o afeto passa tanto pela psicologia dos sujeitos da representação quanto atravessa o social. Dessa construção decorre a reafirmação do postulado de uma dimensão afetiva nas representações sociais, já proposta por Campos e Rouquette (2003). Mas como ele se manifesta na vida diária, na comunicação que mencionamos? O vetor do afeto é como uma fagulha que dá origem ou põe em movimento a representação, pois provoca o pensamento. Nas palavras de Voelkhein e Howarth (2005) em citação mencionada acima, aumenta sua fome. Assim, o debate de idéias que nos afetam acaba por ultrapassar a relação com o objeto de

conhecimento, incidindo sobre a identidade do sujeito, sua ligação com o grupo, suas experiências.

Diferente da atitude, dimensão que expressa a orientação geral com relação ao objeto (MOSCOVICI, 1978) e tem caráter avaliativo, a defesa de uma dimensão afetiva se embasa naquilo que mobiliza sua construção, o pensamento que a envolve e dispara a conversação (ARRUDA, 2007a). Nesse sentido, afirmamos que a dimensão afetiva está na superfície do que provoca o movimento e a gênese da representação.

As pesquisas apresentadas na conferência, inclusive esta da qual participamos com a escrita desta dissertação, propunham pensar o afeto integrado à cognição, influenciando as produções tanto dos mapas desenhados do Brasil quanto as músicas de *funk* do proibidão lastreado na facção carioca do Comando Vermelho<sup>12</sup>.

O estudo da afetividade compreendido no cerne da teoria das representações sociais como um estopim é idéia preciosa para pensar as produções que pesquisamos. É também um desafio tão difícil quanto fecundo, seja para propiciar uma discussão mais intensa dos resultados, seja para contribuir para a ampliação do campo.

Ainda resta um ponto importante que remete a uma promessa feita no texto que guardamos para ser discutido agora. A questão da hierarquia entre os saberes, um dos pilares que sustentam a teoria, o qual não pudemos nos deter por conta dos atravessamentos e da necessidade de discutir outros pontos. Esta preocupação está presente na pergunta que motiva Moscovici: de que forma os objetos da ciência são tomados pela população leiga? Que status é possível atribuir a este conhecimento? O autor quer compreender como se dá o processo de conhecimento ordinário de objetos relevantes para os grupos sociais. O interesse por este assunto se justifica pelo afã da geração de Moscovici em tratar o problema da ciência, de

---

<sup>12</sup> Referência aos sub-projetos coordenados por Angela Arruda, inseridos no projeto de pesquisa **Representações Sociais no contemporâneo: diálogos conceituais**.

como a multiplicação dos estudos segundo estes parâmetros impactou nosso pensamento, nossas perspectivas sociais, enfim, a mudança (MOSCOVICI; MARKOVÁ, 2003).

Assim, ele se debruça sobre o cotidiano e constata que até o momento, o senso comum sempre foi relegado a segundo plano em relação ao conhecimento científico, e muitas vezes compreendido como um obstáculo a ser superado para a formação daquele conhecimento (BACHELARD, 1996). O autor resgata a noção alçando-a ao lugar de objeto de estudo da teoria<sup>13</sup>. Considera portanto que este saber toma de empréstimo uma série de idéias do universo reificado<sup>14</sup> e as retrabalha por outra lógica que não deve ser considerada nos termos de vulgarização ou distorção das “idéias originais” (Moscovici, 1978). Trata-se de compreender tais modificações como um efeito do processo de socialização: o que antes era exclusivamente discutido no domínio da ciência segundo regras estabelecidas, torna-se **assunto** passível de ser tratado por qualquer pessoa. Essas transformações são relativas à formação de um tipo de conhecimento **diferente**, adaptado a outras necessidades, que obedece a regras que não as do conhecimento científico, e deve ter seu caráter criativo e eficaz ressaltado. Moscovici descreve este movimento como uma “reprodução que implica um remanejamento das estruturas, uma remodelação dos elementos, uma verdadeira reconstrução do dado no contexto dos valores, das noções e das regras, de que ele doravante torna-se solidário” (1978, p.26).

O autor argumenta seu ponto de vista pela observação de que a maior parte do conhecimento das pessoas que transitam no mundo se dá pela via do senso comum, ampliando o alcance da teoria, que ultrapassa a apropriação dos objetos da ciência, mas antes, é forma

---

<sup>13</sup> Moscovici é um teórico que se revela no Brasil (ARRUDA, 1998a) em um momento de grande questionamento da psicologia. Suas teorias mais famosas – teoria das representações sociais e das minorias ativas – podem ser entendidas como respostas à crise pela qual passava a psicologia social desde o final dos anos 60 no sentido de que essas produções se mostrassem úteis e relevantes para a sociedade, a fim de fornecer subsídios para dar conta de problemas práticos enfrentados pelas pessoas e pelos grupos sociais na vida cotidiana.

<sup>14</sup> Este conceito é criado para designar a produção científica, seja no âmbito das ciências humanas, ou das naturais. O critério que diferencia este universo de produção de conhecimento do universo consensual está calcado no **método** empregado no processo de produção e comunicação do conhecimento. Sua utilização é polêmica, conforme discussão apresentada no trabalho de Volklein e Howarth (2005).



como os lidamos com os objetos no cotidiano. A sociedade é compreendida como um espaço de grande circulação de informações na qual é impossível tudo saber e conhecer. É o ritmo que mencionamos anteriormente:

o volume inflacionário de realidades indiretas sobrepuja de todos os lados o volume cada vez mais limitado de conhecimentos e realidades diretas. Nessas ocasiões, vemos e pensamos por procuração, interpretamos fenômenos sociais e naturais que não observamos (MOSCOVICI, 1978, p.21).

A consequência disso é uma busca incessante por “estar a par” e “não ser ignorante”. É também o que Moscovici (1978) sinaliza ao mencionar os “sábios amadores” que interagem uns com os outros no processo de comunicação e têm sede de atribuir sentido aos fenômenos cotidianos, à sociedade, enfim, ao universo a que pertencem.

Neste capítulo nos esforçamos em tentar dispor ao leitor as bases da ferramenta das representações sociais, uma teoria compreendida como um sistema aberto que é capaz de dar subsídios para a postura que pretendemos assumir daqui por diante. Discutimos suas características principais remetendo alternadamente tanto ao seu momento de fundação e aos significados decorrentes, como também a discussões contemporâneas a nossa, que tentam responder às críticas das quais é alvo. Assim, a noção de representação é atrelada às formulações epistemológicas das relações entre sujeito e objeto, e da psicossociologia, enfatizando a heterogeneidade e a idéia da mudança na formulação de uma versão processual da teoria, afinada às discussões contemporâneas realizadas entre os ingleses, por exemplo. Nossa ferramenta teórica ganha os contornos que precisamos que tenha para chegarmos às discussões que pretendemos travar ao final do trabalho; o foco em alguns pontos pressupõe uma discussão mais pormenorizada de alguns deles, em detrimento de outros.

A partir disso, pretendemos estudar as representações sociais do Brasil para jovens universitários. Primeiro constatamos, seguindo os passos propostos por Sá (1998) para edificação do objeto de pesquisa nesta teoria, que o Brasil é objeto de conversações entre os brasileiros, conforme atestam estudos como o desenvolvimento do projeto no qual se insere

esta dissertação; como também os trabalhos dos “teóricos de 1870”, que se debruçaram na questão nacional os quais trabalharemos rapidamente no próximo capítulo; bem como outros trabalhos, como a pesquisa de opinião sobre o Brasil trabalhada por Carvalho (1998). Em seguida, baseados em estudos de representações sociais fornecemos os aportes teóricos necessários para o desenvolvimento pretendido por meio do trabalho de Milgram e Jodelet (1976), que discute a representação social de Paris por seus moradores, a ser apresentado também no próximo capítulo. Subsidiados por essa gama de autores, abordaremos o Brasil por meio de desenhos esboçados do país por participantes localizados em universidades baianas no momento da aplicação desta pesquisa. Mais detalhes sobre estas questões serão apresentados nos capítulos que se seguem. Esta breve descrição tem objetivo de começar a familiarizar o leitor com nossa problemática.

Assim, o próximo passo é apresentar o percurso metodológico, passando por algumas das referências que citamos acima, até chegar a uma proposta que vibre de acordo com as idéias que embasaram a construção da ferramenta de pesquisa das representações sociais, para então nos lançarmos ao trabalho com os mapas.

### 3 Percurso

*Você me pergunta  
Aonde eu quero chegar  
Se há tantos caminhos na vida  
Raul Seixas*

#### 3.1 O método como questão

*Na órbita de um flerte  
Perdidamente  
A trajetória é uma  
Atração permanente  
João Bosco*

No capítulo anterior apresentamos a ferramenta teórica das representações sociais como ponto de partida para pensarmos os mapas produzidos por esta pesquisa. Neste segundo capítulo o objetivo é partir numa viagem fundamental para o bom andamento de nosso trabalho. Assim como a teoria, a metodologia na escrita acadêmica faz parte da construção do objeto pesquisado, pois tanto as escolhas teóricas quanto metodológicas definem sua forma de compreender o mundo, uma política cognitiva<sup>15</sup>. Muitos foram os autores que escreveram sobre a importância de pensar o método no campo qualitativo (CICOUREL, 1980), característica marcadamente presente entre os trabalhos etnográficos (GEERTZ, 1989; CLIFFORD, 2002; CAIAFA, 2007, entre outros).

É importante ainda que o método adotado não seja completamente disparatado em relação à escolha teórica, com perigo de fazer do trabalho uma bricolagem disforme, transformando-o num Frankenstein teórico. Dessa maneira, devemos pensar a relação entre a teoria e o método cuidadosamente, principalmente direcionado à necessidade de congruência epistemológica entre ambos. Ao negligenciar essa possibilidade o pesquisador corre o risco de

---

<sup>15</sup> Afirmar diferentes políticas cognitivas significa apontar posturas assumidas pelos pesquisadores no campo de pesquisa que são decorrentes das concepções que adotam teoricamente (KASTRUP; TEDESCO; PASSOS, 2008)

ter sua pesquisa dificultada desde seu princípio. Embora tais cuidados sejam necessários, eles não significam que um método deve estar necessariamente atrelado a uma teoria, engessando novos caminhos que ambos possam tomar, mas que o pesquisador deve se certificar da possibilidade de convergência entre estes, operando articulações entre os universos. A teoria das representações sociais, como já afirmamos no capítulo teórico, tem como um dos sintomas de sua vitalidade as diversas abordagens metodológicas utilizadas e inspiradas por ela (JODELET, 2001), o que demonstra as muitas relações possíveis entre estes dois aspectos da pesquisa. O fato deste capítulo se apresentar em formato de percurso, que remete aos flertes acadêmicos que empreendemos, é um sintoma disso.

Assim, mais do que um método, nosso objetivo é apresentar o percurso e as escolhas de pesquisa realizadas em passos que não são necessariamente sucessivos. O capítulo começa do interesse em estudar as representações sociais de Brasil e no esforço de pensar uma metodologia que seja capaz de contemplar o território, o mapa psicossociológico pensado pelos brasileiros, que não se dê apenas pela via das palavras. Inspirados por pesquisas anteriores nos lançamos ao desafio de trabalhar com imagens. O segundo passo, depois de formulada a idéia, foi de buscar meios de analisar as produções dos participantes: recorreremos ao trabalho de construção de matrizes de categorização que pudessem nos dar contornos gerais das noções compartilhadas do país que ganhavam forma nas palavras dos participantes da pesquisa. No terceiro passo, um mergulho ainda mais aprofundado foi feito, à procura de maior respaldo para as interpretações do Brasil realizadas nos desenhos. A pergunta que nos motivava era formulada nos termos de busca pela origem: de onde vêm esses significados, são criações baseadas em que tipo de representação que circula no imaginário brasileiro? A tentativa de resposta buscou entre os estudiosos da questão nacional os clássicos, os teóricos, os questionadores, os brasileiros do passado e do presente, mas tanto investimento na identidade não vingou. O viço apareceu com mais-um-passo: a proposta da cartografia.

Decidimos por fazer um capítulo de percurso em virtude das transformações vividas pelo trabalho ao longo de seu desenvolvimento. O ambiente de pesquisa no mestrado aponta para muitos caminhos, muitas possibilidades que permitem potencializar uma infinidade de caminhos de pesquisa. A qualificação da dissertação, já afirmada como fundamental para a riqueza de seu percurso, com argüições sensíveis e precisas, lançou sementes que nos encorajaram a constituir uma postura de pesquisa e embarcar na viagem, pois para viajar, como apresenta a epígrafe que norteia este trabalho, basta existir e querer.

Nosso grupo de pesquisa é afeito a pensar novas metodologias que reconfigurem o campo, se aplicando a muitas relações, sejam metodológicas, sejam teóricas com outros campos de conhecimento: este capítulo refaz o percurso de flerte de atração permanente de nossa pesquisa com a geografia, a semiótica, a história, as cartografias...

### 3.2 Primeiro passo: a construção do objeto de pesquisa

*o ser cidade,  
seus espetáculos, sua arquitetura, trajes e tradições  
como quem aperta um botão da mesa  
de uma ilha de edição  
Waly Salomão*

A construção metodológica do objeto desta pesquisa foi baseada na abordagem dos mapas mentais, conforme pensados no trabalho realizado por Milgram e Jodelet (1976). O projeto pioneiro destes pesquisadores nos deu subsídios para formular um instrumento de pesquisa para nossos propósitos de explorar as representações sociais de Brasil, trazendo reflexos dessa experiência, bem como parte da metodologia por eles utilizada.

A partir desta idéia, formou-se um grupo de trabalho internacional de nome **Imaginários Latino-americanos**, que reuniu pesquisadores do México, Venezuela, Brasil e França, devotados em estudar as relações entre as representações sociais e as teorias do

imaginário em trabalhos que tinham como objeto questões pertinentes à América Latina. Este grupo, sediado no Laboratório Europeu de Psicologia Social (LEPS) da Maison de Sciences de L'Homme de Paris (MSH) foi coordenado por Angela Arruda<sup>16</sup>. O projeto, iniciado em 2001 e já finalizado em âmbito institucional ainda proporciona o encontro e a troca de idéias entre os pesquisadores e tem como produto das discussões o livro **Espacios Imaginários y Representaciones Sociales**, organizado por Angela Arruda e Martha De Alba (2007b).

Depois do rápido intervalo para explicar as origens do projeto, voltemos às explorações de Milgram e Jodelet, nos debruçando primeiro sobre esta obra fundamental para formulação do projeto de pesquisa no qual nosso trabalho se insere, para em seguida descrever rapidamente os termos em que formulamos o Brasil com objeto.

A partir de um objetivo principal – a compreensão da imagem da cidade – Milgram e Jodelet (1976) embarcaram em um estudo lastreado numa diversidade de métodos e instrumentos, a fim de delinear o mapa psicológico de Paris por seus moradores. Assim, aplicaram a 218 participantes um instrumento de pesquisa composto por um desenho da cidade com numeração (por ordem de elaboração) e descrição dos elementos desenhados; identificação verbal de fotografias de lugares da cidade; associação entre os nomes de lugares na cidade; marcação, entre os 80 distritos administrativos de Paris, dos mais familiares, bem como dos menos conhecidos e ainda uma entrevista com diversas perguntas e mapas para assinalar respostas. Pesquisadores criativos, Milgram e Jodelet tentaram recorrer a variados meios que pudessem fornecer pistas para alcançar seus objetivos em meio a uma infinidade de métodos e técnicas de pesquisa. Para nós, uma entre estas merece atenção especial: o desenho da cidade. Estes foram apresentados nos resultados finais da pesquisa a partir da escolha de desenhos prototípicos, trazendo contribuições interessantes para o estudo. Os autores

---

<sup>16</sup> O grupo internacional é formado por Angela Arruda, Martha de Alba, Álvaro Agudo Guevara, Tunico Amancio, María Auxiliadora Banchs, Alfredo Guerrero Tapia, Denise Jodelet, Mireya Lozada Santeliz, Clarilza Prado de Sousa e Lilian Ulup.

concluíram, também por meio dos mapas desenhados, que a cidade é objeto de teoria dos seus moradores, o que lhes permite construir uma realidade, expressada e patente nas distorções de tamanho e forma, detalhamento e escolha dos elementos nos desenhos. Estes resultados forneceram pistas que os levaram a concluir que o mapa orienta os comportamentos dos moradores, pois expressa aonde ir ou não, que lugares são valorizados e familiares ou ainda o que desejam para a cidade. Curiosamente, mais um trabalho que tem por foco a população parisiense e traz importantes contribuições para nossa pesquisa, que deseja pensar a América Latina.

Alguns dos resultados decorrentes das observações dos mapas são importantes para contribuir junto aos desenvolvimentos inicialmente propostos. Os autores perceberam que provavelmente, o que é mais importante aparece primeiro (MILGRAM; JODELET, 1976) e que a organização destes mapas se dava a partir do elemento mais presente e desenhado em primeiro lugar, o rio Sena. Tomando por base o rio, os outros elementos escolhidos pelos participantes retratavam uma Paris turística, na qual se destacavam os monumentos, praças e museus. Mesmo locais de alto valor estético, como algumas praças da cidade, não eram retratados no mapa ou reconhecidos nas fotografias, fazendo vir à tona um viés social para a escolha dos lugares tanto desenhados como lembrados: “o critério social determina, por meio da seleção e repetição, quais características da cidade adquirem importância nos mapas mentais dos habitantes”<sup>17</sup> (MILGRAM; JODELET, 1976, p.117, tradução nossa). Outro resultado significativo foi relativo a perguntas sobre os distritos administrativos apontados como familiares pelos participantes e a comparação com os não-familiares. A reunião de tais respostas chama atenção por corresponder aos limites da última muralha da cidade, demolida em 1859.

---

<sup>17</sup> Cf. original: “Social definition determines, through selectivity and reiteration, which features of the city acquire salience in the mental maps of the inhabitants”.

Estes apontamentos demonstram que as múltiplas abordagens metodológicas trouxeram informações que talvez não pudessem ser apreendidas por meios mais ordinários de pesquisa, compostos por entrevistas e questionários. Para pensar a cidade, que conta com uma infinidade de vetores, entre eles, sociais, geográficos, arquitetônicos, históricos, etc. é interessante usar meios não-ortodoxos de pesquisa para possibilitar que resultados (virtualmente) novos surjam. Assim, além de formular uma metodologia de pesquisa privilegiada para o estudo específico deste objeto, comunga com a idéia da construção coletiva da realidade pelos sujeitos.

Pautado por essa obra e estes resultados, o instrumento que dá origem a este trabalho<sup>18</sup> foi composto por três partes. Na primeira, os participantes foram instruídos a desenhar o contorno do Brasil, assim como o que acreditavam existir nele, descrevendo na ordem de elaboração os elementos presentes, bem como explicando porque os fizeram, além de atribuir um título ao mapa e enumerar por ordem de importância os elementos desenhados. Em seguida, eram solicitados a responder duas a questões abertas sobre a unidade e a diferença do Brasil: “Por você acha que tudo isto é Brasil?” e “O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?”. A segunda parte do instrumento é composta de diversos mapas do país, com e sem o contorno das divisões políticas dos estados, nos quais os participantes eram solicitados a marcar características e responder perguntas sobre este preenchimento. Os conteúdos das perguntas desta segunda parte estavam relacionados aos locais com os quais imaginavam existir mais manifestações culturais do Brasil, a presença de fatos históricos, distribuição de riqueza e pobreza, grupos étnicos, imigração, atividades econômicas, religião, identificação dos estados, grau de informação sobre estes, preferências, caracterização das

---

<sup>18</sup> O questionário, que foi aplicado no quadro do projeto mais amplo, “Imaginário e Representações Sociais do Brasil” se inspirou no formato utilizado para a pesquisa sobre os mapas mentais de Paris, e contou com a contribuição de Denise Jodelet em sua confecção.



naturalidades e ainda um mapa para destacar a América Latina. A terceira parte do instrumento continha perguntas de natureza sócio-econômica sobre cada participante<sup>19</sup>.

### 3.3 Segundo passo: análises

*Ser eu sei. Quem sabe esta cidade me significa*  
Paulo Leminski

Partimos de uma combinação teórica e metodológica que busca abordar objetos de representação por outro **meio**: a dimensão não-verbal ganha papel especial na construção das representações. Nos desenhos de Brasil é possível delinear elementos imagéticos do objeto de representação social e assim obter aproximação diferente à complexidade simbólica das representações. Esta é a proposta do grupo de trabalho **Imaginários Latino-americanos** que mencionamos na sessão anterior: pensar a teoria e sua relação com outros campos de estudo, como as teorias do imaginário, assentados no âmbito do continente latino-americano. Esta configuração de pesquisa também se mostrou profícua para reflexões sobre a afetividade, apresentando-a de um novo lugar na teoria (ARRUDA, 2007a).

Tomada por esta proposta, Martha de Alba (2003, 2004), participante do grupo, trabalhou com os mapas da Cidade do México desenhados por seus moradores cujos desenvolvimentos trilharam caminhos que confirmam algumas das observações de Milgram e Jodelet (1976). Assim como estes, ela concluiu que os mapas desenhados não são o reflexo do que existe fisicamente no ambiente urbano, mas do que é valorizado socialmente. Tendo por norte a teoria das representações sociais, ela identificou os processos de construção da representação nos mapas desenhados: eles são a objetivação da cidade, no sentido em que os lugares que se repetem formam um esquema figurativo que não guarda necessariamente

---

<sup>19</sup> No Anexo A desta qualificação consta uma cópia do instrumento de pesquisa utilizado, composto pela primeira parte do mencionado instrumento (Q1) e o questionário de perfil.

relações com a realidade física. Já a ancoragem é identificada nas tipologias, nas lógicas dos mapas: o movimento de categorização das zonas da cidade – seja obedecendo a um critério administrativo, ou relacionado aos sítios históricos – são tentativas de atribuir um sentido à cidade (ALBA, 2004).

Embora sejam fontes de inspiração, tais desenvolvimentos possuem semelhanças e diferenças quanto ao trabalho que esta dissertação se propunha realizar. O Brasil não pode ser entendido somente como uma entidade física: por tratar-se de um país, com característica de possuir dimensões continentais, os moradores não podem circular por ele como numa cidade<sup>20</sup>. Assim, as informações são retrabalhadas a partir da inserção do grupo a que pertencem, e compreendidas de acordo com aquelas adquiridas e imaginadas ao longo da vida social da “sociedade de pensadores amadores” pensada por Moscovici (1978).

Outras pesquisas, ainda que não baseadas na teoria das representações sociais, também utilizam mapas como elemento de análise, fugindo ao uso mais corriqueiro daqueles cognitivos e mentais<sup>21</sup>. O trabalho de Bomfim e Pol (2005) se dedica a pensar a dimensão afetiva presente em mapas cognitivos de Barcelona e São Paulo e conclui que os desenhos e o discurso dos habitantes mostram que as emoções podem funcionar como vetores que direcionam a avaliação da estima dos sujeitos sobre a cidade. Os autores apresentam as metáforas presentes como a melhor forma de apreender estes sentimentos, e traduzem essa facilidade ao considerá-las, junto aos desenhos, como um caminho possível para acessar a via das emoções antes de uma maior elaboração.

Paralelo a estes trabalhos, Alfredo Guerrero, também membro do GT, desenvolveu no México um trabalho semelhante ao nosso, uma vez que utilizou o mesmo questionário desta pesquisa, aplicado a jovens mexicanos universitários dos mesmos cursos que nós ao longo de

---

<sup>20</sup> O trabalho de Milgram e Jodelet (1976) e Alba (2003, 2004) mostram que nem mesmo no espaço de uma cidade todos os seus bairros são visitados por seus habitantes, abrindo caminho para a dimensão imaginária desta representação também. Importante ressaltar que esta dimensão não existe somente sobre o que não se sabe.

<sup>21</sup> Sobre este assunto, cf. Gould (1973), Pinheiro (1998), e Rattenberry, Puebla e Stea (1998).

todo o país, lançando mão de uma análise hermenêutica dos mapas (GUERRERO, 2007). O objetivo inicial era estabelecer comparações entre México e Brasil.

Mas os caminhos de pesquisa são muitos e virtualmente imprevisíveis, como fala a epígrafe do capítulo, e demos início ao trabalho de análise por outra via que não a hermenêutica. Baseados nas contribuições da semiótica de imagens pensada por Penn (2000), o trabalho do geógrafo Saarinen (1973) que formulou princípios que regem os desenhos de mapas de estudantes, as técnicas de análise de conteúdo de Bardin (1977, 2003) e estudos sobre o pensamento brasileiro (HOLANDA, 1986, CUNHA, 2001, CHAUI, 2000, DA MATTA, 1978, 1986 e outros) demos início a nossa análise. Na companhia desses autores trabalhávamos num grande empreendimento que foi o projeto **Imaginário e Representações Sociais do Brasil**. Financiado pela FAPESP/FCC, pelo CNPq e pela FUJB, o questionário que mencionamos na sessão anterior foi aplicado a 1029 jovens de universidades públicas e privadas, estudantes do primeiro ano, de estados que abarcavam as cinco regiões geográficas do país: Pará, Pernambuco, Bahia, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, nos cursos de enfermagem, engenharia, medicina, pedagogia e serviço social<sup>22</sup>.

Este projeto, levado a cabo também no México, como apresentamos rapidamente acima, produziu um volume considerável de dados – que como tal só podiam ser trabalhados por uma equipe numerosa<sup>23</sup> – e ainda podem ser explorados por muitos anos por outros pesquisadores corajosos que se aventurem a pensar junto aos 1029 participantes. Baseada principalmente nos autores acima mencionados, a análise começou a ganhar forma na construção de uma matriz de categorização das respostas escritas dos participantes. Esta se ateve à uma amostra de 169 mapas, e às respostas verbais de descrição do mapa – a primeira

---

<sup>22</sup> As justificativas quanto a delimitação desta população constam no ANEXO B desta dissertação, junto à informações mais precisas sobre a amostra específica que trabalhamos neste dissertação.

<sup>23</sup> A equipe coordenada pelas professoras Angela Arruda e Lilian Ulup foi composta por Ana Carolina Dias Cruz, Luana Pedrosa Vital Gonçalves, Amanda Cerdeira Pilão, Paula Brito Cordeiro, Paulo Cardoso Ferreira Pontes, Tamara Galieta Nascimento, Cristal Oliveira Moniz de Aragão, Joana Coelho Barbosa, Juliana Maria Santos Rodrigues, Sara Costa Cabral Mululo, Renilma Coelho, Márcia Inês Ribeiro, Thiago Francisco Abraia Crespi e Verônica Braga dos Santos.

parte do questionário é composta de itens para a descrição de “o quê” foi desenhado e “por quê” o foi. A complexidade das respostas exigiu adaptações da metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2003, 1977). A leitura flutuante – proposta pela autora como o primeiro passo para a formulação das categorias baseadas nos temas – identificou eixos de significação que organizavam o conjunto de categorias e atravessavam diferentes descrições. Disso decorreu a necessidade da equipe aplicar-se ao estudo de intelectuais do pensamento brasileiro com objetivo de delimitar quais seriam tais eixos, pois não eram restritos à nossa população, mas atravessam o pensamento brasileiro como um todo. Assim, buscávamos balancear o foco de visão dos conteúdos dos mapas: ora voltando-o para o conjunto, ora para as diversas respostas dos sujeitos, ora para cada questão em particular, a fim de apreender o sentido nas palavras do participante. Isto significou uma constante busca pela flexibilidade, com objetivo de sustentar um permanente movimento de aproximação e de distanciamento das respostas; de forma análoga ao fotógrafo ou cinegrafista, o exercício dos pesquisadores era de alternar um olhar focado na abertura de uma lente grande angular, uma visão panorâmica, e o *zoom* no específico (ARRUDA et. al., 2005). A estruturação da matriz de categorização foi produto tanto de estudos precedentes relativos ao pensamento brasileiro, quanto a análise de conteúdo de Bardin, além dos pressupostos da teoria das representações sociais (ARRUDA et. al., 2005).

O produto final desses movimentos foi uma matriz com uma dupla entrada de classificações, na qual estão presentes tanto dimensões mais abrangentes, eixos de significação – como por exemplo a diversidade, a riqueza e o contraste – quanto elementos específicos a serem marcados, relacionados à maneira como essas dimensões se materializam – diversidade **natural**, riqueza **dos recursos naturais**. A percepção de todas essas nuances e as adaptações realizadas foi capaz de organizar e conferir um sentido panorâmico às respostas escritas dos participantes, mas deixam de fora a abordagem da imagem, uma vez que a

construção da matriz foi baseada exclusivamente no material verbal. Assim, uma proposta análoga foi pensada, a partir da análise das imagens paradas proposta por Penn (2000).

Esta autora, balizada pelos conceitos da semiologia, principalmente no trabalho de Barthes, forneceu bases que auxiliaram a formulação de um protocolo de análise da imagem, que remete também ao artigo de Bomfim e Pol (2005). A utilização da semiologia na análise da imagem é inspirada nos desenvolvimentos desta disciplina aplicada ao verbal, que serve de modelo à porção imagética da pesquisa. A transposição foi realizada pela aplicação às imagens das categorias da semântica. Esta proposta requeria uma descrição detalhada da imagem, que exige num olhar minucioso com objetivo de extrair todas as informações acerca dela, mesmo aquelas que não parecem inicialmente evidentes. Trata-se de um exercício de **análise** na acepção da palavra, de “quebra” dos elementos do desenho acompanhado de um olhar pormenorizado a cada um dos pedaços que o compõem, sempre em conjunto com o material verbal. O inventário proposto foi pautado na precisão e num esforço do analisador de tornar claros e inteligíveis todos os elementos do desenho, descrevendo o tamanho, a cor, localização, o processo de construção da imagem e os conteúdos literários do material (PENN, 2000). Aqui também incorporamos itens que se mostravam relevantes a partir da leitura flutuante dos mapas, como a marcação dos espaços em branco. Os princípios estabelecidos por Saarinen (1973), como o que fala da proximidade – quanto mais próximo e familiar o local, mais detalhes contém o mapa (SAARINEM, 1973) – também são parte do protocolo. Sistematizamos também aspectos mais gerais, como a lógica que acompanha a construção do desenho e a sua tonalidade afetiva. Após a descrição sistemática – nos termos da autora, denotativa da imagem – deve-se examinar “os níveis mais altos de significação: conotação, mito e sistema referentes” (PENN 2000, p.340), de acordo também com a proposta de Barthes (1989).

Preocupada em abarcar a totalidade do material pesquisado, a criação da matriz acabou por se mostrar um instrumento de pesquisa útil para fornecer as grandes linhas de representação que compunham os mapas. Focados no conteúdo e com o norte numa interpretação mais fiel possível aos dados, trabalhos sobre essas linhas foram escritos (SOUSA, 2005, 2006), dedicados à Bahia (ARAGÃO; ARRUDA, no prelo), ao eixo Rio-São Paulo (ARRUDA et. al., 2006), ao Rio Grande do Sul (CRESPI; RIBEIRO; ARRUDA, 2006), ao Brasil desconhecido (RODRIGUES; ARRUDA, 2006) e sobre os estereótipos das naturalidades (ARRUDA; GONÇALVES; MULULO, 2008).

### **3.4 Terceiro passo: agarrar-se na identidade ou por uma análise que valorize a busca da história e da nação**

*Quem é você?  
Diga logo que eu quero saber o seu rosto  
Chico Buarque*

Neste passo, seguindo e tentando ampliar o raciocínio construído até aqui, buscamos elementos que pudessem dar maior estofamento à análise que pretendíamos fazer, aprofundando a ênfase no conteúdo e buscando na disciplina da história, histórias que pudessem ajudar a compreender melhor os sentidos veiculados pelos desenhos: a que eles se remetiam, de onde vinham, criavam sobre o quê? Debruçar-se sobre o estudo do que está em jogo nos sentidos de Brasil operados pelos participantes é destacar uma figura construída por estes jovens que possivelmente se relaciona com saberes anteriores sobre o país. Recorrer a estas outras perspectivas, longe de comparar o sentido construído pelos participantes da pesquisa com teóricos, é um recurso acessório para, nos caminhos da procura pelos indícios propostos por Ginsburg (1989), contar com mais elementos para compreender as imagens de Brasil veiculadas pelos estudantes, também direcionado ao aprofundamento nos processos que compõem o estudo das representações sociais, a objetivação e a ancoragem.

Assim, mergulhamos no debate sobre a identidade nacional e o sentimento de nacionalidade, mas essas noções mais confundiram do que nos explicaram qualquer coisa. Ao lado da ansiedade em saber qual é o Brasil dos baianos, retratada no “quem é você” de Chico Buarque, colocamos o exceto da música de Tom Zé, que também expressa os movimentos desta seção. Se o objetivo é apresentar o percurso, vamos às características desse passo.

*Eu tô te explicando pra te confundir  
Eu tô te confundindo pra te esclarecer  
Tom Zé*

Ianni (2002) afirma que o debate em torno do que é o país é questão que não cessa:

A despeito de quem tem nome e história, território e fronteiras, bandeiras e hino, população e governo, heróis e santos, memórias e esquecimentos, glórias e sofrimentos, ruínas e monumentos, debate-se contínua e periodicamente no sentido de conhecer-se definir-se, estabelecer o seu lugar no mapa do mundo (IANNI, 2002, p.178).

Mais do que a busca por um conceito, esses debates carregam uma inquietação – além de política, econômica e social, talvez também de ordem afetiva – da elite brasileira, desde tempos antigos, na busca de elementos para a construção de uma identidade e marcar diferença com relação aos outros<sup>24</sup>.

A questão da identidade nacional, entendida como um sentimento de nacionalidade pode ser compreendida e expressada como um conjunto de representações sociais (ARRUDA; ULUP, 2007c); são assim consideradas porque existem como materialidade, são constitutivas da vida dos grupos e matéria de discussão. Seguindo esta via, o trabalho de De Rosa e Mormino (2002) compõe um sistema interessante, que conjuga, no estudo do sentimento do nacionalismo, as teorias da identidade social, memória social e representações sociais, que convergem em um tripé alimentado pelas forças de cada uma dessas raízes, em nome de uma

---

<sup>24</sup> A noção de identidade é tema amplamente discutido e sempre subordinada e acompanhada pela diferença, pela alteridade (SAID, 1995; ARRUDA, 1998b).

coesão nas noções do que são os países de origem de jovens europeus e a relação destes com a formação do bloco da União Européia. Mas o que é a nação? Do que trata o sentimento de coesão?

A nação compreendida como uma comunidade simbólica nem sempre existiu. Foi somente a partir da emergência de sistemas que ameaçavam a soberania nacional, como os regimes de cunho socialista e comunista, que se materializou um esforço maior por parte dos governos europeus de cultivar este sentimento por meio da criação de simbolismos nacionais (ANDERSON, 1998; CHATTERJEE, 2000, CRUZ, 2006).

Benedict Anderson (1998) sublinha a importância de pensar a questão nacional na contemporaneidade. O tema de pesquisa da nação, eclipsado desde o final da década de 1960 até o surgimento da obra **Imagined Communities** em 1983<sup>25</sup>, é reanimado por Anderson ao notar que alguns dos movimentos sociais e políticos ocorridos depois da Segunda Grande Guerra têm suas definições e valores baseados na questão nacional, que remete ao passado pré-revolucionário (CHATTERJEE, 2000).

O conceito principal que marca o trabalho de Anderson é a compreensão da nação como uma “comunidade política imaginada” (1998, p.14). O acento da formulação recai sobre sua qualidade imaginada, pois os membros do corpo da comunidade possivelmente não conhecerão a maior parte de seus compatriotas, e nem sequer ouvirão notícia sobre sua existência individual, embora na mente de cada um esteja vivo e pulsante o sentimento de suas relações e comunhão. Mais do que isso, a nação é também imaginada pois é inventada: “o nacionalismo não é o despertar das nações para a autoconsciência: ele inventa nações onde elas não existem” (GELLNER apud ANDERSON, 1998, p.14). Embora a invenção, para alguns – como o próprio Gellner – tenha caráter de falsidade e imposição, em Anderson (1998) essa proposição é entendida no sentido de criação de mundos: “as comunidades não

---

<sup>25</sup> No Brasil a tradução do livro só foi publicada 1998, sob o título não muito condizente com o original, de **Nação e Consciência Nacional** (ANDERSON, 1998).



devem ser distinguidas por sua falsidade/ autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas” (ANDERSON, 1998, p.15). A imaginação é aqui tomada em diversas acepções, seja oposta ao que é real, material, como presente na primeira formulação deste parágrafo, num sentido de “faculdade de formar imagens de objetos que não foram percebidos” (FERREIRA, 1986, p.918) seja no sentido de criação e invenção, como na segunda acepção. A questão da identidade parece perpassar seu trabalho: a nacionalidade se constitui ao marcar uma **diferença** com relação aos outros, e uma afirmação de si com relação a estes.

Não satisfeitas com esta explicação, buscamos autores que debatem a questão nacional a partir de outros vieses, da perspectiva do colonizado, e que por vezes definem seu trabalho como “estudos subalternos e pós-coloniais”<sup>26</sup> e reivindicam a atividade do colonizado na construção de uma identidade que foge aos padrões propostos por Anderson. São os teóricos do **entre-lugar**<sup>27</sup>.

Balakrishnan (2000), de origem paquistanesa, questiona o trabalho de Anderson ao perguntar se é possível estabelecer qualquer característica cultural que designe uniformemente a nacionalidade, como uma lei que rege a formação das nações. Chatterjee (2000), teórico hindu, reivindica a possibilidade de imaginação para o mundo oriental. Isto significa que para ele, os moldes de identificação da nacionalidade de Anderson e suas comunidades imaginadas não podem ser simplesmente copiados à maneira indiana; o meio e as condições criam um novo caminho, um novo contorno acompanhado de um sentimento diferente de nacional. O autor não nega o conceito de comunidade imaginada, mas contesta seu valor universal: imaginar é preciso e necessário para descobrir-se nação. Esta **atividade** identificada e estimulada nos colonizados de Chatterjee (2000) cria novos caminhos de entendimento, e

---

<sup>26</sup> Partha Chatterjee é professor do departamento de economia da Universidade de Minnesota e membro fundador dos Estudos Subalternos e Pós-Coloniais.

<sup>27</sup> Salman Rushdie, escritor nascido em Bombaim, estudou em terras inglesas (BHABHA, 1995) e afirma que alguns dos intelectuais que trabalham com a questão nacional estão em posição privilegiada ao aplicar-se a este estudo pois são sujeitos hifenizados, homens traduzidos que tem suas raízes fincadas nos países que um dia foram colonizados mas estudam ou vivem nos colonizadores. Estão assim, no **entre-lugar** (BHABHA, 1998) de mundos, um espaço híbrido e deslizante de negociação entre as partes.

concorda com a tese central de Said (1995). Este autor, paquistanês, debate a gênese e transformação do sentimento de nação a partir de produções artísticas de ingleses relacionada à atividade imperialista britânica do início do séc. XX. A brilhante interpretação contrapontística realizada por ele é baseada na idéia de que não somente no campo da política e da economia, mas também na cultura se definem eu e outro, identidade e alteridade. Este é aliás, campo privilegiado da atividade de dominação e deve ser compreendido como contaminada pela política e não “antissepticamente isolada de suas filiações mundanas” (SAID, 1995, p.14). Segundo ele, as incursões européias – nos livros materializadas pelos britânicos – aos países da África e da Ásia não se resumiram a invasão e imposição da cultura ou modo de vida trazido pelos viajantes, mas antes, este encontro trouxe conseqüências profundas para ambos. Trata, portanto, de questões de identidade e de alteridade no choque desestabilizador nas duas partes.

Nas terras tupiniquins o debate não é mais tranqüilo. Desde o início da discussão, os chamados “teóricos de 1870” – que mantiveram discussões sobre a questão nacional até cerca de 1920 (NAXARA, 1998; MOTA, 2000) –, precisavam responder ao rebuliço científico causado pelo imperialismo, que trouxe consigo as teorias “científicas” do **darwinismo social** e **racismo científico** (NAXARA, 1998). Materializadas pelas obras de autores como Gobineau e Bucke, que tratam de teorias de determinismo racial e climático (MOTA, 2000) como fatores que intervém na edificação da civilização e justificam a atividade predatória das nações brancas e européias em relação ao restante do mundo. Que lugar o Brasil e o povo brasileiro ocupam em meio a todas essas idéias? O impasse que surge do encontro com essas teorias e a tentativa de enunciação de uma identidade nacional para o povo em formação é marca dos intelectuais brasileiros deste momento (SLENES, 1998; MOTA, 2000). O **dilema** foi descrito por Antônio Candido como uma marca do pensamento latino americano, pois “a reflexão sobre a realidade foi marcada (...) pelo senso dos contrastes e mesmo função dos

contrários – apresentados como condições antagônicas em função das quais se ordena a história dos homens e das instituições” (1986, p.xlii).

Assim, o tema da identidade nacional é problemático, e somadas as condições dilemáticas do contexto brasileiro, se desagrega ainda mais, coagulando na explosão anunciada por Otávio Velho (2007). Em conferência proferida na ANPOCS ele identifica um mal estar no campo da antropologia, pois o discurso sobre a nação atingiu um limite como paradigma que explica a realidade, trazendo para discussão figuras que segundo ele, escapam à tentativa de unidade do Brasil, como os neo-índios, os sem-terra e os quilombolas (VELHO, 2007). O debate em torno da questão não é novidade apresentada por Otávio Velho, mas também está longe de se resolver ou definir.

Passeando pelo campo da história e da antropologia e com mais perguntas do que respostas que nos ajudassem a pensar junto com os mapas, a busca pela identidade, a procura por um sentido que estabilize os mapas parece vã, ainda que se trate de um conceito retrabalhado, baseado na multiplicidade e com espaço para a imaginação. Tentar buscar nesses textos explicações e pistas que ajudem a compreender melhor a circulação das interpretações de Brasil que aparecem nos mapas foi uma incursão que não resultou no viço que esperávamos. Assim, é preciso dar um passo em outra direção.

### **3.5 Mais um passo – será que chegamos a algum lugar? Crítica da identidade ou por uma nova política cognitiva**

*O raciocínio lento  
O poço, pensamento  
O olho, orifício  
O passo, precipício  
Eu quero que esse teto caia  
Eu quero que esse afeto saia  
Eu quero que esse teto caia  
Eu quero que esse afeto saia  
Já  
Walter Franco*

Entre tentativas de caminhos e descaminhos, primeiro em busca de uma identidade, e depois procurando por uma fagulha que pudesse despertar um outro movimento com relação aos mapas, nos encontramos com a proposta da cartografia. Insistimos na idéia mesmo sabendo das dificuldades teóricas da congruência epistemológica que reitero no início deste capítulo, pois entendemos que este encontro pode potencializar ambos os sistemas e abrir novos campos de pesquisa. Como nas pontes distantes de que fala o artigo de Beatriz Sancovski (2007), o esforço aqui é parte de uma política de pesquisa que menos do que defender um território, está voltada para a criação de um campo de diálogo que fecunde ambas as teorias, que permita pensarmos juntos (SANCOVSKI, 2007).

No rastro da convergência, tomamos as cartografias de Deleuze e Guattari. Segundo Colombat (1991), os textos mais proeminentes desenvolvidos por estes autores são considerados como “caixas de ferramentas” teóricas, das quais é possível extrair conceitos filosóficos aplicáveis a diferentes campos de estudos. Uma dessas obras é **Mil Platôs**, que no momento de seu lançamento, em 1980, provocou na crítica especializada reações de irritação, indefinição e estupor (COLOMBAT, 1991). Entendida também como um passaporte para a imaginação e por alguns como um “corpo filosófico sem igual na produção contemporânea” (DELACAMPAGNE apud COLOMBAT, 1991, p.10), o novo passo metodológico deste trabalho arrisca a se (des-re)equilibrar nos mil platôs e lançar novo olhar às produções desta pesquisa.

Os autores se propõem a pensar seus conceitos-chave num campo aberto, no qual devem ser rigorosos para que possam produzir eco em diferentes campos de estudos, balanceado por uma atitude que prima por uma abertura suficiente para adaptação à gama de possibilidades (COLOMBAT, 1991). Este **entre-lugar**<sup>28</sup> de posturas não torna simples sua

---

<sup>28</sup> O entre-lugar, conceito discutido por Homi Bhabha (1998), expressa um espaço que não pode ser definido como pertencente a nenhum dos termos, mas como uma negociação deslizante no processo de construção.

utilização, uma vez que as definições não são estritas: cabe ao pesquisador repensar, a partir da maquinaria de Deleuze e Guattari, seu próprio campo de conhecimento (COLOMBAT, 1991). Mais uma vez afirmamos a abertura de nossa ferramenta teórica: a teoria das representações sociais recebe críticas quanto à indefinição de seus conceitos e uma suposta falta de rigor decorrente disso; Jodelet (2001) aponta esse como um dos sinais de vitalidade da teoria, na medida em que, desta forma, pode ser aplicada a diversos campos de conhecimento, com trabalhos no campo da saúde (OLIVEIRA, et. al., 2003), educação (SOUSA, 2007), arquitetura (FONTES et. al., 2003). Assim, nos dois casos, em diferentes escalas e por razões diversas, as indefinições são positivadas e compreendidas como um reflexo das possibilidades que carregam.

Sobre os **Mil Platôs**, Maggiori afirma que esta obra “não faz a montanha, mas permite o nascimento de mil trilhas que [...] levam a todos os lugares”<sup>29</sup> (apud COLOMBAT, 1991, p.12, tradução nossa). Dessas muitas possibilidades, os leitores devem “capturar, refutar, confirmar e transfigurar os conceitos deleuzianos, ao invés de transpor e analisar outros sistemas de signos, é preciso seguir seus próprios caminhos”<sup>30</sup> (COLOMBAT, 1991 p.21, tradução nossa); o exercício deve se fazer no delimitar e desarticular: numa linguagem deleuziana, territorializar e desterritorializar (STIVALE, 1984).

A idéia de pensar os próprios caminhos, dar asas e possibilidades à criação do novo está no cerne do pensamento deleuziano. Filósofo, ele se preocupa em responder a perguntas que estão na base da compreensão do mundo, de sua construção: o que é o pensamento? Mais do que isso, ele se esforça em tentar canalizar e dar possibilidade que ele se expresse por novos meios, que pense diferente. **Pensar é criar novos mundos**, fundamentalmente. Assim, se posiciona veementemente contra tudo o que engessa sua potência criadora: o conceito de

---

<sup>29</sup> Cf. original: “Thousand Plateaus does not make a mountain but it allows the birth of a thousand trails that, contrary to Heidegger, lead everywhere.”

<sup>30</sup> Cf. original: [...] Deleuze's readers must then capture, refute, confirm and metamorphose the Deleuzian concepts, in order to unfold and analyze other systems of signs, to reinforce and follow their own becomings.”

identidade, de sujeito, uma **imagem do pensamento**. A imagem do pensamento é trabalhada por Vasconcellos (2006) como um dos principais alvos da crítica de Deleuze, tem por característica ser moral, representativa e dogmática; estabelece uma espécie de protocolo para o bom andamento do pensar que preza a estabilidade<sup>31</sup>. Assim, a crítica propõe a “destruição da imagem de um pensamento que pressupõe a si própria, gênese do ato de pensar no próprio pensamento” (DELEUZE apud VASCONCELLOS, 2006 p.7). Sua contraproposta é aparentemente contraditória, pois deseja substituir esta imagem do pensamento por uma outra. Mas a contradição se desfaz ao afirmar uma imagem do pensamento que não possua imagem:

o pensamento não pressupõe um ato voluntário de fundação que eliminaria os pressupostos para iniciar do zero, já que o pensamento começa sempre pela diferença, *au milieu*, no meio de alguma coisa, por causa de alguma coisa que *força* o pensador a pensar (BIANCO, 2005, p. 1295, grifo do autor).

A estabilidade e a linearidade características do dogmatismo são substituídas por rompantes que tiram o conhecimento dos eixos, que o levam por caminhos que não estavam previstos, nem sequer podiam ser imaginados. A nova imagem do pensamento de Deleuze diz que pensar é dar subsídios para a criação de conceitos que provoquem movimentações que desfaçam os quadros, que leve as idéias para longe, rompendo com os pressupostos da imagem clássica do pensamento (VANCONCELLOS, 2006). Assim, o pensar pressupõe deslocamentos violentos que o descentrem de um estupor natural, que o forcem a mover-se, deslocar-se. Mais do que isso, que tornem imperativo seu trabalho, uma paixão de pensar. O uso que fazem do rizoma comunga com a reconfiguração dos esquemas: neste tipo de raiz não existe um centro ou uma origem a que a se remeter, um tronco de onde parte; mas ela ganha devires imprevisíveis num remanejamento constante e incontrolável (DELEUZE; GUATTARI, 1995; ROLNIK, 2007). E o rizoma deleuziano do pensar ganha muitas e muitas formas.

---

<sup>31</sup> Tratamos no capítulo da ferramenta teórica os pressupostos que embasam a idéia de uma imagem do pensamento.

Em continuidade com essas idéias, a cartografia quer acompanhar os movimentos do pensamento, o construir e desconstruir de mundos de sentidos. Cartografar, mesmo no domínio da geografia, é atividade diferente de mapear: a primeira pressupõe e acompanha o movimento da paisagem, distinto da segunda, estática. Com uma prática que se faz na medida em que os territórios se desenham, defendemos um mapa com múltiplas entradas, contrário ao decalque que retorna sempre ao mesmo. Cartografia é uma questão de performance, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida competência (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Em busca desses processos, as cartografias psicossociais acompanham o transformar dos mundos: a perda radical do sentido, da identidade e a construção de outros olhares que transformam (ROLNIK, 2007). A proposta é de embarcar na constituição das realidades sem tentar entendê-las ou apontar o verdadeiro ou o falso, mas estar atento a essas expressões. As intenções do cartógrafo são de

mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem.  
Vê-se que a linguagem, para o cartógrafo, não é um veículo de mensagens-e-salvação. Ela é, em si mesma, criação de mundos. **Tapete voador...** Veículo que promove a transcrição para novos mundos; novas formas de História (ROLNIK, 2007, p.66, grifo da autora).

A bela citação de Suely Rolnik nos diz que pensar a partir de uma lógica das sensações, na ativação do **corpo vibrátil**<sup>32</sup> que dê passagem às intensidades dos afetos é a melhor forma de embarcar na idéia da diferença proposta por Deleuze. No prefácio de seu livro ela marca a diferença entre uma dupla capacidade de nossos órgãos dos sentidos: a primeira, **cortical**, é a percepção que nos permite andar no mundo e atribuir sentido a ele, sempre associada ao tempo, e à história, à lógica racional; a segunda, **subcortical**, nos proporciona um contato diferente com o outro, que revela o que nos afeta no nível das sensações. Esta capacidade permite que o encontro seja sentido como uma presença que

---

<sup>32</sup> O corpo vibrátil é conceito pensado por Rolnik para designar o nível subcortical que mencionaremos algumas linhas abaixo, um olho que alcance o invisível, seja sensível aos encontros dos corpos que provocam reformulação dos mundos.

confunde identidades, que torna o outro presença viva e capaz de construir novos territórios (ROLNIK, 2007). A dupla capacidade de que fala a autora nos traz à memória a introdução da dissertação, na qual firmamos a intenção de dissertar sobre o sentido, tanto as intensidades que nos afetam quanto os significados produzidos. Assim, o encontro de que falamos é desestruturador por excelência, a violência de que fala Deleuze, pois na proximidade entre eu e outro se dissolvem as figuras de sujeito do conhecimento e objeto e o “entre” é zona de tensão que potencializa a criação, que descentra quadros estabelecidos do pensamento, que cria novos conceitos.

Entender a proposta da cartografia a partir de uma lógica diferente é fundamental para que compreendamos porque o conteúdo e a informação são secundários nas cartografias e que esta se configura como um método sem passos estabelecidos: cabe ao cartógrafo encontrar o que desperta seu corpo vibrátil (ROLNIK, 2007). Assim, não deve ser tomada como um método no sentido de um processo organizado e sistemático de pesquisa na forma de um protocolo ou como procedimentos ou conjunto de técnicas a serem aplicadas a dados. A cartografia não é um conjunto de **técnicas** abstratas que visa organizar **dados**: ela se interessa em acompanhar **processos** e não alcançar um fim; os dados não existem em si, são **produzidos** pelas etapas de pesquisa (KASTRUP, 2007). Esta autora afirma que cartografar é um método *ad hoc* (2007, p.15), e o mapa que propomos é rizomático,

aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.22).

Assim, no espírito do **mais um passo**, apostamos na proposta da cartografia como uma ferramenta de pesquisa que se apresenta como uma nova política cognitiva que foi se definindo ao longo de nosso percurso. Uma postura do pesquisador que dê espaço para que a



diferença se apresente, que se deixe conduzir pelo compasso da dança de afetos. Mas como fazê-lo? Como aplicar isso?

Janice Caiafa (2007) propõe que os procedimentos de pesquisa são uma atitude que se desenvolve durante o trabalho de campo, no encontro com o material. Suas palavras ressoam na organização deste trabalho: a materialização desta proposta só será apresentada no próximo capítulo da dissertação, que trata dos muitos encontros que vivemos com os mapas. Mas ainda assim, buscamos por trabalhos que possam nos inspirar nas incursões que pretendemos desenvolver.

No esforço de delimitar teoricamente a atividade do cartógrafo Kastrup (2007), seguindo os caminhos de seus estudos sobre a cognição, se propôs a discutir o funcionamento da atenção cartográfica. Conceito fundamental do trabalho, a atenção é tomada por ela como detecção e apreensão em curso de processos; uma atenção à espreita, de concentração sem focalização. O modelo de atenção flutuante do analista proposto por Freud é útil para desbastar o sentido em que a atenção é tomada, na medida em que o que interessa é a atenção àquilo que eclode provocando estranheza: a psicanálise se desenvolve sobre as irrupções do que é aparentemente sem sentido (KASTRUP, 2007). A atenção aqui não está à procura de compreensão, quer se abrir para o encontro com o inesperado.

Baseada em Merleau-Ponty, Freud, Bergson, Deleuze e em outros autores, a autora materializa a proposta da cartografia em quatro variedades de atenção: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento. O **rastreio** é uma atenção aberta e sem foco, que visa fazer uma varredura no campo; é preciso estar atento para as pistas, aos signos de processualidade, semelhante à atenção flutuante proposta por Freud. O que importa aqui é o fluxo de passagem dos afetos, que difere da idéia de procurar por informações. O ritmo dos afetos é uma sensibilidade, conforme Rolnik (2007) explica:

tampouco importam [os procedimentos], pois ele [o cartógrafo] sabe que deve “inventá-los” em função daquilo que pede o contexto em que se

encontra. **Por isso ele não segue nenhuma espécie de protocolo normalizado.**

**O que define, portanto, o perfil do cartógrafo é exclusivamente um tipo de sensibilidade**, que ele se propõe fazer prevalecer, na medida do possível, em seu trabalho. (ROLNIK, 2007, p.66, grifo da autora)

O rastrear se desenvolve até que o cartógrafo seja tocado. O **toque** é uma seleção independente da vontade de uma focalização específica, que percebe algo que se destaca no quadro perceptivo. Trata-se de um elemento heterogêneo percebido por meio do corpo vibrátil de que fala Suely Rolnik (2007), ao nível das sensações e não das percepções ou representações de objetos (KASTRUP, 2007). No **pouso** o olhar pára e um novo campo perceptivo se (de)forma, a partir desse movimento<sup>33</sup>; a atenção muda de escala. Num outro momento, o **reconhecimento atento**, baseado nas formulações bergsonianas, seria um retorno cuidadoso ao objeto, para sublinhar seus contornos. O objeto é então relacionado às lembranças num encontro entre percepção e memória que não cessa de circular (KASTRUP, 2007).

Essas modalidades de atenção fornecem pistas do que seria essa sensibilidade do cartógrafo mencionada por Rolnik (2007); são uma multiplicação, adequação de um dos elementos da caixa de ferramentas que mencionamos no início desta seção, ao campo de estudos da cognição, atividade em que se aplica Virgínia Kastrup (2007, 2008). É preciso que cunhemos uma nossa, própria. Assim, começamos por lançar um olhar para os passos não lineares dados até aqui, e pensá-los relacionados ao trabalho pretendido.

### 3.6 Recapitul-ação

*A poesia é o que recapitula o mundo  
chamando-o em cada chama  
pela chama de cada sílaba  
Manuel Gusmão*

---

<sup>33</sup> Afirmamos que uma parada é um movimento pois a abordagem cartográfica está pautada na noção de tempo bergsoniana, que considera que a parada é uma pausa no movimento, e não do movimento (KASTRUP, 2007).

Sem dúvida, demos muitos passos até aqui. A reflexão sobre o percurso produz novos sentidos, contaminados pela posição que ocupamos agora: as idéias são ressignificadas, reinventadas em função das escolhas que fizemos. Por isso o recapitular, reativar as memórias que escrevemos pressupõe uma ação. O reencontro que promovemos lastreado na adoção da cartografia tenta situar o leitor em relação a tudo o que foi dito até o momento. Assim, reinventemos sentidos.

A abordagem de Bardin (2003, 1977) em sua modalidade categorial e temática propõe a atividade de **leitura flutuante**, como um exercício que busca por temas que se repetem nas falas dos participantes e que emergem do próprio material. A leitura flutuante é um jogo entre

a criatividade e o rigor. Criatividade para deixar vir intuições [...] de imersão no micro-mundo do material a ser analisado, permitindo entrar, sem *a priori* ou projeção pessoal fazendo fundo no conteúdo manifesto, visão latente do material a analisar. Rigor já que o objetivo é operacionalizar as intuições do início, a fim de conduzir a um esquema preciso da seqüência, passo a passo, dos procedimentos de tratamento. (BARDIN, 2003, p. 4, tradução nossa)

Na cartografia, temos como norte um encontro com o material e não uma leitura dos dados. O conteúdo, e a informação presentes são secundários e o objetivo não é pensar em agrupamentos e categorias. A proposta é se deixar levar pelo material sem saber o alvo a ser perseguido e, num olhar atento, estranhar os elementos, as formas, os conjuntos, naquilo que despertam (KASTRUP, 2007). Todo olhar é válido e promissor e o que se busca é um **encontro** com as produções dos sujeitos, pois elas são entendidas como material que dialoga, se funde a nós, em que trocas e processos se desenvolvem. A flutuação proposta pela cartografia é de outra ordem que o pensado pela análise de conteúdo.

Quando afirmamos a política cognitiva de trabalhar a partir da lógica da a(fe)titivação do corpo vibrátil (ROLNIK, 2007) na proposta das cartografias fica redundante marcar diferença em relação aos passos anteriores da pesquisa, pois trata-se de outra ordem de intenções, uma lógica das sensações que difere dos sentidos e dos conteúdos, que procuram dar passagem às intensidades dos afetos. Assim, a escolha metodológica está inscrita num

campo diferente daquele dos pressupostos da análise de conteúdo, da semiótica, das identidades.

Com relação ao capítulo anterior, em que definimos uma ferramenta teórica que nos dá subsídios para pensar o mundo, algumas questões precisam ser pontuadas com relação à cartografia, nossa ferramenta metodológica. A processualidade intrínseca à atividade cartográfica é característica que traz uma nova dinâmica à construção da representação, mesmo numa situação de pesquisa em que o material pode ser tratado como uma imagem estática de um momento, uma fotografia. Arruda (1998b) já apontou esse movimento necessário ao fazer uso do holograma como recurso para além do retrato, uma projeção em movimento no delinear da representação. Este uso confere formalmente atividade ao outro envolvido no encontro e contempla a diferença que este representa, incluindo-a como participante da forma do holograma (ARRUDA, 1998b; ARAGÃO; MELICIO, 2007). Assim, o encontro é palavra privilegiada para definir a atividade a ser realizada, também inscrita na discussão sobre a alteridade<sup>34</sup>. A cartografia pressupõe um movimento, como uma dança de um par que descentra os dançarinos; não são o rapaz que conduz e a moça que acompanha, mas um conjunto, um “entre” hologramático. Mais uma vez o laço que tanto mencionamos no capítulo teórico.

Pensar a cartografia de Deleuze e Guattari como ferramenta ao lado da teoria das representações sociais é proposta ainda não realizada por trabalhos finalizados conhecidos por nós. Como já afirmamos, ela é parte de uma política de pesquisa que deseja fazer caminhar juntas perspectivas distintas. Mas as distâncias e as dificuldades não deixam de existir como num passe de mágica: essas são teorias que se situam em campos diferentes, que tem alcance e respondem a questões pertinentes aos seus campos de pesquisa e reflexões. A proposta de Deleuze está centrada em edificar as bases de uma filosofia (DELEUZE; GUATTARI, 1993),

---

<sup>34</sup> Sobre a questão da alteridade no domínio da psicossociologia, ver Arruda (1998a).

que pensa teoricamente conceitos. Supõe assim uma nova forma de compreender o mundo, uma política cognitiva que interfere diretamente nos movimentos da vida, nas posturas teóricas, na maneira de se posicionar (HADOT, 1999). Por isso o conjunto da obra desses autores deve ser pensado como uma caixa de ferramentas que delimita uma outra construção e abordagem de mundo. Já a teoria das representações sociais é mais restrita e se inscreve em um campo de conhecimento: busca um tipo específico de objeto de estudo, preocupada com a construção social do conhecimento no cotidiano. Sua abertura, estimulada, está na busca da interface com outros campos de conhecimento, teorias que possam dar subsídios para delinear novos caminhos. Essas diferenças são muito significativas e exigem a ligação de cosmologias distantes, que serão objeto de reflexão nas observações finais deste trabalho.

A escolha por adotar qualquer um dos conceitos-ferramenta da caixa dos mil platôs implica em comungar com os pressupostos e a crítica que fazem seus autores. Entre as noções contidas no pacote se destaca a discussão sobre o tema do **sujeito**<sup>35</sup>. Este conceito, compreendido como mais um dos pontos de subjetivação que nos fixam, que nos colam a uma realidade dominante, que implica em fixidez de posições e normatizações de idéias e comportamentos, é um dos alvos das desarticulações propostas pelos autores (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Ao ser substituído por subjetividade e pensado a partir da idéia de **linhas de força**, que se expressam em choques e interpenetrações, uma mudança radical se desenha. Como posturas com relação aos objetos do mundo, as linhas de força definem uma subjetividade cambiante em que a autonomia é reforçada na possibilidade de traçá-las, trançá-las. É a idéia do deslocamento que significa o pensar, que comunga com o que escrevemos sobre a parte destrutiva e construtiva da teoria de Deleuze e Guattari algumas páginas atrás.

Esta breve e simplista explicação marca uma distância fundamental em relação a nossa ferramenta teórica. Não é possível abrir mão do conceito de sujeito na teoria das

---

<sup>35</sup> Além desta idéia, a crítica da representação também toca de alguma forma as representações sociais, conforme comentamos no capítulo que trata da ferramenta teórica.

representações sociais. Mas não podemos nos deter em uma análise que se prende de antemão a essas dificuldades, condenando a possibilidade de articulação sem lançar um olhar pormenorizado. Como nosso objetivo é buscar pelas pontes no conhecimento, na construção que empreendemos do estatuto do sujeito no capítulo de ferramenta teórica, tentamos demonstrar que ele não aparenta carregar o peso de toda a normatividade e fixidez denunciada por mil vezes nos **Mil Platôs** de Deleuze e Guattari. Ao contrário, a idéia da criatividade do sujeito, que opera sobre o mundo e o transforma o tempo inteiro, cria mundos e realidades, embora sempre relacionadas de alguma maneira às condições de produção sociais, com outros conhecimentos, parece em mais próximo do que distante da dupla de autores. As representações sociais também se posicionam contra a separação explícita entre os atores do conhecimento, contra as idéias de Descartes e outros pensadores que dividem o mundo num interno e num externo. O que parece estar em jogo de forma mais profunda aqui é a figura da estabilidade, tão necessária à formação das representações sociais: neste trabalho tentaremos, nas nossas cartografias e nas articulações que se seguem no capítulo derradeiro refletir sobre esta idéia.

Às diferenças marcantes que lançamos como questões a serem discutidas se contrapõem uma possibilidade fecunda de encontro. A afetividade é tema já debatido no capítulo que trata dos fundamentos teóricos da dissertação, com as críticas e propostas apresentadas para seguir novos caminhos. O recurso às cartografias talvez possa fornecer opções, e a partir de novas configurações, balançar os quadros de estabilização dos quais as representações sociais costumam estar demansiadamente contaminados, abrindo janelas na teoria. Ao propor e incentivar a busca pelos signos de processualidade e as rugosidades no material, uma possibilidade de abordagem da dimensão afetiva talvez seja produzida no encontro.

Depois desta breve discussão acerca das possibilidades de relação entre as teorias, firmamos o compromisso de dar continuidade ao percurso a partir da discussão travada sob viés rizomático e transparente como cristal, que explore tanto os sucessos quanto as dificuldades de lidar com a proposta, sem esperar que flores povoem sempre o caminho, uma vez que as dificuldades existem e não são desprezíveis. O “mais um passo” sem direção certa que demos aqui tenta marcar uma nova política cognitiva, um modo de conceber a pesquisa que seja inseparável da vida e dos movimentos que a acompanham.

O percurso que se segue pretende embarcar nesta viagem, inscrita na chave das possibilidades, como uma atitude que se constrói no campo (CAIAFA, 2007). Mas antes, é preciso fazer mais uma parada para tentar adiantar um pouco ao leitor quem são aqueles que vamos encontrar no próximo capítulo.

### **3.7 Informações ao leitor: instrumento e população da pesquisa**

O questionário mencionado neste capítulo, construído sob a base da metodologia dos mapas mentais utilizada no trabalho de Milgram e Jodelet (1976), foi o formato aplicado a 178 jovens universitários de 17 a 24 anos, de universidades públicas e privadas do Estado da Bahia, do primeiro ano de formação, dos cursos de Medicina, Engenharia, Pedagogia, Enfermagem e Serviço Social. Nessas aplicações, sempre realizadas em conjunto a uma turma numa sala de aula, foi limitado um número máximo em cada universidade e curso de 20 mapas, para obter uma população balanceada quanto a este critério. A escolha dos cursos foi assim definida a fim de abranger diversas camadas sócio-econômicas da sociedade, baseada em critérios estabelecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ela se justifica também pelo desejo de estabelecer cotejo com um pesquisa semelhante realizada no México, aonde existem estes cursos também.

Foram escolhidos jovens universitários porque a profundidade pretendida na formulação exigia um nível escolar mínimo de ensino médio para que os participantes respondessem com desenvoltura ao questionário. A melhor maneira encontrada para acessar este universo foi recorrer aos alunos recém-ingressos na universidade. Isso justifica a intenção inicial da aplicação em alunos somente do primeiro ano de estudos, fase na qual supostamente não estariam contaminados pelos conteúdos específicos de suas carreiras. Assim, a maior parte dos participantes é composta por alunos de primeiro e segundo períodos. A escolha das carreiras também trouxe conseqüências para a distribuição da população quanto ao gênero, já que dentre os cursos, três têm público predominantemente feminino.

O objetivo deste breve informativo é traçar um panorama geral do grupo que compõe a população deste trabalho. Para os curiosos e interessados, o apêndice B conta com tabelas e uma discussão com informações mais precisas.



## 4 Encontros

*Cresci sob um teto sossegado  
meu sonho era um pequenino sonho meu  
nas ciências dos cuidados fui treinado  
agora, entre o meu ser e o ser alheio  
a linha de fronteira se rompeu  
Waly Salomão*

### 4.1 Primeiras tentativas

Em busca do “olhar vibrátil” proposto por Rolnik (2007) partimos para uma viagem de encontro com os mapas sem saber muito bem o que estávamos fazendo ou o que procurar. Como são meus velhos conhecidos, não foi possível sair inicialmente do já cimentado hábito de leitura flutuante, mencionado no capítulo anterior, que faz direcionar o olhar em busca de elementos que chamassem atenção pelo conteúdo que possuíam, pelos temas e pela repetição de idéias semelhantes, como na análise de conteúdo proposta por Bardin (1977, 2003). Neste momento não tínhamos a clareza da diferenciação que tentamos deixar clara ao leitor no capítulo anterior; ela só pode aparecer na medida em que o trabalho foi se desenvolvendo, e os encontros foram se transformando.

A situação de pesquisa na qual os sujeitos eram convidados a desenhar livremente o que acreditam ser o país proporcionou o aparecimento de toda sorte de elementos, sejam estereotipados, idiossincráticos, estabelecidos, únicos. Mesmo naqueles mapas em que predominava a escolha e a distribuição estereotipada dos desenhos existia, na maior parte das vezes, elementos ou formas que se destacavam e poderiam materializar os signos de processualidade perseguidos por nós. O material de pesquisa pode apontar em diversas direções, é terreno fértil para muitos trabalhos diferentes e não se esgota.

O rastreamento livre do material, definido como “[...] uma exploração assistemática do terreno, com movimentos mais ou menos aleatórios de passe e repasse, sem grandes

preocupações com possíveis redundâncias” (KASTRUP, 2007, p.19) produziu a percepção de dimensões que conferem sentido ao Brasil. Nos primeiros encontros, ainda um pouco distante deles, traçamos um panorama inicial buscando linhas, dimensões que compõem os mapas. Para objetivar essa idéia, um olhar de conjunto observou tendências que se repetem e apontam em direções diferentes, podendo ser identificadas num mesmo mapa.

Conseguí arquitetar um quadro que envolvia os desenhos numa rede composta por muitos fios. O mapa então foi tratado como um retrato de Brasil, um sentido composto de vetores que apontam em muitas direções, como por exemplo, para uma construção que reproduz velhas idéias totalizantes sobre o país – como a dicotomia entre o interior e o litoral, ou ainda um sentido de Brasil Colônia, com produção voltada para o exterior. Em contrapartida a este vetor totalizante também pude identificar outra tendência, que aponta para a vivência pessoal do autor do mapa, centrado na identidade individual. Assim, estas linhas esboçavam o sentido de um coletivo e de um individual, que aparecem sob forma da reprodução das idéias unificadoras que menciono acima e da vivência pessoal: um jogo balanceado de dimensões em que ora se acentua o social, ora ganha peso o psicológico.

Mas a rede que tentei traçar não se reduziu a um emaranhado plano: é, antes, tridimensional. Foi composta ainda por um terceiro vetor que não obedece a nenhuma das trilhas anteriores, que anda por outros caminhos. Ao tentar caminhar com essas três pernas percebi que o encontro não tinha o viço que busquei ao recorrer às cartografias como método, porque foi esquemático demais. Centrada na psicossociologia, no conteúdo e numa busca por sistematização panorâmica, as tendências criaram tipologias que engessavam os mapas nas linhas, e meu trabalho esqueceu de dar passagem aos afetos, de afetivar-se, motivo de escolha da cartografia como guia para dar novas feições à análise dos mapas.

É preciso buscar a companhia de outras pessoas, ler outros trabalhos e se distanciar um tempo para tentar um novo encontro. Suely Rolnik (1997) apresenta uma viagem insólita que

a cartografia propõe. Somente depois de vivenciar este primeiro momento de pesquisa foi possível entender melhor o que significa o beirar-se a si mesmo, a que serve esta postura e porque ela se explicita dessa forma, e porque cartografia não é questão de competência, mas de performance, de política cognitiva (KASTRUP, 2007). É preciso estar mais perto, na beira para encontrar com eles de fato e me deixar ser tocada. Dar crédito aos sentidos de Brasil nos mapas que já são velhos conhecidos, como um intercessor<sup>36</sup> perspicaz disse. Meu percurso e minhas escolhas como pesquisadora na universidade me fizeram trabalhar com este tipo de produção desde o ingresso num grupo de pesquisa, durante minha iniciação científica ainda na graduação. Todas essas condições resultaram no levantar de barreiras não desprezíveis em meu olhar, que não me permitiam ver novidades no material, compreendê-lo como uma entidade viva e capaz de me afetar.

#### 4.2 Novos direcionamentos

*Repetir, repetir - até ficar diferente.  
Repetir é um dom do estilo.  
Manoel de Barros*

É preciso dar mais um passo. Para sair dessa situação de apatia – que via também nos mapas o tempo inteiro – um choque foi preciso. **Encontrei** um mapa em que testemunhei a revolta de alguém que não suporta mais a apatia, que quer denunciar a situação de caos em que o país se encontra. Li que a mobilização só se manifesta com toda a sua pujança, com toda a força necessária para sair da inércia quando dói em você, quando é no seu coração que o problema estoura. A violência do encontro proporcionou ver a dor da autora do mapa nas palavras que denunciavam a condição daqueles que estão na margem do Brasil, vi nos desenhos as costas marcadas, as mãos calejadas e revoltadas de quem está cansado de apanhar

---

<sup>36</sup> O conceito de intercessor, fundamental nesta dissertação é "qualquer encontro que faz o pensamento sair de sua imobilidade natural, de seu estupor. Sem intercessores não há criação. Sem eles não há pensamento" (VASCONCELLOS, 2006, p.7).

(VIANNA, RIBEIRO, BARONE, 1986), ali, entre desenhos e palavras. Pensei que não necessariamente o mapa – pois este apresenta elementos de crítica como todos os outros – mas a pessoa que desenhou os elementos, que contou aquela história, denunciava uma postura que gritava por ser notada. Diferente de muitos que escolhiam este ou aquele elemento porque *desde criança as pessoas criam estereótipos sobre os conceitos do país*<sup>37</sup>, naquele momento vi algo que escapava a este raciocínio. Uma pessoa apresenta dificuldades na escrita mas está na universidade dizendo que os *salários medíocres* nos fazem viver *conduzindo a resistência de sobrevivência*. Como se o mapa fosse um signo de resistência. Teimar em estar vivo aqui, gritar aqui pela sobrevivência é **ser** um fio solto. Guattari e Rolnik (1986), ao falar sobre as micropolíticas do Brasil escreveram que Lula e seu grupo eram um fio solto da trama naquele momento das grandes greves de 1980. E mesmo que ele reproduzisse tudo aquilo que condenava, sua presença nos meios do governo já era um signo de resistência. Será que posso chegar até esse ponto, de interpretar e atribuir esta característica à autora do mapa, fazer dela um signo de resistência? Mais um momento de pausa é preciso para refletir.

Parece que caminho em extremos, ou bem distante demais, ou bem numa proximidade perigosa que quer interpretar o sujeito como um sinal de resistência, que extrapola os limites até onde posso ir. Como diz Caetano ao tempo: “Peço-te o prazer legítimo/ e o movimento preciso/ tempo, tempo, tempo, tempo/ Quando o tempo for propício/ tempo, tempo, tempo, tempo...” (VELOSO, 1979). Só consigo chegar ao movimento preciso experimentando, ora indo longe demais, ora sem gana suficiente. Quando o tempo for propício. O exercício de ajustamento das lentes do corpo vibrátil se mantém, em busca do fator de a(fe)tivação (ROLNIK, 2007).

---

<sup>37</sup> Ao longo deste capítulo, como será possível verificar nos mapas que vou apresentando, as letras em itálico são citações e referências às palavras do autor do mapa.

### 4.3 Quando o tempo for propício

*Creio no Cinema, meio de expressão total em seu  
poder transmissor e sua capacidade de emoção,  
possuidor de uma forma própria que lhe é imanente e que,  
contendo todas as outras, nada lhes deve.  
Vinícius de Moraes*

Um tempo auspicioso trouxe o encontro, um novo passo. A organização para pensar os mapas do Brasil ganha um novo vigor. A analogia com a atividade cinematográfica aparece, sendo resgatada de um pensamento que vagou por esses lados num outro tempo, ainda no momento da qualificação. É recorrente o sentimento de familiaridade com os mapas porque sou capaz de apontar as grandes linhas de representação do país expressas em cada um deles, os eixos mais comuns, conforme o trabalho que apresentamos em um dos passos do percurso. E mais, essas produções não escapam de noções há muito veiculadas tanto pela mídia como pelo sistema educacional no que diz respeito a seu conteúdo (ARAGÃO; ARRUDA, no prelo). O que esses lugares não martelam em nós, brasileiros, é uma imagem. Mesmo ao recair numa idéia recorrente, os 143 mapas, os desenhos do Brasil dos baianos teimam em mostrar que existe uma infinidade de recriações possíveis. Um novo olhar foi surgindo nestes novos encontros e o que era tão familiar e previsível começa a tomar novas formas. A imagem do mapa, sua construção singular parece ser um trunfo interessante para apostar, uma carta na manga.

A referência ao cinema aparece e comunga para o fator de a(fe)tivação de Rolnik (2007) de maneira particular. O cinema é produto de atividade automática de um aparelho técnico destinado a capturar imagens em movimento daquilo que lhe é apresentado, mas também é provido de um sentido, em que o posicionamento da câmera, os cortes e a montagem, enfim, todos os elementos desta atividade são orientados pela mensagem que o realizador, comumente identificado na figura do diretor de cinema, quer passar (MARTIN, 2003). Nisso, fica claro que a **forma** de veicular a mensagem é elemento fundamental que

comunga com o conteúdo do filme. É a partir dessa característica que tomamos os desenhos de Brasil realizados pelos participantes: são desprovidos de movimento, mas não parados no tempo. A frase de Maiakovski, “Para vocês, o cinema é um espetáculo. Para mim, é quase uma concepção do mundo.” (PEIXOTO, 1986, p.86) é emblemática em nossa proposta: os mapas são concepções de mundo que conjugam conteúdos e formas sobre o Brasil.

Assim, temos que a atividade cinematográfica conjuga conteúdo, imagem e movimento de maneira que seja capaz de afetar aquele que assiste, transmitir a mensagem, por meio da forma, do que o diretor-realizador pretendia. O cinema de qualidade se caracteriza pela possibilidade e destreza no realizador em trazer o espectador para dentro de seu filme, envolvê-lo na história contada até seu desfecho. Assim, é na forma – sempre associada ao conteúdo – que me sinto mais uma vez seduzida por esses velhos conhecidos. Os encontros foram se transformando e a potência da idéia do cinema ganhando mais força, levando por novos caminhos: “[...] um encontro com aquilo que força a pensar, a fim de elevar e instalar a necessidade absoluta de um ato de pensar, uma paixão de pensar” (DELEUZE, 1968, apud VASCONCELLOS, 2006, p.7). Pensar os desenhos de país por este viés, o mapa como uma projeção na tela de cinema, com ênfase na forma com que ele expressa aqueles conteúdos, traz a possibilidade de ver coisas novas. Por mais que muitos deles tenham um roteiro muito semelhante – os conteúdos das grandes linhas da representação já foram discutidos em outros trabalhos neste projeto (ARAGÃO et. al., 2005; ARRUDA et. al., 2005; CRUZ, 2006; ARRUDA; ULUP, 2007c,) – a forma parece distingui-los, a organização dos elementos que por vezes se auto-referenciam.

Vasconcellos (2006), ao discutir as relações entre a filosofia da diferença proposta por Deleuze e o cinema, entende este último como um intercessor. Os intercessores, como já afirmamos numa nota de rodapé, são os encontros que colocam o pensamento em movimento, que provocam a paixão de pensar, saindo, deformando os quadros estabelecidos: o cinema,

assim com toda arte, interfere na formulação dos conceitos, leva-os por outros caminhos, faz o novo. Minha proposta, com uma apaixonada pelas salas de cinema, é tentar vivenciar a experiência com os mapas-filmes e descrever as intensidades, os afetos provocados na ativação do corpo vibrátil (ROLNIK, 2007). Assim, queremos pensar junto com o mapa, contar sobre esta experiência. Mas mais uma vez perguntamos, como executar a idéia?

As primeiras tentativas resultaram em descrições que tentavam reescrever o roteiro do filme, considerando suas particularidades, mas ainda muito presos ao conteúdo, às palavras escritas por eles. É preciso que fique claro que a ênfase está no mapa e não nas descrições, no roteiro embora estejamos sempre lançando um rabo de olho ocasional a elas<sup>38</sup>.

#### 4.4 Cartografias

*Banquete-ê-mo-nos  
Ordem e orgia  
Na super bacanal  
Carne e carnaval  
Adriana Calcanhotto*

Rego diz que “Deleuze não lê imagens, não as transforma em texto, nem as interpreta de acordo com a antropologia, a sociologia ou a psicologia” (2004, p.3). A tarefa que ele empreende é de tratar as imagens como fluxo, no caso do cinema, soma de tempo e movimento. Isso significa dizer que meu trabalho como aprendiz de cartógrafa não deve tentar recontar a história do mapa de outra maneira, ou tentar juntar e conferir uma lógica racional às pistas de sentido do país por meio de silogismos aplicados aos vestígios deixados pelos diretores-autores no mapa. A proposta é contar como aquele mapa impressionou segundo nossa capacidade subcortical, relativa ao **corpo vibrátil** de que fala Rolnik (2007), conforme comentamos em outro momento; aqui, a “atenção tateia, explora cuidadosamente o

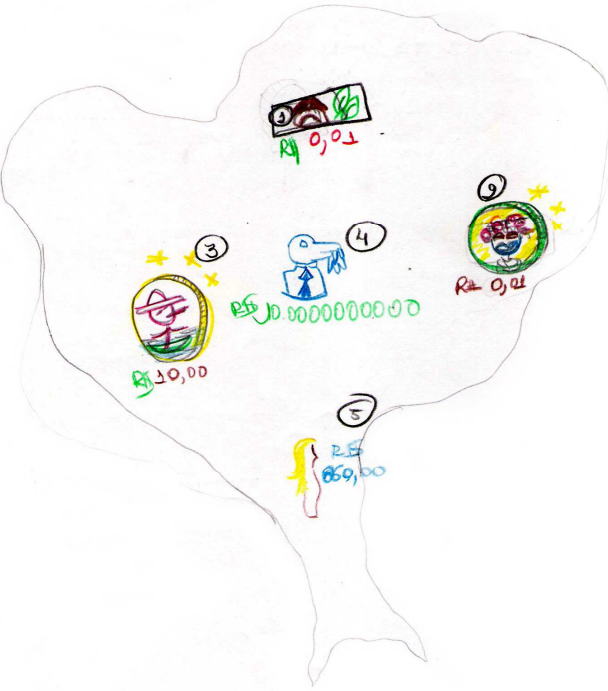
---

<sup>38</sup> Detalhe importante que é do disco **Cinema Transcendental**, gravado por Caetano Veloso, a música **oração ao tempo** que mencionamos algumas páginas atrás. E o tempo foi propício depois de tanto repetir os encontros, até ficarem diferente. Caetano e Manoel de Barros como intercessores.

que lhe afeta sem produzir compreensão ou ação imediata”, (KASTRUP, 2007, p.18). Seguimos nessa busca até que um fio solto apareça na trama como um elemento de origem exógena que causa estranhamento e que toque a aprendiz de cartógrafa no nível das sensações que o encontro proporciona, um afetar-se do objeto (KASTRUP, 2007). Os mapas foram escolhidos de acordo com o critério acima descrito. É preciso que um fio seja percebido no mapa, nele como um todo, ou apenas uma parte. Com essas idéias na cabeça e 143 mapas-filme na mão, apresentamos algumas explorações.

### Sessão 1

**Quadro 1 –Mapa 128**

<b>Quadro 1 –Mapa 128</b>		
		
<b>Descrição do mapa</b> <sup>39</sup>		
<b>Título:</b> Brasil real! povo imaginário		
<b>n</b>	<b>O quê?</b>	<b>Por quê?</b>
1	A riqueza da cultura indígena	Porque excluímos nossos cidadãos indígenas e valorizamos pouco a cultura
2	Negro	Só é bem visto para exportação, TURISMO

<sup>39</sup> A cada uma das sessões com os mapas aqui apresentados será apresentado o mapa inteiro do participante: as palavras em negrito são as perguntas do questionário de pesquisa e o restante é cópia fiel às palavras de cada um deles.



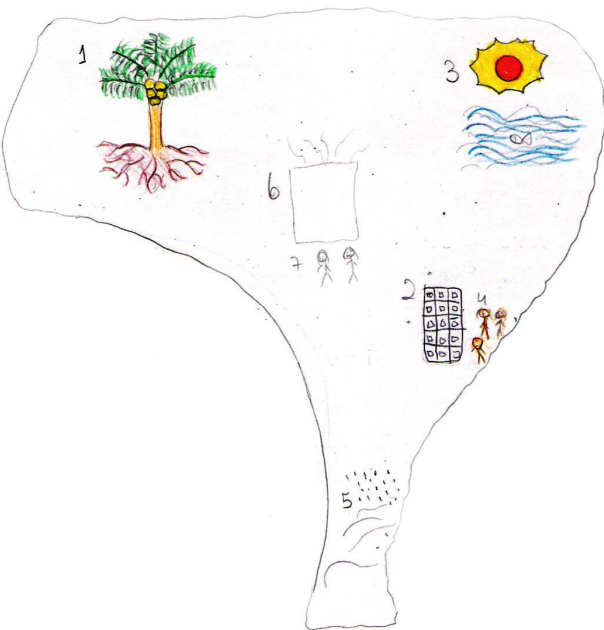
3	Riqueza natural e diferença	Para mostrar que podemos distribuir com os outros o que temos
4	Grandes empresários e políticos	A riqueza e o povo ACUMULAR por ACUMULAR ACABARÁ a RAÇA HUMANA
5	“Branco”	UM DIA SERÁ NEGRO POIS O HOMEM SERÁ UMA SÓ RAÇA SE SOBREVIVER
<b>Por que você acha que tudo isso é Brasil?</b>		
Independente da nossa riqueza natural, o povo é o mais importante pois e ele quem dará rumo ao futuro da humanidade, O Brasil tem tudo para ser um país diferenciado podemos criar nosso modo de produção, escolher o nosso futuro. Sem copiar o que existe de decadente nas nações antigas. Somos jovens e vamos crescer sem destruir o que temos o POVO!!		
<b>O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?</b>		
Por ser Jovem, Rico, desigual, o que mudara o mundo é a idéia no Brasil o povo com sua grande cultura pode transformar o futuro		

Este mapa-filme aparece abrindo as sessões pois foi o encontro com ele que despertou para a idéia do cinema. Porque nele a forma dá um outro tom, redireciona ainda que sutilmente o conteúdo. Vejo nesse mapa a possibilidade de brincar com as palavras, com a representação, com a moeda. Ora, se ele discute o valor daquilo que compõe o Brasil por meio do desenho de moedas e notas de dinheiro, trata do **retrato do real construído na representação**. A polissemia se transfere da imagem para as palavras, num vai-e-vem constante: o real, nossa moeda, e a realidade ganham sentido no **real**, assim como a **representação**, que pode ser interpretação social dessa realidade e a moeda do um país, que também é representação de riqueza. E isso é o mais interessante nele, se apropria da idéia e retrabalha as moedas e notas atribuindo novos sentidos. Mesmo veiculando a crítica que é característica dessa amostra como um todo (ARAGÃO et. al., 2005), sua qualidade formal aponta uma outra coisa. Desperta para o trunfo que já estava em minhas mãos, virtualmente, num jogo sem cartas marcadas. Um pequeno gérmen da mudança, mas que ainda não materializa o movimento brusco que buscamos com as cartografias.

O insight se desdobra, abre nova janela para o olhar e observa um espaço, um intervalo entre a imagem e sua descrição, como se o desenho estivesse menos ligado ao raciocínio que

busca o lógico, o coerente, estável. O “branco”, descrito com letras garrafaís que *UM DIA SERÁ NEGRO POIS O HOMEM SERÁ UMA SÓ RAÇA SE SOBREVIVER* aparece no desenho como uma pessoa de perfil, olhando para o litoral com cabelos longos e loiros. São correspondentes, ou melhor, contíguos? Parece que existe um intervalo entre eles. Fica a pista.

Sessão 2

Quadro 2 – Mapa 25		
		
<b>Descrição do mapa</b>		
<b>Título:</b> Fauna e Flora		
n	O quê?	Por quê?
1	Árvore	Floresta amazônica
2	Prédio	Prédios de São Paulo (poluição)
3	Práia e sol	As praias e o calor do nordeste
4	Pessoas	Superpopulação
5	Dunas e neve	Faz frio no sul
6	?	?
7	Pessoas	Pessoas vivem no local
<b>Por que você acha que tudo isso é Brasil?</b>		
Porque, são desenhos que ilustram sinteticamente, aspectos relativamente importantes e existentes no país.		
<b>O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?</b>		
O calor humano; a religiosidade; a acomodação; a ignorância com relação a direitos e obrigações como cidadão que vive em sociedade.		

Seguimos rumo na experimentação da política cognitiva cartográfica e encontramos este mapa, um filme como muitos outros. Mantém-se no grande esquema da representação do país, seguindo um modelo que parece pronto de antemão, marcado, numa representação coletiva sobre o país nos moldes em que Jovchelovitch apresenta: “formas coletivas de representação são produzidas para manter e para unir, para abarcar e para conter, para evitar o não-familiar e para reafirmar a visão de mundo dos participantes” (2008, p.199), semelhante à idéia da nação inventada que discutimos em um dos passos do percurso. Materializadas no mapa aparecem em *árvore – floresta amazônica; prédio – prédios de São Paulo (poluição); praia e sol – as praias e o calor do nordeste...* E afirmo isso por conta da análise de conteúdo que fizemos, contada aqui como parte do percurso, e foi capaz de apontar essas grandes linhas. Mas esse mapa-filme traz alguma coisa que ultrapassa o esquema, que não tem significação nem para o próprio diretor-construtor. Será que o desenho marcado como o 6 no mapa-filme acima pode ser descrito? Será um caldeirão que exala fumaça? Ou uma folha de papel que emite raios? No meio do Brasil. Descrito como *um ponto de interrogação* porque é *um ponto de interrogação*. Sem interpretações. No meio desse Brasil esquematicamente escolar e midiático, parece sobrar espaço para alguma coisa além, um ponto de interrogação que desperta para alguma coisa, uma rugosidade que tem origem no mapa, que aparece como um indício que marca uma diferença. Uma interrogação de fiapo no tecido **aparentemente** homogêneo que configura a representação do país. Aparece no meio de uma série de lugares-comuns do sentido de Brasil. Para sair das grandes linhas da representação. Me lembra uma música cantada por Marisa Monte em que ela oferece soluções simples para questões do cotidiano, mas que não são necessariamente óbvias: “para saber a resposta, vide o verso” (REIS, 1991). A questão é que não estamos atrás de respostas, mas do verso.

## Sessão 3

Quadro 3 – Mapa 126

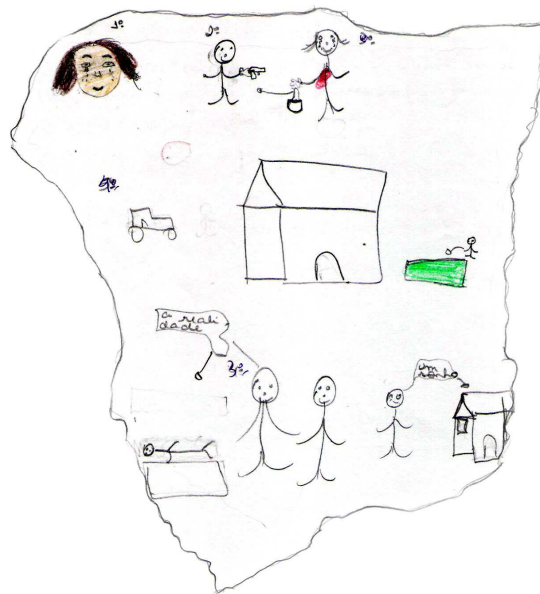
Descrição do mapa		
Título: O Brasil desperdiçado		
n	O quê?	Por quê?
1	Plantas, árvores	O Brasil é rico em florestas
2	mares, oceanos, água	Abundância que não se aproveita bem
3	População intensa, mista sem ódio nem guerra	O povo brasileiro é o único que sabe receber bem o estrangeiro
4	Frutas, peixes, alimentos	Temos tudo isto e famílias vivem sem ter o que comer
5	Telefones celulares, computador	A tecnologia a serviço do bem?
6	Montanhas	Para fugir do lugar comum
<b>Por que você acha que tudo isso é Brasil?</b>		
O Brasil é um país rico em vários sentidos, sendo assim não utiliza de seu recurso natural para a sobrevivência da sua imensa população. Temos várias vantagens: somos um povo amigável, acolhedor, e os governantes não sabem tirar vantagem do seu povo		
<b>O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?</b>		
A diferenciação do Brasil de outros países é como falei acima a sincera amizade com que acolhe os seus visitantes. Apesar de sermos também tão ricos e tão pobres ao mesmo tempo, temos a capacidade de pensar no outro.		

Será mais uma rugosidade como sinal? Para *fugir do lugar comum, montanhas*. E de fato, ninguém mais desenha montanhas e diz desenhá-las como elemento. Elas aparecem apenas para compor paisagens, incidentais. E a diretora-autora diz que com isso quer *fugir do*

*lugar comum*. Sinal também de que existe um lugar comum de onde se quer fugir. O encontro que queremos promover com o mapa-filme busca centrar-se mais na imagem do que no conteúdo do filme, mas isso não o impede também de entrar na roda. No topo das montanhas de sentido, vamos à procura de mais fios soltos nesse rastreio.

#### Sessão 4

**Quadro 4 – Mapa 127**



#### Descrição do mapa

Título: \_\_\_\_\_

n	O quê?	Por quê?
1	A menina chorando	Por causa da violência
2	Um homem atirando na mulher para roubá-la	Mais uma vez a violência se agrava por causa da pobreza. Alguns roubam para sobreviver
3	Uma família pobre e sem teto, sonhando em um dia ter aonde morar	A pobreza do Brasil. Cada dia é maior a quantidade de pessoas miseráveis que não tem uma casa
4	Enquanto uns não tem teto, outros esbanjam o dinheiro com carros e casas bonitas	A desigualdade social está, hoje, acentuada, pois os governantes sempre visam melhorar sua qualidade de vida.

#### Por que você acha que tudo isso é Brasil?

Porque eu vivo isso, não é uma ilusão e sim uma realidade. O que mais se vê hoje é a miséria. Pessoas que não tem condições de comer bem, de viver bem. E a situação econômica, que deveria melhorar está se agravando a cada instante. As desigualdades sociais existentes nesse país é a prova da situação atual

#### O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?

Tudo. Desde a economia, que é a principal diferença, até a maneira como as pessoas

encaram os problemas. Aliás, na situação atual, vários países de terceiro mundo se encontram numa situação parecida. Caminhando com as pernas do “todo poderoso” Estados Unidos.

A primeira coisa que se nota é a forma do país. Ao contrário da maioria dos mapas-filme, que obedece ao crivo de uma parte mais fina em baixo, que vai se alargando de maneira contínua até formar uma espécie de copa de árvore composta de traços suaves, este mapa é quase quadrado, com pontas. A primeira figura desenhada, se destaca por sua localização e pelo uso realista das cores; é de uma *menina chorando*. Ao seu lado, a violência de um assalto a mão armada. Abaixo a desigualdade social. Impressões construídas no olhar apenas os desenhos. A imagem é polissêmica mas nesse caso, ler os escritos me mostra a sintonia com o pensamento da autora-diretora. É um mapa de pesar, de tristeza com a situação pela qual passa o país. Chama atenção a menina que chora e a forma do mapa, mas será que podemos juntar isso? Na forma, um lenço amassado, talvez para enxugar as lágrimas da menina que chora comunga nas palavras com a denúncia que ela pinta na resposta ao porque tudo isso é Brasil. É um país de caos, desesperança. *Porque eu vivo tudo isso, não é uma ilusão e sim uma realidade.*

## Sessão 5

Quadro 5 – Mapa 57

Descrição dos elementos do mapa		
Título: Uma parte do Brasil		
n	O quê?	Por quê?
1	A educação	Não há!
2	Diversão	Há pouco!
3	Saúde	Não há!
4	Música	Muito evidente!
5	Trabalho	A maioria é informal
6	Violência	Está presente em todos os lugares
7	Alimentação	Sentimos fome!
<b>Por que você acha que tudo isso é Brasil?</b>		
O Brasil é muito mais que isso. Tem muitos problemas de exclusão, falta de alimentação, educação, moradia. Porém tem pessoas maravilhosas, uma cultura vasta e muitas riquezas naturais		
<b>O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?</b>		
A história		

Mais uma mapa-filme, mais uma forma. Um gradeado envolve o acesso à escola, ao lazer, ao hospital. Grades secas, que cortam o mapa-filme em fatias, acompanhadas pelas descrições incisivas, curtas, grossas; nas respostas diz apenas: *não há! Há pouco!* A imagem aqui comunica mais, é mais forte. O acesso é impedido, está separado. Nas respostas o autor-

diretor exclama a reclamação. Em relação à sessão anterior, a crítica aparece de maneira diferente. Parece mais veemente; é implicada, quer denunciar como a outra, é mais cortante.

Em observações interessantes sobre o tropicalismo e a antropofagia relacionada à produção cinematográfica brasileira Glauber Rocha diz que:

Para nós o problema é de mais imediata compreensão, porque o analfabetismo leva a um tipo de percepção complexa e nós queremos desenvolver nosso cinema em uma dialética histórica permanente com a situação em movimento. (...) Existiram várias fases. O momento da denúncia social, influenciado pelo neo-realismo e pelo cinema social americano. O momento da euforia revolucionária, que tinha já limitadas e esquemáticas características populares. O momento, finalmente, da reflexão, da meditação, da procura em profundidade. (ROCHA, Glauber, s.d., s.p.)

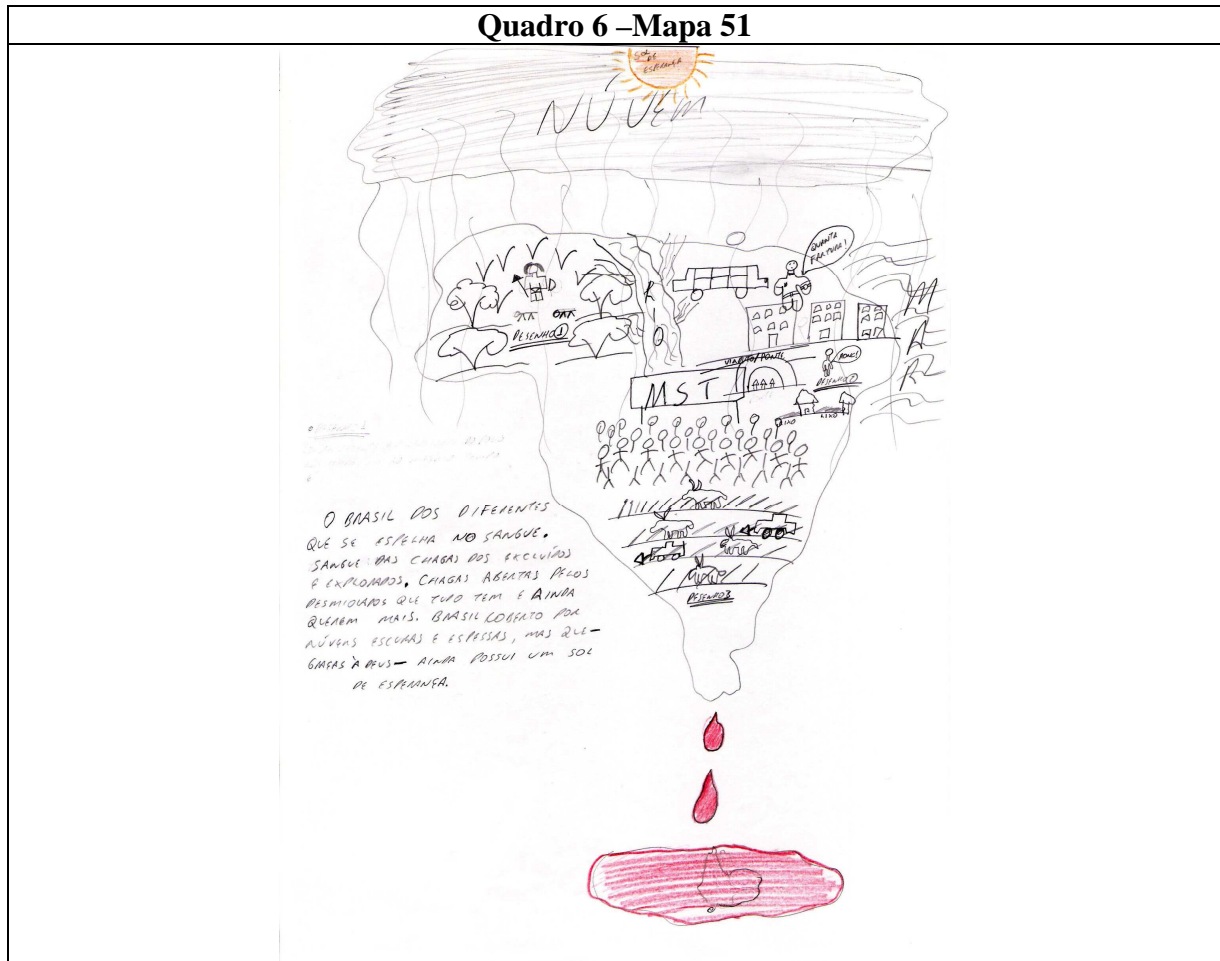
Será que essas fases do cinema brasileiro, que são também interpretações que circulam, podem ser aplicadas aos nossos mapas-filme? A denúncia social ganha forma nas grades e explicações monossilábicas do diretor-autor. Será que tal interpretação do conteúdo não é recair mais uma vez nas tentativas de engessar o sentido, alinhá-lo a alguma corrente e retirar assim seu caráter singular e as possibilidades de deslocamento? Ou será que se trata de formas do afeto que atravessam a expressão do diretor-autor?

O que vejo aqui são dois mapas que expressam em filmes diferentes a mesma história, seja naquele que chora diante da situação, ou aquele que é cerceado diante do gradil. Faces da crítica que as tornam diferentes.



## Sessão 6

Quadro 6 – Mapa 51



## Descrição do mapa

**Título:** Brasil do diferente, com espelho em sangue mas que não perde as esperanças.

n	O quê?	Por quê?
1	O Brasil é formado por todo tipo de gente. “olha o índio e as belezas naturais”	Eu queria mostrar o Brasil eclético com belezas no povo e na terra. A parte, teoricamente, ainda intacta.
2	Contravenção entre o “lindo” e o “feio”, o desenvolvido e o subdesenvolvido, entre o pobre e o rico	O nordeste é o símbolo da contravenção, da desigualdade. De um lado temos as riquezas, do outro temos a deplorável pobreza
3	O Brasil da riqueza agrícola, alimentícia, da terra farta. O Brasil dos desocupados em busca do que tem de mais nas mãos poucos	Aqui mostra a sigma de sempre: o Brasil farto nas mãos de poucos, mas que já tem tudo. Enquanto os outros procuram o que ter.

**Por que você acha que tudo isso é Brasil?**

Isso é a realidade. Encare-a

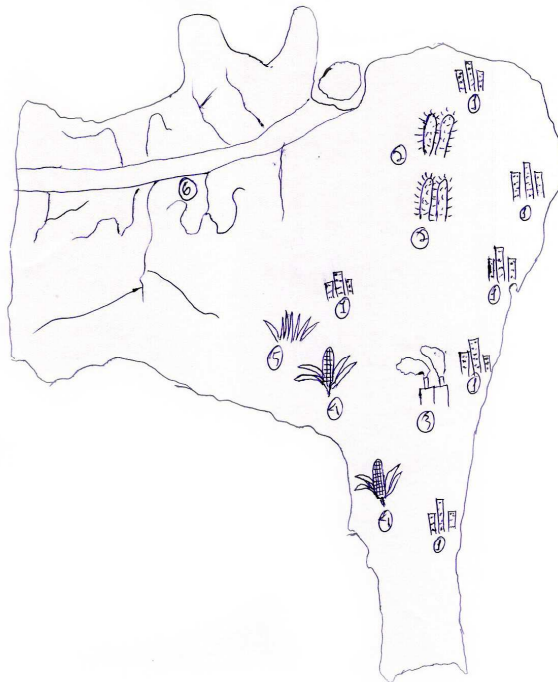
**O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?**

O Brasil só se diferencia dos outros países porque possui um povo que ainda tem esperanças.

Mais um mapa. Um país que pinga sangue, que se reflete numa poça de sangue, *sangue das chagas dos excluídos e explorados. Chagas abertas pelos desmiolados que tudo tem e ainda querem mais. O Brasil coberto por núvens escuras espessas, mas que, graças a deus – ainda possui um sol de esperança.* A revolta que é aqui muito bem expressada, aparece de outra maneira com relação aos outros mapas com conotações críticas; mas os mapas não estão num contínuo, são produções singulares. O *sangue das chagas dos excluídos* aparece de rompante, como um grito no meio dos mapas que mobiliza. Só o sol e o sangue são coloridos nos extremos da folha desenhada. Com rabiscos, o mapa é confuso, mas conserva divisões muito claras. Uma parte *teoricamente, ainda intacta* e protegida no desenho por um rio, a *contravenção entre o “lindo” e o “feio”* e o país agrícola, *da terra farta*. Mas não estamos preocupados com as interpretações e significados. O mapa grita, grita pelos excluídos, pelas *chagas dos excluídos e explorados (...) porque isso é a realidade, encare-a*. Denunciado com tanto fervor ele aponta para o sol de esperança lá atrás na nuvem. Ele parece dizer: “meu Brasil pesa uma tonelada, será que você encara? E esse sangue, está nas suas mãos também”. Construído no conflito, fazendeiros e MST, os ricos e os pobres. O Brasil é o combate ou a pureza do índio e da natureza. Revolta, ira, dor, raiva, ódio. Um Brasil cuspidamente na cara, como um dedo que aponta diretamente para você. *Encare-a*.

## Sessão 7

Quadro 7 – Mapa 58



## Descrição do mapa

Título: Retrato do Brasil

n	O quê?	Por quê?
1	Grandes cidades	Importantes áreas de urbanização
2	Área árida	Área pouco assistida e muito carente
3	Concentração industrial	Importante área industrial e baixa qualidade de vida
4	Plantação de grãos	Economia agrícola
5	Portos	Economia pecuária
6	Bacia Amazônica	Importante área natural

**Por que você acha que tudo isso é Brasil?**

Porque o que mais me chama atenção no Brasil é a sua natureza, o seu potencial agrícola, o seu potencial industrial e o contraste com a baixa qualidade de vida nas grandes cidades

**O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?**

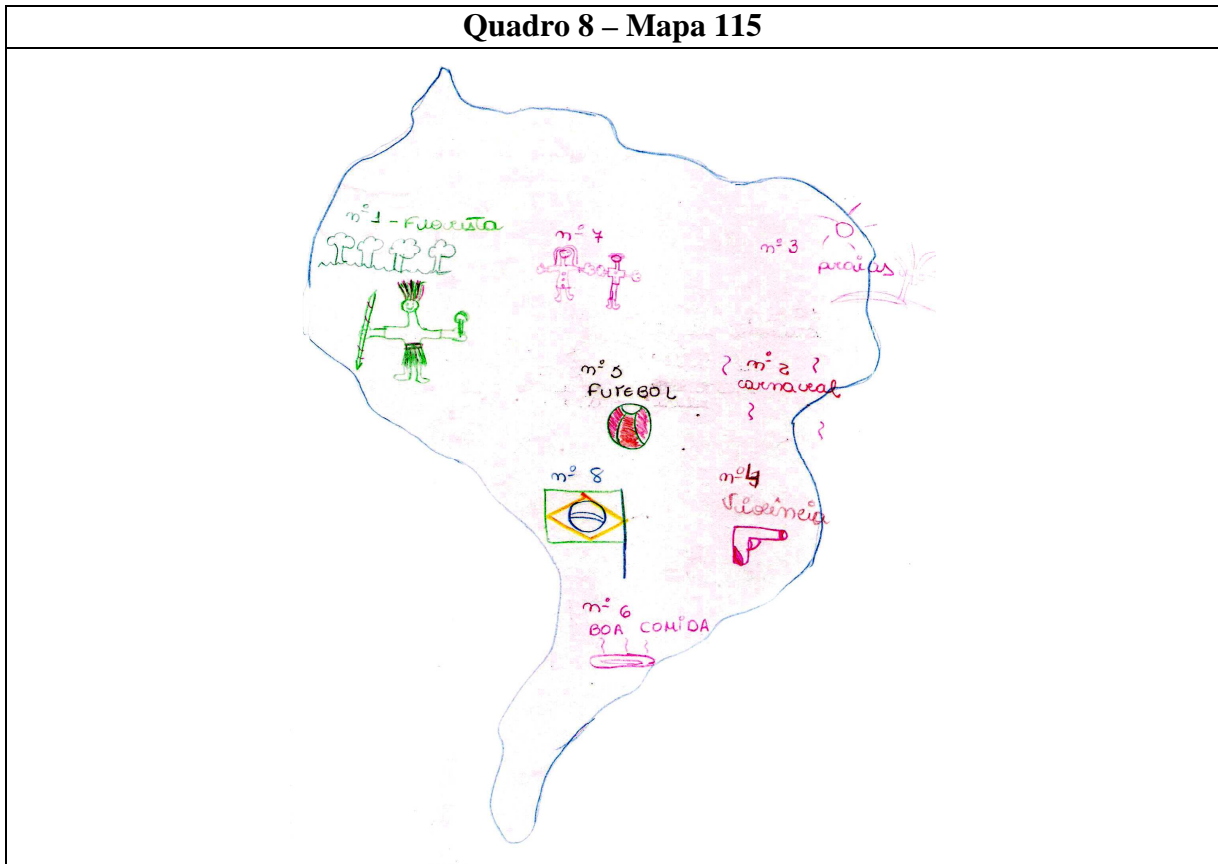
O que diferencia o Brasil dos outros países é que apesar da grande mistura racial, cultural, religiosa vive-se sem grandes conflitos.

O mapa-filme apresenta um Brasil de setores, selecionados por critério funcionalista. Muita coisa *importante*. As escolhas do desenho pintam sem cores um quadro de apatia diante do país, composto por elementos que podem no potencial ou no real, resultar em vantagens. Econômicas. Como numa vitrine, o diretor-autor desde mapa apresenta um Brasil em legendas, marcando as grandes áreas de *urbanização*, *industrialização*, *plantações*, *portos*.

Aspectos econômicos de um país que serve para tirar recursos. O mapa também aponta outras regiões, como retratam os cactos desenhados no interior do correspondente à região nordeste. *Área árida – área pouco assistida e muito carente e a bacia amazônica, importante área natural.* Nesse retrato do Brasil, o que mais chama a atenção no Brasil é a sua natureza, o seu potencial agrícola, o seu potencial industrial e o contraste com a baixa qualidade de vida nas grandes cidades. Eu pergunto se esse diretor-construtor vive num país que retrata com tanto distanciamento. Um analista que enxerga com olhos de um investidor: descreve um país com potencial, que tem alguns problemas a serem resolvidos. Destacando pontos positivos no tocante à economia e na ausência de conflito: *apesar da grande mistura racial, cultural e religiosa vive-se sem grandes conflitos.* Outros mapas-filme só vêem conflito nesse país, como o anterior. A idéia de Brasil é muito bem formulada e produzida neste distanciamento. O mapa é sem cores, bem feito como num atlas, daqueles que tomam como referência as atividades econômicas espalhadas pelo país. Tem detalhes das ilhas e características geográficas que compõem o que representou: o contorno da baía de todos os santos, a ilha de Marajó na foz do Amazonas. Preciso e distante, ele avalia as potencialidades e os problemas. O mapa-filme é a síntese do relatório e dá forma ao pensamento.

## Sessão 8

Quadro 8 – Mapa 115



## Descrição do mapa

Título: Meu Brasil

n	O quê?	Por quê?
1	Floresta Amazônica e índios	Para mim é uma das coisas de maior orgulho para o Brasil
2	Carnaval	Melhor festa que existe. Conhecida mundialmente
3	Praias	O Brasil possui muitas praias e ilhas lindas
4	Violência	Infelizmente está piorando a cada dia
5	Futebol	Paixão de todos os brasileiros
6	Boa comida	Por que comida e tempero igual a do Brasil não existe
7	Brasileiros	O brasileiro é receptivo a qualquer turista independente de cor e raça
8	Bandeira do Brasil	Por que ainda falta um pouco mais de amor à pátria e a bandeira brasileira

**Por que você acha que tudo isso é Brasil?**

Por que o Brasil é uma mistura de raça, de cultura, de comida e de festas, como o carnaval. Assim como é um país lindo e cheio de pontos turísticos maravilhosos.

**O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?**

A forma como as pessoas de outros lugares são bem recebidas pelos brasileiro. Existe mais calor humano nos brasileiro.

No Brasil as pessoas sabem viver, aproveitar a vida, etc. enquanto nos outros países (principalmente os desenvolvidos) as pessoas só pensam em trabalhar e ganhar dinheiro, e

acabam deixando a vida passar, para ficarem trancados trabalhando

Um país turístico. Todos estão de braços abertos para receber o tão querido turista. *No Brasil as pessoas sabem viver, aproveitar a vida, as pessoas de outros lugares são bem recebidas*, acolhidas por nós, calorosos brasileiros. A impressão é de uma propaganda de agência de viagem com o discurso pronto, exótico, que apresenta o Brasil de braços abertos, com *futebol, carnaval, praias e boa comida* para oferecer. Um sorriso pasteurizado é o que me desperta este mapa, de uma receptividade de guias turísticos, aquelas pessoas que são pagas para ter esta postura.

Quanto estive de viagem pela capital baiana me deparei com muitas faces desse lugar: muitas **Bahias** dentro de Salvador. A turística foi uma delas, que tem como emblema a fitinha do senhor do Bonfim dada aos visitantes assim que aportam na cidade, num gesto de “acolhimento que é natural” dos baianos. Eles são incisivos nas palavras e na abordagem: “moça, quer uma fitinha do Senhor do Bonfim? Os baianos são muito gentis, é de graça! Se você não aceitar é desfeita comigo! Você tem preconceito contra baiano, contra preto?”<sup>40</sup>. No mapa tanto faz ser um índio com cocar e chocalho, um capoeirista voador ou o Mickey. Tudo está pronto para ser vendido.

“triste Bahia, o quão dessemelhante/ a ti tocou-te a máquina mercante/ quem tua larga barra tem entrado/ A mim vem me trocando e tem trocado/ Tanto negócio e tanto negociante/ Triste...” (VELOSO, 1972)<sup>41</sup>.

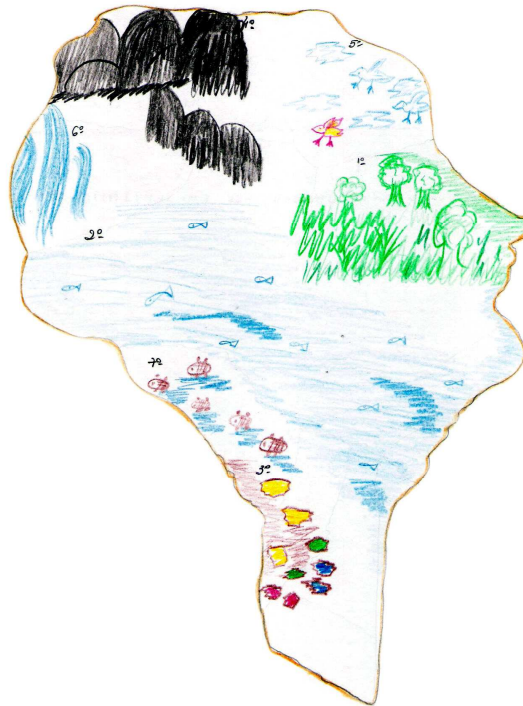
---

<sup>40</sup> Foi confidenciado a mim por um colega morador de Salvador que a fitinha serve para marcar aqueles que são turistas, para que os vendedores possam facilmente identificá-los entre aqueles que circulam pela cidade.

<sup>41</sup> Aqui me parece que uma condição da formatação da dissertação é particularmente interessante. Por conta da melhor visualização dos mapas, optei por colocá-los em folhas novas ainda que restasse um espaço na anterior. E este espaço funciona como um tempo, um intervalo para pensar sobre essas cartografias, prevista também para o leitor.

## Sessão 9

Quadro 9 – Mapa 13



## Descrição do mapa

Título: As riquezas Naturais

n	O quê?	Por quê?
1	Floresta Amazônica	A preservação do verde
2	Oceano Atlântico	Não há beleza igual
3	As pedras preciosas	São riquezas encontradas na própria terra
4	Chapada Diamantina	Vista que encanta a todos
5	A cachoeira véu de noiva	Águas límpidas
6	Projeto Tamar	Preservação das tartarugas

**Por que você acha que tudo isso é Brasil?**

Porque o Brasil é isso tudo de mais bonito que existe no mundo. Basta uma olhada e teremos o prazer de se deliciar com todas essas riquezas deixadas por Deus na própria natureza. O Brasil simplesmente foi privilegiado com toda essa riqueza natural.

**O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?**

A natureza completa. Por que tudo que existe no nosso país, nada se compara lá fora. É tudo muito natural. Rico em cores, tamanhos, diferentes tipos.

Toda escolha sempre pressupõe uma não-escolha. O autor-diretor deste mapa preteriu quaisquer elementos que fizessem referência a construções ou pessoas em seu mapa-filme. O que chama atenção é um Brasil composto somente por elementos naturais: árvores, montanhas, água, pássaros, peixes. O Brasil é pura *riqueza natural* e ele entende que devemos

nos orgulhar plenamente disso, como as respostas às perguntas abertas demonstram. A sensação que fica é de deslumbramento, ela diz que *basta uma olhada e teremos o prazer de se deliciar com todas as riquezas deixadas por Deus na própria natureza. O Brasil simplesmente foi privilegiado com toda essa riqueza natural.* O deslumbramento é definido como “encher(-se) de admiração (por algo que impressiona pelas suas qualidades superiores ou raras), causar encantamento em; fascinar(-se), maravilhar(-se), seduzir(-se)”, mas também é “embaciar, por excesso de luz ou brilho, (os olhos ou a visão de); causar ofuscamento (nos olhos ou na visão); ofuscar, turvar” (HOUAISS, s.d.). Ao lado do segundo sentido da definição, outras palavras, do mapa 120, dizem que *tudo é lindo, e tão lindo que podemos até esquecer dos nossos problemas.* A imagem potencializa vieses no olhar para o país: paradoxalmente acostumada a ser fonte de erro e de engano ela aqui leva às últimas conseqüências, materializa imagens de Brasil díspares e que seguem caminhos e idéias muito diversas. Chama atenção ainda o fato de o desenho ser harmônico na forma, ter uma estética agradável ao olhar.



## Sessão 10

Quadro 10 – Mapa 27

Descrição do mapa		
Título: Que país é esse?		
n	O quê?	Por quê?
1	Floresta Amazônica caracterizando a região norte	Fundamental para o Brasil
2	Indústrias, caracterizando a região sudeste	Representa uma grande força da nossa economia
3	Vegetação típica do clima seco caracterizando a região nordeste	É o fatos que mais prejudica a região
4	“Capital do país, onde os partidos se reúnem e ...”	...é o local onde são tomadas decisões importantes...
5	Churrasco e chimarrão caracterizando a região sul	...local onde os políticos descansam Por isso estamos vivendo nesse descaso.”
<b>Por que você acha que tudo isso é Brasil?</b>		
Porque é isso que venho observando ao longo da minha vida e é assim que vejo nosso país diante das vivências pessoais		
<b>O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?</b>		
As diversas possibilidades. É um país que pode crescer em vários sentidos se for bem administrado. É um país que se completa com seu próprio conjunto, podendo conquistar facilmente a autonomia.		

Este mapa foi escolhido para integrar o conjunto formado para ser apresentado pela peculiaridade dos elementos escolhidos pelo autor-diretor estarem aparentemente boiando no mapa. Trabalha quase com estereótipos e monta em cima de um fundo verde bolhas de histórias que se interligam nas palavras. O enredo apresenta o sul como uma espécie de oásis onde os *políticos* – que estão *na capital tomando decisões* – *descansam e por isso vivemos nesse descaso*. A esperança de que alguém, um outro, vá fazer alguma coisa pelo país parece ser a tônica do discurso. Como no hino, deitado em berço esplêndido, ao som do mar e à luz do céu profundo, *cheio de possibilidades*, espera-se pela mudança. Boiando como as narrativas segmentarizadas. Também chama a atenção o fato de serem bolhas – isoladas umas das outras – como se existissem as partes, mas ainda sem formar um todo, *As diversas possibilidades. É um país que pode crescer em vários sentidos se for bem administrado. É um país que se completa com seu próprio conjunto, podendo conquistar facilmente a autonomia*.

Uma pequena pausa para reflexão. O trabalho realizado até aqui apresentou uma característica que é uma tônica em toda a população desta pesquisa. Os mapas-filme são sempre imaginados pelos sujeitos. Nenhum deles tentou descrever um mapa físico do país, ainda que priorize algum aspecto que é físico; nesse sentido as idéias aqui veiculadas nunca são neutras, sempre trazem a carga da opinião, do juízo formado sobre o país. É como muitos deles dizem: *escrevo a realidade, é como as coisas são*. Contaminados do psicológico, do social e do afetivo, o que interessa na análise esboçada neste conjunto é o juízo operado pelo diretor na construção, a criatividade de dar forma a esta imagem.

A forma, o desenho criativo dos participantes, por mais que se aplique, como nessa sessão, a escrever o Brasil em narrativas chapadas, não hesita em mostrar uma interrogação que não necessariamente se traduz numa dúvida. Talvez como um espaço, um intervalo. As noções de país, todas tão prontas, carecem de movimento, que só pode respirar se lhe for concedido uma cota de oxigênio, um lugar ao sol, um espaço. A interrogação tímida desse

mapa, como as outras que já apareceram, talvez seja mais uma brecha, mais um fio solto, um espaço. Não descrito, não mencionado nas palavras, reforça o papel da imagem como um trunfo no qual o participante está menos comprometido com o politicamente correto, com as explicações que militam na lógica. Me lembro de palavras que chegaram aos meus ouvidos num dia repleto de intervalos, de espaços, pela voz de uma cartógrafa, professora, militante, enfim, uma apaixonada: “até a mais repugnante sopinha tem algo de nutritivo”.

### Sessão 11

**Quadro 11 – Mapa 139**



#### **Descrição do mapa**

**Título:** Brasil: Independência ou Morte?

<b>n</b>	<b>O quê?</b>	<b>Por quê?</b>
1	Uma pirâmide	Para representar a desigualdade social que predomina no nosso país
2	“Constelações”	Representando a classe alta que prevalece pequena desde os tempos passados quando era nobreza
3	Fazendeiros e Empresários	Camada social privilegiada que quase não contribui diante de tanta necessidade
4	Pobres (miseráveis que não tem onde dormir)	Mostra e prova que mesmo com tantas promessas “nada” foi feito pela grande maioria

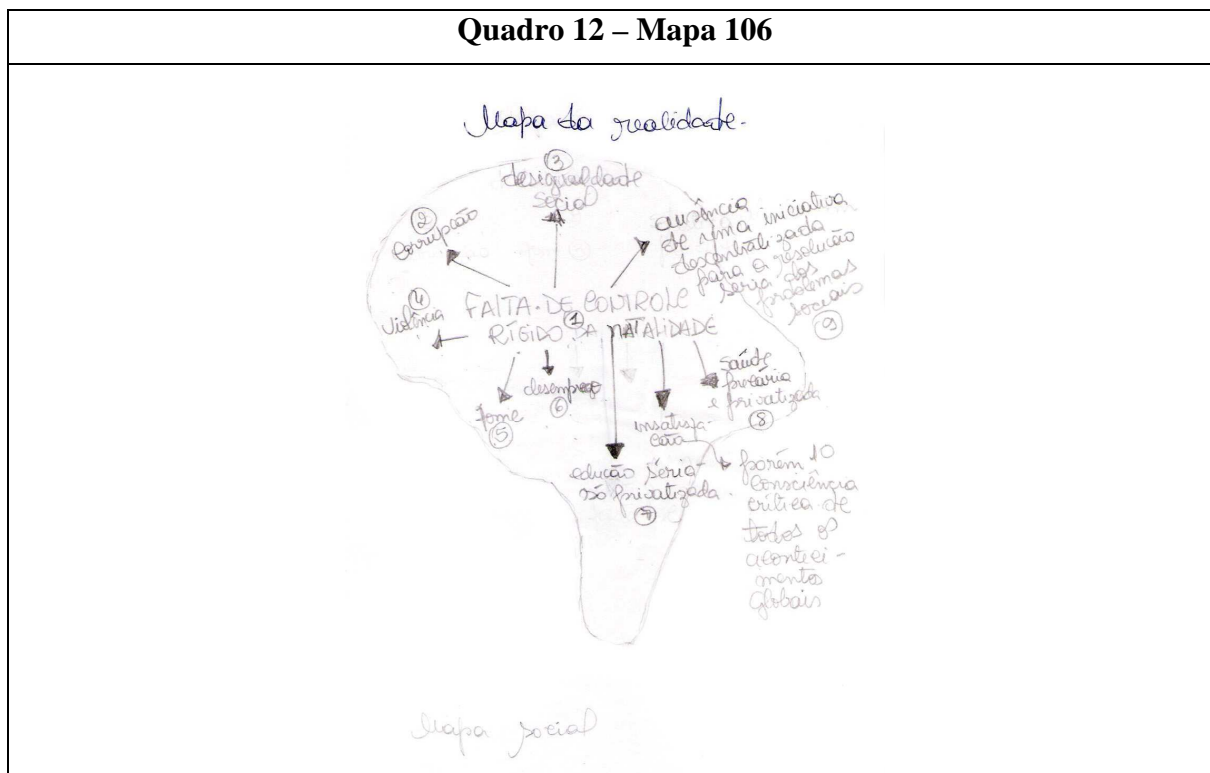
5	Plantas	Para mostrar o quanto nosso Brasil é rico em termo de produtividade
6	Pessoas de verde	Representando a esperança e mostrando que aumentam em quantidade enquanto caem na pirâmide
<b>Por que você acha que tudo isso é Brasil?</b>		
Porque o Brasil é uma terra maravilhosa, mas que vem se desmoronando devido a sua “população”. Quase todos querem mudanças mas pouquíssimos fazem sua parte, o que acarreta desigualdades e má distribuição dos muitos recursos, sejam alimentícios ou outros, que esse país nos oferece. E se todos se juntarem poderemos mudar esse quadro.		
<b>O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?</b>		
A terra e a alta produtividade dela. Porque até mesmo vegetais ou animais de outros países, se adaptam melhor aqui do que de onde eles vêm. E isso não é percebido gerando desperdício, desmatamentos, empobrecendo a fauna e a flora tão invejada por outros países.		

Um sentido completo, bem delineado em suas partes, a narrativa bem amarrada. Uma pirâmide como recurso para falar da desigualdade social. O que fica fora dela é a natureza, a produtividade. Existe espaço para um além neste mapa? Os riscos fortes que marcam a constituição da pirâmide não me mostram espaço, o intervalo celebrado no mapa-filme anterior. Um Brasil natural e um Brasil social, dentro da pirâmide. Um mapa duro, em que não é possível encontrar nada que bóie, nenhum espaço para o diferente.

A imagem é recoberta de sentido, as cores, as estrelas, a própria pirâmide. As metáforas, com sentidos e significados conferem sensação de coesão total, sem brechas. O que pode escapar ao mapa?

## Sessão 12

Quadro 12 – Mapa 106



## Descrição do mapa

Título: Mapa da realidade

n	O quê?	Por quê?
1	Corrupção brasileira e no mundo	É uma realidade constante e crônica até hoje
2	Falta de controle rígido da natalidade	Esse é o núcleo de todos os problemas
3	Desigualdade social	É uma fonte em potencial na exclusão social
4	Violência	Inevitavelmente atinge a todos e é preocupante sua propagação
5	Fome no Brasil	É uma das evidências das desigualdades
6	Desemprego	Também é um parâmetro do caos social
7	Educação séria só privatizada	As entidades públicas não conseguem acompanhar a evolução
8	Saúde precária e privatizada	Somente quem tem alguma assistência particular vai ser melhor assistido
9	Ausência de uma iniciativa séria	Existem vários projetos teóricos e na prática quase nenhuma
10	Insatisfação de muitos e alienação de outros	Não dar para suportar tanta desordem sem ter uma postura crítica

**Por que você acha que tudo isso é Brasil?**

Porque faço parte desta sociedade e sou exemplo raro, que apesar de ter origem bem humilde financeiramente falando consegui vencer algumas barreiras tanto da desigualdade como preconceitos variados, exclusão social e estou conquistando meu espaço apesar de não ter muito suporte social

**O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?**

Apesar de ter um grande território programa de desenvolvimento agroexportador riqueza mineral; clima tropical bom p/ agricultura reserva florestal; boa localização p/ exportação

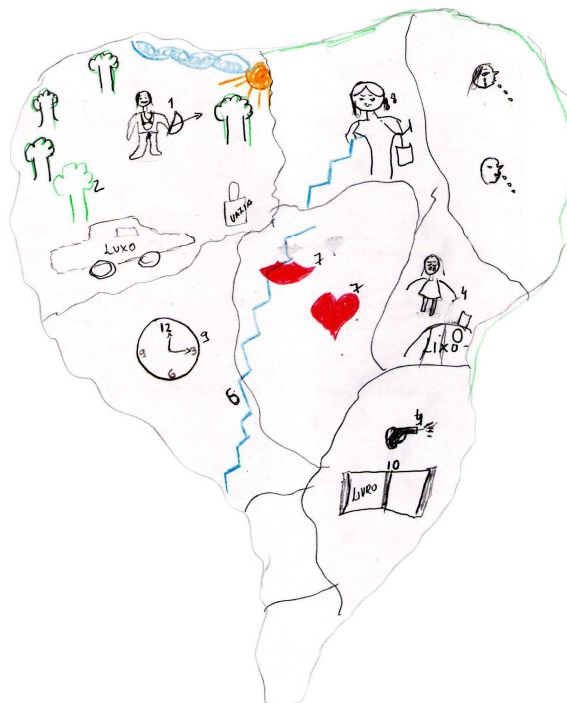
costa marítima etc. Em fim vários fatores favoráveis para o crescimento econômico social cultural no panorama mundial, ainda assim aceita pacificamente essa posição de colaborador das grandes potências mundiais. Por quê o principal fator: corrupção → existe muito dinheiro arrecadado porém mal utilizado. Ausência → de fiscalização e descentralização administrativa

Mais um sentido completo, que identifica características, conseqüências, fontes de origem, causas, projeções para o futuro. *Mapa da realidade*. Uma realidade assustadora, atravessada pela experiência pessoal vivida pela autora-diretora, conforme menciona na resposta à pergunta do porque do desenho. Mais um mapa fechado de sentido. Escolhi este mapa porque ele chama atenção em sua forma, mas a que afetos ele dá passagem? Existe um tom de revolta nas palavras, que fala dos preconceitos que a autora-diretora viveu: *apesar de ter origem bem humilde financeiramente falei consegui vencer algumas barreiras tanto da desigualdade como preconceitos variados, exclusão social e estou conquistando meu espaço apesar de não ter muito suporte social*. Mas essa revolta traz também o significado pronto. Parece, como outros sentidos de Brasil apresentados aqui, que os contornos vêm prontos da fábrica, basta que se identifique com um qualquer para adotar: uma perspectiva crítica, apatia, exaltação. Estão todas dispostas numa estante. Será? O que acontece quando não dou crédito aos meus mapas? O que perco com isso? Será mesmo que até a mais repugnante sopinha tem algo de nutritivo?

Mais uma pausa para reflexão. Sobre os movimentos que vínhamos tentando narrar nessas palavras. Como numa dança, tento deixar que o mapa me conduza, mas sem nunca esquecer que sempre falamos de um par nessa situação. E às vezes ele se mostra duro, inflexível como no caso deste mapa-filme e do anterior, que dificultavam as conexões, grudando numa máscara que não deixa espaço para mais nada. A dança aos trancos não é bonita, mas o parceiro se apresenta e nosso propósito aqui é estar aberto para bailar até com os mais inflexíveis, difíceis de acompanhar. As cartografias querem acompanhar a construção e desconstrução dos territórios, dos sentidos de Brasil.

## Sessão 13

Quadro 13 – Mapa 29



## Descrição do mapa

Título: —

n	O quê?	Por quê?
1	Ainda temos o “índio”	Porque existem homens
2	Floresta	Nossas referências vitais
3	Má distribuição de renda	Ganância humana
4	Violência	Luta pela igualdade
5	Esperança	Algo que impulsiona o viver
6	Sonho	Necessidade
7	Amor	Sentimento que abarca os outros
8	Menores trabalhando	Desrespeito a infância
9	O tempo marcador de tudo	Que nos faz refletir o que fizemos e o que nos resta
10	Aprendizes eternos	Homens na tentativa do

**Por que você acha que tudo isso é Brasil?**

É o Brasil nas suas várias faces; temos a beleza natural, um clima maravilhoso e o homem mediando tudo

**O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?**

O desrespeito aos irmãos, a impunidade, “o jeitinho”. A desvalorização da mão-de-obra no nordeste e a diferença salarial entre homens e mulheres. Enfim, o desrespeito aos direitos humanos.

Um mapa diferente? O roteiro é muito semelhante aos outros, fala do *desrespeito*, da *impunidade* sendo até mesmo um pouco evasivo, não tão consistente e revoltado na sua crítica a sociedade, não conclusivo. Talvez aí esteja seu mérito maior. Não se alinha diretamente a um pensamento que circula. Retrata um Brasil que passa uma sensação diferente. Impressiona. O *sonho* e uma escada, que processo passa por aí? E a *violência que é a luta pela igualdade*? Um mundo que vai passando, o *tempo que marca tudo* e as lágrimas que correm. Olho, me detenho atenta no conjunto e não dou o passo para desbastar a estranheza que ele provoca. Muitos choram no mapa, mas não num choro de revolta, que exige reparação, que sente na pele a dor de uma condição e quer denunciar isso aos quatro cantos. É diferente. Num sonho surreal, esses *aprendizes eternos, homens na tentativa do*, sem continuação. Todos têm lágrimas nos olhos ou expressão de tristeza. E isso tudo envolto no *sonho, uma necessidade* que aparece numa escada, no *amor, sentimento que abarca outros*, no meio da escada; *esperança*, sem representação indicada, *algo que impulsiona o viver*. E o tempo segue marcando, *que nos faz refletir o que fizemos e o que nos resta*. Só posso dizer que é um sinal de processualidade. Algo se desenvolve e me toca. É como um fio solto. O tropicalismo foi minha idéia. Deglutir as idéias de país e retrabalhar, repensar pela via da imagem. Não analiso imagens, digo os movimentos, digo que o movimento está na forma, que é um signo de processualidade que aponta em algum sentido semiótico que não sei qual é. O trabalho com os mapas não busca interpretações, transformar a imagem em texto, em elementos da gramática, mas deseja dar passagem aos afetos que o desenho desperta. Para pensar caminhos diferentes, insólitos. A cartografia funciona aqui como uma ferramenta de pesquisa que prima pela diferença, que a deseja. Se meu trabalho é de descrição, de performance, como posso ir além disso? No rizoma que traço do mapa-filme, um “querer caetanear o que há de bom (...) quiçá um dia a fúria desse front virá lapidar o sonho até gerar um som”. (DJAVAN, 1982)



O trabalho de Alita Rego (2004) discute o cinema para além da forma. Quer pensar um filme que a tocou de uma maneira diferente. Em **O Rio**, a quase inércia da câmera, somada aos gestos robóticos dos atores, o diretor chinês Ming-Liang, no extremo da artificialidade dá asas gigantes às sensações, de maneira que a autora vê no filme a materialização daquilo que é invisível. A câmera é capaz de dar forma a afetos e perceptos tornando-os visíveis, em uma imagem que não pode ser nomeada porque não tem sentido semiótico completo. Entra aqui outra lógica, do sentir, das intensidades, que tem relação com a diferença que propomos em linhas anteriores. A sedução que este mapa convoca talvez esteja no intervalo que joga. O espaço de sentido que não pede por completamento: esta talvez seja sua maior característica sedutora.

O que mantém o expectador assistindo o filme? A espera pelo completar do sentido? Segundo Zizek (1992) grandes diretores conseguem produzir uma atmosfera ao contar a história, por meio de jogos de câmera que se alternam, por cenas intermináveis que ditam um ritmo no contar da história. Ao comentar **Festim diabólico**, de Hitchcock, Zizek fala que este filme cria “uma barreira atuante que de modo algum pode ser transposta – sua presença é constantemente sentida e cria, assim, uma tensão quase insuportável, que aumenta contínua e indefinidamente, sem jamais relaxar” (1992, p. 161). O sentido do filme pode estar também em sua beleza poética, como no caso de **O homem elefante**, de David Lynch, que arquiteta um conjunto de cenas totalmente redundantes e incompreensíveis quando compreendidas de um ponto de vista lógico, cuja função é transmitir a mensagem da experiência subjetiva do personagem. Um ruído que se assemelha ao pulsar de um coração ou o batimento sincopado de uma máquina presente no filme faz mergulhar o expectador na proposta do diretor (ZIZEK, 1992). Essas palavras atestam a qualidade formal do cinema e o caracterizam como atividade que afeta aquele que o assiste. O bailar com o mapa aqui parece estar em sua melhor performance, com a música e a dança conjugadas num ritmo que leva para longe o par que

flutua no salão. Estaríamos, segundo Glauber Rocha, no momento da reflexão, da procura em profundidade? Ele afirma que o tropicalismo é o surrealismo dos povos latino-americanos, “instrumento para o pensamento em direção de uma liberação anárquica, a única possível. Hoje utilizada dialeticamente, (...) em direção do esclarecimento e da agitação” (ROCHA, s.d., s.p.).

Mais e mais além, Glauber diz que o tropicalismo é uma forma de lidarmos com o nosso subdesenvolvimento fazendo dele próprio uma alavanca porque “Agora nós não temos mais medo de afrontar a realidade brasileira, a nossa realidade, em todos os sentidos e a todas as profundidades” (ROCHA, s.d., s.p.).

A viagem que empreendemos com as cartografias que apresentamos é um percurso de uma aprendiz que, muito afeita às sínteses, sentiu necessidade de explicar um pouco mais ao leitor o que foi este processo. Já salpicamos algumas das cartografias com a idéia de uma dança que se desenvolve entre a aprendiz de cartógrafa e o mapa-filme. Tentando desenvolver um pouco mais esta idéia, que toca principalmente a relação com o mapa envolvendo a questão da alteridade na perspectiva da cartografia, acabamos por pensar os encontros com os mapas como num baile em que o sentido veste muitas máscaras. De antemão anunciamos que se trata de uma alegoria para tocar e sermos tocamos mais uma vez nas cartografias; isso não significa que os autores dos mapas são todos homens e que a aprendiz de cartógrafa é mulher, mas são pares. Mais uma vez procuramos pela viagem de que nos fala a epígrafe da dissertação.

Nas primeiras sessões a proposta de Deleuze foi se materializando aos poucos, ao identificamos pequenos sinais de rupturas, de maneiras diferentes de considerar, ao levar em conta na primeira cartografia a idéia da *moeda* para ilustrar o valor do Brasil. Este primeiro mapa também apresenta o gérmen de outro aspecto fundamental a ser notado ao longo dos encontros, o **invervalo**. Os espaços de sentido que existem como bolhas numa obra

cinematográfica e nos estimulam a nos lançar na viagem, a sedução pelo intervalo de que falamos na última cartografia apresentada. Este que é um não-elemento, pois é identificado como um espaço vazio se manifesta mais uma vez e de forma diferente na sessão seguinte, com o mapa 25, como um *ponto de interrogação*. Como no início de uma festa, os pares ainda parecem retraídos nas piruetas que desenvolvem pelo salão, mas a noite promete. A sessão seguinte ainda mostra um par tímido e questionador, com a proposta de *fugir do lugar comum, as montanhas*. Sentimos que o clima se prepara para mudar, e logo se vê que um pezinho mais ousado aqui e ali.

Abandonamos rapidamente a timidez com o par que se forma na sessão 4. A música latina é o tom, bem justificada pelas explicações de Belquior em **à palo seco**, “por força do destino um tango argentino/ me cai bem melhor que um blues”. A dança se desenvolve ao som do refrão exclama: “eu quero que esse canto torto feito faca/ corte a carne de vocês” (BELQUIOR, 2002). E o par canta e sente junto, “amigo, de olhos arregalados, eu lhe direi, eu me desesperava” (BELQUIOR, 2002). E segue a mesma toada na próxima sessão, agora a 5, em companhia do mapa 57, ainda mais cortante, em meio ao *gradeado*, com Elis Regina recitando trechos do poema **à palo seco** de João Cabral de Melo Neto “não de aceitar o seco/ por resignadamente,/ mas de empregar o seco/ porque é mais contundente” (MELO NETO, s.d). Até que o *sangue pinga* no encontro com o mapa 51, e quase desistimos de dançar por conta da poça que se forma. Corta para o som da nação zumbi, ainda na mesma sessão 6, que pede passagem: “Meu maracatu pesa uma tonelada! [...] alterando as batidas/ no azougue pesado em ritmo crônico/ tropa de todos os baques existentes/ de longe tremendo e rachando os batentes/ mutante até lá adiante pois a zoada se escuta distante/ levando o baque do trovão”. É certo que nosso baile não segue escolhas de músicas lineares, a maior expressão disso é a próxima contra-dança, com o mapa da sessão 7.

Reiteramos não seguir linearidades, nem esperar por elas, mesmo porque no baile, a moça sempre espera para ser convidada e dançar seja com que for. Ainda assim, não deixamos de ficar abismados com a distância de abismo que separa nossa nova dança da anterior. Mal conseguimos ouvir a música quando o par aprendiz de cartógrafa-mapa 58 se forma e a “química” que tínhamos alcançado nas últimas danças se dissolve na *apatia* que comanda os nossos passos. Eu me pergunto se ele quer dançar um pegar algum dinheiro, descobrir uma nova informação... O próximo chega para tirar a moça para bailar com um *sorriso amarelo* nos lábios. É estranho porque ele não parece muito atento à dança, mais preocupado em apresentar suas qualidades de bom dançarino forçando passos, fazendo movimentos desnecessários, meio papagaiados. Ouço uma música para esta situação que toca dentro de mim, sem que o parceiro ouça: “triste Bahia, o quão dessemelhante/ a ti tocou-te a máquina mercante/ quem tua larga barra tem entrado/ A mim vem me trocando e tem trocado/ Tanto negócio e tanto negociante/ Triste...” (VELOSO, 1972). Atestamos que os últimos pares que se formaram não resultaram no viço que um encontro dançante pode gerar. Dançamos, sim, sem nada além.

Par novo da sessão 9. Posso ver o deslumbramento em seus olhos que ele diria, *brilham como esmeraldas*. Um ar pueril dá o tom da dança, sem os batuques que nos acompanharam até agora: ao som do violão, penso, “tão bonitinha, essa música é tão bonitinha” (VELOSO, 1999), como o comentário de Caetano no show Prenda Minha. A inocência do par contagia e me põe um sorriso na cara.

O próximo par tem ar ambíguo. No primeiro olhar parece que não vai vingar, mas quando começamos a rodar pelo salão vejo o intervalo de que falamos no início mais uma vez ganhar contornos, e a dança se desenvolve sobre o *pano verde, com bolhas de sentido* espalhadas aqui e ali. E giramos... Aqui fica claro que é preciso sempre apostar de alguma maneira no mapa que te chama a dançar, sem receio de perder as fichas, pois de repente ele

pode se mostrar um exímio dançarino, conferindo mágica especial à noite. São os créditos que precisamos dar aos mapas.

Se decidimos apostar num duvidoso no par que se formou nos espaços entre as bolhas, agora a situação é diferente, com o mapa da sessão 11 mal conseguimos dançar. Os pés se enroscam e o casal nem ao menos entra numa sintonia mínima de dois prá lá, dois pra cá, ainda que murmuramos um no ouvido do outro as sincopadas do ritmo. As *arestas duras do triângulo* não permitem que os espaços existam. O par quase cai no meio do salão e se desfaz rapidamente. Será que estávamos dispostos a dançar?

Um pouco cansada já, mas disposta a continuar os encontros, a noite continua. E mais um mapa com sentido completo se apresenta. Tudo é *culpa da falta de controle rígido da natalidade* é o papo que se desenvolve na dança, mais uma vez aos trancos e barrancos. Nessa hora mal consigo ouvir a música, ele se mostra difícil... quero desistir. Tento burlar as regras da condução pelo par, atribuir sentido a ele mas nada cola. Agradeço a dança e vou me dirigindo à saída para voltar de uma noite tão cheia. Vou satisfeita.

Até que, como nos filmes românticos americanos, a mocinha despreocupadamente lança o olhar para um canto do salão e encontra num rapaz um pouco acanhado, bem ali no canto mesmo, que parece encontrá-la também, numa disposição, uma vontade que sobe das entranhas e se espalha por todo o corpo.

E nem deixou-a só num canto, pra seu grande espanto/ convidou-a pra rodar/  
E então ela se fez bonita como há muito tempo não queria ousar/ com seu  
vestido decotado cheirando a guardado de tanto esperar/ Depois os dois  
deram-se os braços como há muito tempo não se ousava dar/ e cheios de  
ternura e graça, foram para a praça e começaram a se abraçar/ E ali  
dançaram tanta dança que a vizinhança toda despertou/ E foi tanta felicidade  
que toda cidade se iluminou. (MORAES; BUARQUE, 1971)

A dança se desenvolve maravilhosamente e dessa vez nós mal conseguimos identificar a música mais uma vez, mas agora por motivos diferentes. É difícil ouvir porque dançamos dentro da partitura, desviando dos sons dos instrumentos que marcam o ritmo que nos faz

sentir flutuando. Dessubjetivados, carregamos os sentidos para longe, como num sonho surrealista. Todo o espaço é aproveitado com apreço voraz por respirar o mar de oxigênio que encontramos, até entorpecer. Violentamente deslocados, os sentidos ganham ares brumáticos de novas possibilidades. Corta, não tem mais nada a dizer.

A antropofagia de banquetear-mo-nos, devorar o Brasil junto com os mapas e construir novos passos e movimentos. Deglutir, mastigar, lamber a língua, pela frente, pelo verso, cru, de que fala nossa epígrafe.

#### **4.5 Balanço nas cartografias**

Voltemos da viagem com tantos intercessores. Eles nos levaram por caminhos que alcançaram universos distantes, que seguiu rumos que não cessam de se manifestar. É preciso dar um passo mais uma vez: que idéias derivam do encontro com os mapas?

Recapitulando o encontro e o percurso, partimos de um lugar, a teoria das representações sociais, e nos esforçamos em apresentar um caminho de pesquisa, até que eiras e beiras tortuosas nos conduziram às cartografias e a experiência do encontro. Como dizíamos no início, as representações sociais são um sistema de valores, opiniões e práticas que permitem ao grupo conferir uma classificação e conseqüentemente orientar-se no meio social, dominando-o (MOSCOVICI, 1978). Associada a essa idéia, que converge no sentido da estabilidade dos conhecimentos, vimos no primeiro capítulo que Moscovici também prima pela heterogeneidade e pela mudança em sua teoria (VOLKEIN; HOWARTH, 2005; WAGNER et. al., 2000; MOSCOVICI, 2003). Assim, “as representações sociais emergem da tensão e do conflito quando espaços ou divisões aparecem em padrões de entendimento. Em resumo, quando o garantido não pode mais ser tomado dessa forma, o trabalho

representacional é necessário para restabelecer a estabilidade”<sup>42</sup> (WAGNER et. al., 1999, p.415).

A metodologia da cartografia, materializada na experiência cinematográfica com os mapas, descrita nas sessões tentou dar vazão à diferença, aos espaços que podem existir na formulação de um sentido de Brasil. As experiências com os mapas querem demonstrar as preocupações de incluir uma outra ordem de diferença, acessada no fluxo de afetos produzido pelo encontro com os desenhos. É importante marcar que a diferença já é contemplada pela teoria das representações – como já afirmamos, é na tensão que as representações se constroem. O passo que apresentamos é uma nova formulação da diferença, e não se trata de simples comparação de idéias que, por oposição e silogismo se manifestam: a diferença pensada por Deleuze não está dada no quadro original da imagem do pensamento posta inicialmente, é nova, imprevista. O inventivo irrompe associado à montanha russa dos afetos, em expressões descritas nas cartografias de mapas que não podem ser tomadas como individuais, mas antes, como singulares. A diferenciação entre essas noções é fundamental.

Guattari, durante visita ao Brasil na década de 80 propiciou uma série de encontros com pensadores brasileiros a fim de discutir e construir novas idéias, lançar sementes que pudessem dar frutos (GUATTARI; ROLNIK, 1986). Entre muitas noções, debateu o contraste aparentemente sutil, mas de importância fundamental, entre as noções de singularidade e individualidade. A idéia de individualidade remete, para ele, a um terminal: um indivíduo é uma ponta engessada, um momento congelado no tempo do fluxo e dos múltiplos vetores que acompanham a vida (GUATTARI, 1993). Trata-se de uma idéia que pressupõe continuidade, estabilidade, enfim, uma identidade que não permite ao sujeito descolar-se, que pára sua potencia criativa, suas possibilidades de novos agenciamentos, de pensar rizomaticamente. Já a singularidade expressa um movimento, oposto à fixidez do conceito anterior: “uma relação

---

<sup>42</sup> Cf. original: “[...], social representations emerge out of tension and conflict when gaps or divisions appear within existing patterns of understanding. In short, when the taken-forgranted can no longer be taken for granted, representational work is necessary to re-establish stability”

de **expressão e criação**, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p.33, grifo nosso). O indivíduo, refém da estabilidade, da produção de subjetividade em massa que diz como se comportar, o que pensar, tem seu caminho retilíneo já formulado de antemão, enquanto a singularidade quer pensar todas as trilhas, os desvios, os atalhos e tropeços que podem surgir em potência no caminho.

A diferenciação se expressa neste trabalho para afirmar que nossas cartografias não são meras individualidades, manifestação de pessoas que fogem às grandes linhas da representação social, mas antes, propomos que o encontro com os mapas mostra que a representação não é homogênea, que existe apropriação, criação do sujeito sobre os conteúdos: são as singularidades mencionadas acima. É como se estivéssemos ainda dentro da representação, mas as cartografias nos proporcionam ver mais claramente as linhas que partem, que passam por ela tangenciando-a, sublinhando o movimento já previsto por Moscovici no momento da formulação inicial das representações sociais, ainda em 1961.

Assim, as cartografias focam, dão passagem para as subversões da representação acentuando a visibilidade de seu movimento, num agenciamento que investe o coração da representação – pois mantém seus conteúdos – mas os manipula, deixando transparecer novas posições. As palavras de Rolnik (2007) sobre as noivinhas, tema de debate de seu livro, servem para trabalhar a idéia do movimento dentro da representação que os mapas trazem:

estão se operando silenciosos movimentos de simulação de novas matérias de expressão. Ela deixa que, pouco a pouco, uma nova máscara, uma série de novas máscaras, possam ir se delineando em seu corpo, de modo a compor um plano de consistência para seus afetos. Talvez isso nem chegue a acontecer. Mas de qualquer maneira não tem outro jeito, [...] só assim será possível criar um território para aquele encontro. (ROLNIK, 2007, p.34-35)

Assim, estas cartografias pervertem os eixos principais de significação do Brasil, apontando que a representação, mesmo aquela que se enquadra como uma hegemônica (MOSCOVICI, 1988), não é parada no tempo, ou que se move apenas no tempo longuíssimo. As muitas configurações da imagem do país somadas aos conteúdos são uma demonstração



disso. As máscaras de que fala Rolnik (2007) são as muitas possibilidades de “identidades” com as quais a noivinha pode se colar. Mas como ela diz, nem sempre os movimentos das intensidades dos afetos levam à formulação de novas máscaras, territórios que estabelecem novos sentidos. Por isso falamos em fiapos soltos no tecido da representação de Brasil que não é homogêneo, nem aparentemente.

Desta forma, as cartografias são metodologia especial para trabalhar as representações sociais neste caso, pois elas conseguem captar, com o corpo vibrátil, os “movimentos permanentes e imperceptíveis de criação de outras máscaras” (ROLNIK, 2007, p.36). Acompanhamos assim, com a rápida apresentação dos fluxos de intensidades vividas pelo par pesquisadora-pesquisado, uma série de significações de Brasil, que puderam se manifestar especialmente nos espaços que os mapas deixaram – e a aprendiz de cartógrafa também permitiu – na dança que travamos junto a eles. Comparecem aqui a idéia da diferença como parte da representação, que problematiza o estatuto do consenso; o construtivismo que embasa a formação do par, além de um debate sobre o encontro afetivo com a alteridade nestas danças que apresentamos. Discutiremos no próximo capítulo essas idéias.

## 5 Territorializando cartografias: notas de uma aprendiz de cartógrafa

### 5.1 Introdução

*sonho o poema de arquitetura ideal  
 cuja própria nata de cimento encaixa palavra por palavra,  
 tornei-me perito em extrair faíscas das britas  
 e leite das pedras.  
 acordo.  
 e o poema todo se esfarrapa, fiapo por fiapo.  
 acordo.  
 o prédio, pedra e cal, esvoaça  
 (...)  
 Waly Salomão*

Este capítulo opera um retorno aos encontros que travamos nas páginas anteriores, tentando transformar os afetos que dominaram as cartografias em territórios. A idéia da territorialização e desterritorialização presente no título deste capítulo é fruto do pensamento de Deleuze e Guattari (1995) e remete às palavras que usamos para explicar a filosofia da diferença de Deleuze nos capítulos anteriores. Trata-se do movimento de contaminar-se, afetar-se do outro redefinindo papéis e colocando em cheque a postura adotada por aquele que conhece assim como a relação com o conhecido, estranhando o familiar, a representação: a **desterritorialização** atua no esvaecer de mundos. Num processo análogo, outras máscaras vão sendo construídas, mundos diferentes ganham força nos encontros mediados pelos intercessores e novos territórios se organizam, ganham materialidade, força de um sentido mais delimitado; é o momento em que os afetos ganham expressão, trazendo o aparecimento de novos mundos, construção de sentido, a **territorialização**. Este movimento pressupõe um enxugamento da riqueza da experiência pois a transforma em palavras, agrega um sentido em sua significação semiótica. Neste capítulo, como o roteiro dos trabalhos científicos propõe, tentamos, a partir de todo o trabalho empreendido até o momento, retornar à nossa questão

inicial, as relações entre nossas ferramentas teórica e metodológica, atravessada por experiências, filmes, roteiros, caixas de ferramentas e etc., agora em busca de um território.

Como a epígrafe já alerta, inspirada por uma mesa coordenada por Virgínia Kastrup na semana da psicologia de nosso Instituto (KASTRUP et. al., 2008), a correspondência entre nossa idéia inicial, o esquema dinâmico que tínhamos na cabeça antes da materialização, territorialização, parece bem mais interessante do que a discussão que empreendemos até aqui e também daqui por diante. Acometidos pelo desejo de pensar os universos distintos da representação social e das cartografias como num sonho, com arquitetura ideal, o trabalho no decorrer da caminhada acabou por se esfarrapar, conforme apresenta Waly Salomão na epígrafe. O percurso de construção deste trabalho é também um sintoma disso. Mas agarramos os fiapos e a partir deles operamos o movimento de retorno às teorias. É centro pensar também que à medida em que ela foi se desenvolvendo, foi ganhando novas feições, e os encontros com os mapas muitas vezes comandaram o ritmo e os caminhos do trabalho, obrigando a um redesenhar constante dos caminhos da análise, como o capítulo de percurso tentou demonstrar.

Assim, este capítulo deseja territorializar as cartografias, alinhando a discussão que travamos com outras mais antigas no campo, marcando um lugar, ainda que provisório, em que nos situamos.

## 5.2 A noção de consenso e a diferença

*A cultura, a civilização  
elas que se danem  
ou não  
Gilberto Gil*

Em continuidade com a discussão que realizamos sobre os mapas no capítulo anterior mantemos uma breve recapitulação dos passos dessa pesquisa. Começamos a esboçar as

articulações com a teoria das representações sociais e pretendemos dar continuidade à discussão, agora enriquecida de outras referências.

A questão da diferença apresentada não é pura novidade a que chegamos apenas pelas conclusões e pelos caminhos nos quais as cartografias dos mapas nos levaram. O debate travado aqui se posiciona como uma reatualização de reflexões realizadas desde longa data por teóricos das representações sociais, sobre a questão do consenso na teoria. O trabalho de Rose et. al. (1995) questiona a idéia de que as representações sociais estão centradas na noção de consenso como sinônimo de concordância entre membros do grupo. Esta ênfase se justifica por notar que este costuma ser o alvo da maior parte dos estudos em representações sociais, que focam o que é presente mais fortemente, em detrimento de contemplar posturas de oposição, feitas a partir de outros pontos de vista, ou mesmo sem opinião formada. Para fundamentar a contrapartida, as autoras sublinham um ponto fundamental para a teoria: as representações têm como pilar de seus desenvolvimentos a geração e transformação do universo do cotidiano assim como as práticas comunicativas da vida do senso comum. Afirmam portanto uma “*tensão* entre um arcabouço histórico compartilhado e as interações diversas entre os indivíduos na vida cotidiana que podem montar, construir, inventar e transformar”<sup>43</sup> (ROSE et al, 1995 p. 3, grifo das autoras, tradução nossa). Assim, as representações necessitam de um grau de discordância para se fazerem como tal; mas ao mesmo tempo, é preciso um nível basal de reconhecimento, de estabilidade entre os conhecimentos para que aqueles que falam saibam ao menos sobre o que discordam, qual é o debate em pauta. Assim, elas pensam a noção de consenso inserida dentro do campo de representação<sup>44</sup>, em interação permanente com porções mais instáveis e móveis, sublinhando a qualidade heterogênea e diversa da representação (ROSE et. al., 1995).

---

<sup>43</sup> Cf original: “[...] *tension* between a commonly shared historical background and the diverse everyday interaction of individuals who can construct and construe, invent and transform

<sup>44</sup> Segundo Moscovici (1978), as representações sociais são constituídas por três dimensões: a informação, o campo de representação e a atitude. Aqui o campo da representação remete a essa definição, que diz respeito à

Nessa linha de argumentação, entre os autores que adotam a perspectiva da subjetividade, o trabalho de Kastrup (2008) ilumina por outro viés nossas idéias. Discutindo a aprendizagem, a autora trava um debate entre aquilo que é instituído no pensamento e o que o desestabiliza, que provoca o aparecimento de novos quadros, invenção tanto de novas soluções quanto de problemas. Baseada na perspectiva de Bergson, ela entende a aprendizagem como algo que se desenvolve na atualidade, na experiência, pois é neste momento que as forças da estabilidade e da novidade se encontram; é na atualidade, enfim, na experiência, que ocorre o embate entre a regularidade pensada pela história e a novidade que a inclina na direção de novos rumos de futuro (KASTRUP, 2008). Essa postura nos faz compreender que embora seja necessário deixar de lado o foco nas informações e pensar sobre outra lógica no momento das cartografias, a territorialização que deriva disso deve contar com um campo basal de estabilidade, para em seguida, mais uma vez se lançar à novidade. Isso não significa afirmar que a diferença se configura em relação de *oposição* a quadros anteriores, mas antes que ela se relaciona a eles de alguma maneira. Este movimento não sacrifica a idéia da diferença, mas considera que ela encontra bases em algo que é minimamente compartilhado. O proposto por Kastrup guarda algumas distinções com relação ao trabalho de Rose et al (1995) pois a tensão que ganha forma é de outra ordem, tratamos neste caso com um conflito mais radical, pois muitas vezes as posições não guardam relação linear alguma, configurando caminhos mais do que opostos, diferentes, que se posicionam sob o signo da invenção.

Outros trabalhos trataram da questão da desestabilização própria das representações sociais, conferindo a ela o caráter heterogêneo que tanto defendemos aqui, como as explorações de Wagner et al. (1999, 2000) e Volklein e Howarth (2005). Embora enfatizem o assunto que é ponto central nesta discussão, esses trabalhos trataram do embate entre sistemas

---

“idéia de imagem, de modelo social, ao conteúdo concreto e limitado das proposições atinentes a um aspecto preciso do objeto da representação” (MOSCOVICI, 1978, p.69).

representacionais, do choque entre representações que possuem grande força por estarem há muito tempo estabelecidas, como no caso do tratamento da loucura na Índia (WAGNER et. al. 1999), que materializa numa questão cotidiana o choque entre a tradição milenar hindu e novos sistemas representacionais exportados do ocidente, que se refletem na aplicação de práticas de saúde, nas relações sociais. O caminho que tomamos aqui difere um pouco com relação a esta postura, pois nossa proposta está centrada no debate da heterogeneidade deslocado do conflito aberto e da negociação explícita entre sistemas representacionais. Transferimos a relação com a diferença para **dentro de uma representação; o conflito e a relação com o divergente está em seu coração**. A representação é tomada como um espaço entre o psicológico e o social, atravessada pelo afetivo e, apoiados em sua característica intervalar e no casamento entre ferramenta teórica e metodológica, a proposta visa contemplar mais claramente o movimento dentro da representação, os fios soltos que a desestabilizam no seio de sua construção. A cartografia da sessão 13 do capítulo de encontro se aproveita de alguns das grandes linhas que compõem a representação e as trabalha de uma nova maneira, se serve dos mesmos conteúdos para disparar uma linha rizomática que nos leva para outras dimensões, talvez como uma imagem-cristal que não cessa de circular passado e presente, numa reatualização constante (DELEUZE, 2007), antropofágica. A experiência retratada no capítulo anterior ganha ressonância nas linhas escritas por Kastrup, que não se desfaz completamente das condições históricas e os quadros estabelecidos, mas enfatiza uma política cognitiva que prime pela possibilidade de manifestação de dobras, como o abrir de janelas na representação:

A novidade não se encontra submetida a qualquer tipo de determinismo histórico, mas também não surge do nada, “ex-nihilo”, encontrando na história suas condições. Condições concretas, construídas empiricamente, mas que não o determinam, deixando margem para pensar diferentemente, e portanto para a invenção. Dito de outra forma, o pensamento não trabalha a partir do nada, de forma espontânea, mas é atingido por forças que o levam a pensar (2008, p. 97-98).

Sob o viés da filosofia da diferença de Deleuze, o trabalho desenvolvido pensa a diferença relacionada ao que lhe é exterior, pressionada por um de-fora capaz de dar margem à novidade dentro de uma representação, mostrar uma zona de sombra virtual que pode, em potência, redirecioná-la para outros campos, para novas configurações. No espírito da história da pedra lançada por Rodari<sup>45</sup> (1982), este ato se relaciona de alguma maneira a água ali presente, aos microorganismos, e interfere saber tratar-se de um aquário, do mar, de um rio caudaloso ou a água que escorre pelo meio fio de uma rua numa grande cidade. A pedra lançada pode reconfigurar por completo a dinâmica daquele ambiente, lançando uma faísca que pode influenciar a formação de lagos, o deslocamento de pedras maiores, as bifurcações de um rio ou a enchente de uma rua movimentada, ou não. Este debate remete ao diálogo permanente entre a estabilidade e a instabilidade, aquilo que é interno com o que é externo à representação. É certo que a mudança no sentido que pensamos aqui não se refere ao que é sutil, um pequeno movimento que pode ser integrado sem causar maiores danos ao seu âmago: falamos daquilo que a toma de assalto violentamente, que provoca nós de mal-estar. É também certo que isso que invade surpreendendo não ganha contornos de uma representação social: é uma nova configuração, que remete à idéia de singularidade discutida no capítulo anterior, mas não possui **estabilidade** o suficiente para ser identificada e materializar-se como um fenômeno de representação social. Por isso transferimos nosso estudo para o interior da representação, para contemplar os fios soltos do tecido representacional que se apóiam nela como uma plataforma para alçarem novos vôos.

Moscovici nos diz que na formação das representações sociais sempre estão em atuação o conflito e a cooperação, comungando tanto para a tensão quanto para a estabilidade (MOSCOVICI; MARKOVÁ, 2003). Nosso trabalho, como no parágrafo acima tentamos explicitar, explora as zonas de conflito no bojo dos movimentos aparentemente invisíveis,

---

<sup>45</sup> Referência à citação apresentada do autor no capítulo que trata de nossa ferramenta teórica.

mas constantes na construção e desconstrução das representações. Por isso não cabe pensar as cartografias em termos de objetivação e ancoragem, mas antes mais afeitos à citação de Rodari (1982) do capítulo teórico, tentamos acompanhar exatamente os movimentos invisíveis de que ele fala, as alterações moleculares que podem ou não resultar em efeitos de grandes proporções.

Assim, as cartografias não expressam representações sociais, nem ao menos aquelas que se enquadram nas representações polêmicas<sup>46</sup> (MOSCOVICI, 1988) porque não tem espessura, estabilidade suficiente para se constituírem dessa forma. O que vimos nos mapas-filme foram possibilidades de mudança nas representações sociais, vimos e buscamos potencializar o movimento intrínseco às idéias e dar pernas e tempo para que possam ir o quão distante for.

O fazer caminhar juntos a proposta da cartografia e das representações sociais parece levar às últimas conseqüências a idéia da heterogeneidade e da diferença pensadas inicialmente por Moscovici. Este baile traz uma nova cara aos dois sistemas de pensamento e as representações sociais têm suas características processual e heterogênea priorizadas. A cartografia parece ter ocupado e conferido novas feições, enfatizando o momento em que a invenção e a criação estão mais patentes no jogo do representar. É como o abrir de uma janela, ou pensar uma dobra do tecido: ao invés de contemplar as grandes linhas, buscamos singularidades, que expressam os micro-movimentos.

### 5.3 O “entre”

Em continuidade com a questão da diferença, nossa caminhada traz mais um ponto de articulação entre as ferramentas de pesquisa em jogo no trabalho. A idéia do construtivismo

---

<sup>46</sup> As representação polêmicas são fruto da controvérsia entre grupos da sociedade, não são idéias compartilhadas por todos, antes se baseiam nas relações conflituosas entre os grupos (MOSCOVICI, 1988, ARRUDA, 1998b).



no qual a teoria está baseada é ponto importante da epistemologia construída no capítulo teórico. Ela justifica que as representações sociais não são uma teoria alinhada à perspectiva idealista ou realista, nem está somente no psicológico ou no social, mas antes no “entre” (JOVCHELOVITCH, 2008). Mais afeitos à idéia de não considerar a teoria em pares de opostos, entendemos que o fluxo e as indefinições das margens de corte, atuação e posicionamento são mais próximos da perspectiva das representações sociais. A cartografia, ao nosso ver, encontra ressonância nessa perspectiva, pois é possibilidade de expressar **sob o viés metodológico** o construtivismo, a posição do “entre”. Trabalhar com a cartografia significa estar no *entre*, cavando espaços para que a diferença se manifeste nos encontros que promove entre pesquisador e pesquisado. Pensá-las juntas aumenta a potência do movimento que já existe nas representações sociais não por foco, mas por uma postura que concede cota de oxigênio especial para que aquilo que já estava (virtualmente) dado de antemão se manifeste. Novas janelas são abertas e os sentidos de Brasil são retorcidos, cortados, operando uma bricolagem que os faz ganharem novas formas.

Meu trabalho de aprendiz de cartógrafa não tirou conclusões sobre esses sentidos, mas tentou ver aberturas de espaços nos mapas. Muitos intercessores comungaram conosco, buscando referências na música brasileira, no cinema, em pensadores de outras áreas do conhecimento conforme apresentamos desde o início do percurso. Estes encontros foram fundamentais na construção da pesquisa, que pôde se basear na referência à atividade cinematográfica para desnaturalizar o olhar para as produções, e contar ainda com os movimentos musicais-artísticos-políticos como o **manguebeat** e o **tropicalismo**, vendo neles índices de transformação do Brasil pensado pelos próprios brasileiros. O disco de Egberto Gismoti, **Trem Caipira**, de 1985, retrabalha a música de Villa Lobos, conferindo nova sonoridade ao treinzinho caipira, é significado por nós como uma possibilidade de operar sobre representações de nação, mesmo que os primeiros estudos que empreendemos

apontassem em outra direção: as representações há muito estabelecidas só se movem no tempo longuíssimo (SEVALHO, 1993) ou são de mudança muito difícil, senão impossível (PINHEIRO, 1998).

A idéia é de banquetear-mo-nos de nós mesmos, numa atividade antropofágica de transformação conforme fala a epígrafe de Adriana Calcanhoto que inspira a formulação das sessões de cartografias no capítulo anterior. A janela aqui comparece como uma via de comunicação com o exterior, sempre pressionada por ele de alguma maneira, que de repente, com um vento mais forte escancara e como um foguete dispara novas formações de sentidos de Brasil.

#### 5.4 “Ela faz cinema/ faz cinema, faz...”

Aproveitando a deixa da transformação, comentemos a idéia do cinema, que foi intercessor que atuou também desnaturalizando o olhar. Chico Buarque, (2006) no álbum Carioca, de 2006 cantou que “ela faz cinema/ faz cinema faz.../ ela é demais/ sei que ela pode ser mil/ mas não existe outra igual”. Alita Rego (2004), num passo adiante diz que

(...) vivemos fazendo cinema. Nossos olhos são a tela. A parede branca que impede que a imagem se perca no infinito. Eles apreendem a imagem-movimento, transformando-a em uma imagem-percepção, enviada para o cérebro, através dos nervos. Aí há um intervalo criado pelo cérebro onde a imagem se transforma em um afeto, que vai provocar uma ação/reação. (REGO, 2005, p.3)

A mágica da atividade cinematográfica está nas possibilidades de que ela dispõe, que fazem com que ela seja mil, mesmo que se mantenha, em algum sentido, a mesma. O uso do cinema que fazemos aqui não está relacionado à sucessão de imagens que provocam movimento no tempo, pois tratamos de desenhos de Brasil. Enfatizamos na atividade cinematográfica sua qualidade formal, que expressa a possibilidade de transmitir uma mensagem ao conjugar forma e conteúdo de maneira que seja impossível distinguir uma da

outra. A partir desta utilização, o passo que damos com relação às palavras de Rego (2004) é que mais do que ser tela, também produzimos, projetando cinema, como os mapas de Brasil foram considerados. A forma deles, a imagem estampada se materializou como o **espaço** que há pouco discutíamos. Nas cartografias foi ficando claro que forma e conteúdo estavam intimamente relacionados, como na proposta cinematográfica em si, que este casamento levava os sentidos de Brasil por outros caminhos. A ressonância no cinema também está no sentido do filme: conjugando elementos em desenhos e conteúdos, os diretores-autores expressavam sentidos de Brasil que envolviam a dupla significação trabalhada na introdução da dissertação. Como no filme, o diretor passa a mensagem, é responsável tanto pelo conteúdo quanto pela forma, que não vivem uma sem a outra na seqüência do cinema. Mas como se materializa no fazer do cinema a forma que debatemos?

A montagem do filme é, segundo Vasconcellos (2006), o cerne da atividade cinematográfica, que confere sentido ao todo da obra. As palavras de José Carlos Avellar, na introdução da edição brasileira de **O sentido de filme**, de Eisenstein, diretor russo, afirmam:

a importância do método e da estrutura de montagem diminui invariavelmente em épocas de estabilização social, em épocas em que as artes se dedicam antes de qualquer coisa a refletir a realidade. E que inversamente, nos períodos de uma intromissão ativa no desmonte, reorganização e reestruturação da realidade, nos períodos de reconstrução ativa da vida, a montagem ganha entre os métodos de construção da arte uma importância e uma intensidade que não cessam de crescer. (AVELAR, 1990, p.11)

Sempre vibrando na reestruturação e construção da vida, a forma de montar, de escolher os elementos que compõem os mapas-filme de Brasil, ao longo da experiência de encontro se mostrou como um trunfo, um espaço para pensar a idéia da diferença.

Em resumo, as representações sociais ganham com uma metodologia que radicaliza por outra via a idéia da diferença e da indefinição, potencializando novo viés na discussão do consenso pelos teóricos das representações sociais, e as subjetividades pensadas por Deleuze e Guattari, ganham mais um intercessor, ampliando possibilidades de interação.

### 5.5 A afetividade e alteridade no encontro: da dimensão afetiva ao afetar-se

*Eu não sou eu nem sou o outro,  
Sou qualquer coisa de intermédio:  
Pilar da ponte de tédio  
Que vai de mim para o outro.  
Mário de Sá Carneiro*

Outro ponto importante na construção deste trabalho é a afetividade. Esta questão tem sido perseguida com afinco nas últimas reuniões de pesquisadores que se debruçam sobre as representações sociais. Desde o trabalho de Banchs, que em 1995 atenta para esta questão, passando por outras teorizações, como o artigo de Campos e Rouquette (2003), na última jornada internacional sobre representações sociais, a fala de Angela Arruda (2007a) iluminou mais uma vez a questão. Como comentamos no primeiro capítulo, esta conferência reposicionou a questão da afetividade como um vetor para a construção das representações sociais. No texto que desenvolvemos aqui falamos muito sobre os afetos, sobre dar passagem a eles, no fluxo do encontro com as produções dos participantes da pesquisa e afirmamos não chegar a representações sociais baseadas na amostra de 143 mapas de Brasil que temos nas mãos. Aqui, a afetividade está presente sim na construção da representação de Brasil que Arruda (2007a) discute na sua conferência, ao considerar que o afeto dispara a produção e transformação de representações sociais, pois afinal algumas linhas acima afirmamos trabalhar dentro de uma. Mas a questão está colocada também de uma outra maneira em nosso trabalho.

Os muitos intercessores com que nos encontramos nas cartografias dos mapas proporcionaram que eu, aprendiz de cartógrafa, fosse seduzida pelos mapas, numa dimensão que alcança as sensações, o olhar do **corpo vibrátil**, o não visível de que fala Rolnik (2007). Rego, diz que “um afecto não é um sentimento ou uma emoção. É uma qualidade da matéria que quando se acopla com outras dessemelhantes a ela, provoca um devir outro” (2004, p. 4). Isso significa dizer que o afeto, o afetar-se, é sinônimo do encontro com a diferença que as

cartografias nos proporcionaram. Nesse sentido, o afeto conjuga, na proposta do holograma de Arruda (1998b), pesquisador e objeto de pesquisa, numa dança rizomática que passa pela lógica do sentir e não é necessariamente fiel quando ressoa nas palavras<sup>47</sup>, como diz a epígrafe da introdução deste capítulo. Assim, a cartografia é perpassada por uma discussão que toca a questão etnográfica, de contato com o outro, com a alteridade, a diferença, refletida também na preocupação necessária com a escrita do texto. Caiafa (2007) discute estas questões e afirma que a etnografia é a disciplina que traz a possibilidade de desfamiliarização, dependente sempre da atitude do pesquisador. Assim, anda na corda bamba entre a interpretação do estranho como exótico e estereotipado e de formatos que encontrem espaço para que ele se manifeste como um vivo, capaz de afetar.

Nesse sentido, damos um pequeno passo na reflexão sobre o afeto, que implica uma modificação na postura do pesquisador que deixa de diagnosticar com um certo distanciamento a afetividade que corre entrecruzada com o social e o psicológico. A política cognitiva que defendemos quer se deixar impregnar do afeto, para construir **junto ao outro novos sentidos** (ARAGÃO; MELICIO, 2007). É o que discutimos na seção do “entre” sobre as relações entre sujeito e o objeto. Assim, marcamos mais uma diferença com relação ao trabalho de Durkheim. Ele é ancestral ainda mais ambíguo (DUVEEN, 2003) na configuração que montamos de nossa ferramenta teórica pois tinha também como objetivo fazer com que a sociedade se libertasse da afetividade social a caracterizava, evoluindo para o pensamento reflexivo individual (JOVCHELOVITCH, 2008). Entendida por ele como um obstáculo a ser superado até chegar a uma sociedade científica, em nossas formulações o afeto ganha lugar fundamental nos contornos de nosso trabalho.

---

<sup>47</sup> A dificuldade em encontrar vias de tradução não se dá por barreiras lingüísticas que postulam a pobreza da língua em territorializar nossos afetos. A idéia é considerar duas lógicas distintas – por exemplo, o cortical e o subcortical de que falou Rolnik (2007), citados em outro momento desta escrita – que encontram dificuldades na tradução de uma lógica para outra por funcionarem de maneiras distintas.

Sobre a questão do espaço, o cineasta que dirigiu o já comentado filme **O Rio**, diz em uma de suas entrevistas que seu objetivo era pensar um novo esquema para seduzir o espectador (MING-LIANG apud REGO, 2004). Talvez algo que fugisse à sedução pela curiosidade para saber o fim, acabar com a angústia do não-saber, seu objetivo parece ser de tocar quem assiste ao filme não pelo sentido que ele está disposto a revelar em alguns minutos, no momento do desfecho da trama, mas pelo espaço que se impõe, pelos caminhos rizomáticos que o par diretor-espectador podem se lançar. Inscrito mais no campo das possibilidades, do intervalo, do que dos sentidos, posicionamos também algumas das cartografias do encontro. Ao afirmar isso sublinhamos que nosso trabalho, como este filme, busca não se fechar no momento em que escrevemos o ponto final, mas que continua e se desdobra a cada visita que recebe.

A discussão sobre a questão da alteridade é tratada por Arruda em momentos de enfrentamento: “a diferença que surpreende [...] mais na medida em que o outro não é tão diferente, mas sim um semelhante que não conseguimos situar” (1998b, p. 19-20). Este trabalho, ao debruçar-se sobre a dificuldade em integrá-la, traz reflexos para os contornos da teoria das representações sociais. Da mesma maneira em que a diferença pode ser pensada pela via da adequação da novidade a esquemas anteriores, a atribuição de sentido também se dá pela via contrária, quanto um elemento novo pode provocar estranhamento naquilo que é estabelecido e familiar há muito tempo (ARRUDA, 1998b; HOFFMANN, 2004). Assim, ela inclui a possibilidade de desordenar a representação para em seguida reestabilizá-la mais uma vez. Em relação ao trabalho que desenvolvemos tentamos privilegiar o primeiro movimento, buscando o desordenamento como uma política cognitiva de pesquisa que valorize o movimento do pensamento.

Como toda pesquisa, construímos da maneira mais pertinente aos desenvolvimentos propostos nossa ferramenta de pesquisa teórica, que nos manteve distante da idéia da

estabilização por interferência das escolhas que fomos fazendo no percurso. Assim, buscamos dar passagem aos movimentos invisíveis de estranhamento da novidade no encontro com o outro, com a diferença que é difícil de situar. (De)formando a representação de Brasil, uma janela se abre aqui e ali, no encontro com a diferença. É importante que fique claro que os deslocamentos de que falamos não se reduzem a transformações no contexto, mas o problematizar o familiar parece se mais ao alinhar ao modelo movente de pensamento que corroboramos ao tomar a caixa de ferramentas de Deleuze e Guattari. A proposta comunga e potencializa a idéia do “entre” de Jovchelovitch (2008), de impossibilidade de situar aonde está o eu e o outro, tocando na superação do outro pasteurizado e exótico de que fala Rolnik:

Superar, mais especificamente, uma característica própria deste modo e subjetivação, que consiste no constrangimento de nossa vulnerabilidade às forças do mundo em sua irreduzível alteridade, condição para que o outro deixe de ser simplesmente objeto de projeção de imagens preestabelecidas e possa se tornar uma presença viva, com a qual construímos nossos territórios de existência (2007, p. 11-12)

## **5.6 Voltando à noção de consenso: críticas ao estabelecido**

Howarth (2002) trabalha também a questão da diferença na situação de pesquisa ao retratar um episódio em que o encontro entre pesquisador e pesquisado trouxe à tona a diferença social, o estigma e o preconceito racial. Baseada nesta experiência, ela pontua que, primeiro, não é possível desconsiderar o contexto de pesquisa em que estamos inseridos, pois toda sorte de fatores incidem e não podemos descartá-los. O encontro com a diferença no campo que ela descreve em seus trabalhos a fez sublinhar a posição das representações sociais como um laço em que as diferenças são negociadas o tempo inteiro, e ganha contornos de um relato precioso para nós. Pressupomos uma relação de pesquisa que se dá no passo a passo, na atualidade que constitui a experiência (KASTRUP, 2008). As identidades neste modelo não são estabelecidas, e nem ao menos recebem este nome, pois a fluidez é senhora daquele

momento de contato com a diferença viva, que abre caminhos para construção de novos territórios.

Em continuidade com este trabalho, Howarth usa a frase de Moscovici que afirma: uma “representação social não é coisa quieta”<sup>48</sup> (MOSCOVICI; MARKOVÁ, 2003) apud HOWARTH, 2006, p.3, tradução nossa). O encontro e a discussão que ela promove com a alteridade na situação de pesquisa faz questionar sobre a função política das representações sociais. Parte das perguntas formuladas por Moscovici: “Qual é o objetivo da pesquisa na perspectiva representações sociais? É para manter ou criticar a ordem social? É para consolidá-la ou transformá-la?”<sup>49</sup> (MOSCOVICI, 1972 apud HOWARTH, 2006, p.3, tradução nossa). Nas linhas anteriores discutimos que sempre estamos implicados nos trabalhos que realizamos, que a relação de pesquisa provoca simbiose que não é possível desprezar no contato com o outro, que inclusive ganha novo fôlego com a perspectiva da cartografia. A partir disso, argumentamos que é necessário tratar as questões de tensão que problematizam as representações hegemônicas, sem esquecer que as representações são dinâmicas, e podem encobrir uma a outra no embate conflituoso do cotidiano (ARRUDA, 1998b; HOWARTH, 2006). Neste modo de considerar, o estudo de representações sociais deixa de ser mera reprodução de visões hegemônicas e estabelecidas, afirmando mais uma vez sua capacidade de transformação e heterogeneidade. É certo que a representação hegemônica de Brasil tem uma estabilidade já trabalhada em outros estudos e não podemos negá-la. A questão é que ao utilizar esta metodologia e fazer as perguntas que formulamos nessas notas, como uma política cognitiva, escolhemos lançar luz a outra parte da representação, de buscar e contemplar a diferença intrínseca a ela.

---

<sup>48</sup> Cf. original: “a social representation is not a quiet thing”.

<sup>49</sup> Cf. original: “What is the aim of research within a social representations perspective? Is it to support or to criticize the social order? Is it to consolidate or transform it?”



### 5.7 Sobre quem representa, o que representa

Um leitor atento e familiarizado com as questões do campo da teoria das representações sociais certamente está se perguntando sobre um parâmetro básico nas pesquisas nessa área que parece ter sido deixado de lado neste trabalho: a representação social é sempre de alguém e de alguma coisa (JODELET, 1984). Discutimos apenas muito rapidamente as informações sobre a população, deixando para um apêndice questões que comumente são chave para a construção de uma representação, suas condições de produção, o "quem fala". Justificamos isso ao marcar que este trabalho já pressupõe uma representação estabelecida, com a vasta produção do projeto pode atestar, em trabalhos que incluem em suas amostras alguns dos mapas baianos que usamos aqui (ARAGÃO; ARRUDA, no prelo; ARRUDA, GONÇALVES; MULULO, 2008; ARRUDA et. al, 2005; ARAGÃO et. al, 2005 e outros). A confirmação dos eixos de significação que encontramos nos estudos sobre a população de 1029 estudantes é garantida pelo conteúdo dos mapas, que aparecem nas descrições que colocamos quando os apresentamos nas cartografias: eles falam em diversidade, riqueza, aspectos naturais, desigualdade social, etc, como alguns dos aspectos que mencionamos no passo do capítulo de percurso que tratou da construção da matriz de categorização, os eixos de significação que compõem a representação de Brasil para estes jovens. Assim, as condições de produção da dissertação como um todo, como o fato de ser a mais uma projeto de dimensões internacionais, com 6 dissertações ou teses que precederam a esta, garantem o caráter compartilhado da representação de Brasil, por isso ele ainda continua no escopo das representações sociais. A questão é que aqui marcamos um outro viés de análise, no qual não é determinante saber o sexo ou o curso do autor do mapa, mas a ênfase está na diferença que o encontro com o mapa pode produzir, os movimentos invisíveis e singulares que podem levar o sentido para outros estratos.

Como notas que dizemos escrever aqui, e não conclusões, a questão não é tão simples assim, pois toca uma das dificuldades que mencionamos sobre a possibilidade de conjugar cosmologias tão distantes como as representações sociais e as cartografias. Isso perpassa a questão do sujeito e merece maior atenção em futuros desenvolvimentos, mas nos parece que a forma como o definimos está mais próxima do que distante da caixa de Deleuze e Guattari. É num **entre-lugar** entre as determinações do contexto histórico e social e a invenção desestabilizadora que localizamos as representações sociais e o sujeito. Assim, asseguramos sua existência e operamos **dentro e junto** com ela.

Tais desenvolvimentos são tentativas de esboçar contornos sobre os caminhos interessantes pelos quais as relações entre as cartografias e as representações sociais nos levam e a potência que pode continuar ganhando mais e mais força neste encontro. É evidente que estas idéias carecem de maiores desenvolvimentos e são notas abertas à invasão por outros intercessores que fatalmente as modificarão num futuro próximo.

É também certo que um foco maior na experiência cartográfica com os mapas é a via que mais pode contribuir para as modificações que mencionamos, e que a situação de pesquisa de uma aprendiz de cartógrafa também pode ser “performatizada” de maneira diferente, talvez mais investida do olhar do corpo vibrátil de Rolnik (2007). A falta de tempo para o mergulho na experiência e o pouco contato que temos com a complexa obra de Deleuze e de Guattari são pontos fracos da construção que propomos aqui, que merecem continuidade. Importa afirmar que paramos **no** movimento, e não **o** movimento, conforme a idéia de Bergson apresentada no texto de Kastrup (2007), tanto que outros trabalhos certamente se seguirão nesta via. Assim, com a idéia da diferença transferida para dentro da representação pelo recurso à cartografia chegamos, por novas vias e por outros meios, para afirmar que a representação social não é homogênea ou estática, nem se reduz a ancoragens históricas.

Nosso trabalho quer se posicionar como o abrir de novas janelas na representação de Brasil, operando (de)formações em seu contínuo movimento.

## 6 Referências

ALBA, Martha de. Mapas mentales de la Ciudad de México: una aproximación psicosocial al estudio de las representaciones espaciales. **Estudios Demográficos y Urbanos**, Pedregal de Santa Teresa, México, v. 19, no. 1, p. 115-141, jan./abr. 2004. Disponível em <[http://revistas.colmex.mx/revistas/11/art\\_11\\_375\\_1612.pdf](http://revistas.colmex.mx/revistas/11/art_11_375_1612.pdf)>. Acesso em: 13 set 2005.

\_\_\_\_\_. El Método ALCESTE y su aplicación al estudio de las representaciones sociales del espacio urbano: el caso de la Ciudad de México. **Papers on Social Representations**, Linz, Áustria, v. 13, p. 1.1-1.20. 2003. Disponível em: <[http://www.psr.jku.at/PSR2004/13\\_01Alb.pdf](http://www.psr.jku.at/PSR2004/13_01Alb.pdf)>. Acesso em: 03 fev 2005.

ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Ática. 1998.

ARAGÃO et. al. O Brasil do século XX: Representações sociais de adultos de 50 a 60 anos. In: IV Jornada Internacional e II Conferência Brasileira sobre representações sociais, **Anais eletrônicos** 2005, João Pessoa. 2005. 1 CD ROM

ARAGÃO, Cristal O. M.; ARRUDA, Angela. **Bahia, um Brasil evocado em exotismo: alegria, negritude, sabor e movimento nas representações sociais de universitários**. No prelo.

ARAGÃO, Cristal O. M. de; MELICIO, Thiago Benedito L. Dobras na Margem: convites a pensar as linhas de fronteira no trânsito dos saberes. In: I Colóquio Internacional Atividades e Afetos. **Programação e Caderno de Resumos**. Belo Horizonte, 2007, p. 294-295.

ARRUDA, Angela. (Org.). **Representando a Alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998a. [Coleção Psicologia Social]

\_\_\_\_\_. O Ambiente Natural e seus Habitantes no Imaginário Brasileiro Negociando a Diferença. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Representando a Alteridade**. Petrópolis, Vozes, p.17-45. 1998b. [Coleção Psicologia Social]

\_\_\_\_\_. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 127-147, nov./ 2002.

\_\_\_\_\_. Meandros da teoria: imagens afetos e outros. In: **V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais**. Brasília. 2007a.

ARRUDA, Angela; ALBA, Martha de. (Coords.) **Espacios Imaginarios y Representaciones Sociales: Aportes desde Latinoamérica**. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial, 2007b.

ARRUDA, Angela; ULUP, Lilian. Brasil Imaginado: Representaciones sociales de jóvenes universitarios. In: ARRUDA, Angela; ALBA, Martha de. (Coords.) **Espacios Imaginarios y Representaciones Sociales**: Aportes desde Latinoamérica. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial, 2007c. p. 165-198.

ARRUDA, Angela; GONÇALVES, Luana P. V.; MULULO, Sara. **Expresso Brasileiro**: viajando pelas diversas brasileirices. No prelo. 2008.

ARRUDA, Angela et. al.. A construção de matrizes de categorização: Fios e desafios. In: IV Jornada Internacional e II Conferência brasileira sobre Representações Sociais: Teoria e abordagens metodológicas - **Resumos**. João Pessoa, UFPB, v. 1, p. 388-391. 2005.

ARRUDA, Angela et. al. Rio-São Paulo, o eixo dos contrastes. In: Semana de Integração Acadêmica - Desafios às Ciências Humanas e Sociais. **Livro de resumos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006, p. 259-260. 2006.

AVELAR. Introdução: Seria impossível viver. In: EISENSTEIN, Sergei. **O sentido do filme**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. p. 9-11.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BALAKRISHNAN, Gopal. Imaginação Nacional. In: \_\_\_\_ (Org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 209-225.

BANCHS, Maria Auxiliadora. El papel de la emoción en la construcción de representaciones sociales: invitación para una reflexión teórica. **Papers on Social Representations**, Linz, Áustria, v. 5, p. 113-126, 1996. Disponível em: [http://www.psr.jku.at/PSR1996/5\\_1996Banch.pdf](http://www.psr.jku.at/PSR1996/5_1996Banch.pdf). Acesso em 27 nov 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

\_\_\_\_. L' analyse de contenu et la forme des communications. In: MOSCOVICI, S.; BUSCHINI, F (Orgs.). **Les méthodes des sciences humaines**. Paris: PUF, 2003. p. 243- 270.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1989.

BELQUIOR. À palo seco. Intérprete: Los Hermanos. In: LOS HERMANOS. **Luau MTV Los Hermanos**. Costa do Sauípe: Abril Music, 2002.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BIANCO, Giuseppe. Otimismo, pessimismo, criação: pedagogia do conceito e resistência. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1289-1308, set./dez. 2005. [Dossiê: “Entre Deleuze e a Educação”]

BOMFIM, Zulmira A. C; POL, Enric. Affective dimension in cognitive maps of Barcelona and São Paulo. **International Journal of Psychology**, Londres, Inglaterra, v. 40, no. 1, p. 37-50, 2005.

BUARQUE, Chico. Ela faz cinema. In: BUARQUE, Chico. Carioca. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2006.

CAIAFA, Janice. A pesquisa etnográfica. In: \_\_\_\_\_. **Aventura das cidades: ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: FGV, 2007. p.135-181.

CAMPOS, Pedro Humberto F.; ROUQUETTE, Michel-Louis. Abordagem estrutural e componente afetivo das representações sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 3, p. 435-445, 2003.

CANDIDO, Antônio. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986. p. xxxix-lii.

CARVALHO, José Murilo. O motivo edênico no imaginário social brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v.13, n.38. 1998. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000300004&script=sci\\_arttext&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000300004&script=sci_arttext&tlng=en). Acesso em 17 jun 2005.

CHATTERJEE, Partha. Comunidade Imaginada por quem? In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 227-238.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. [Coleção História do Povo Brasileiro]

CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: ZALUAR, A. (Org.). **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 87-121.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: A experiência etnográfica antropóloga e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. p. 16-62.

COLOMBAT, Andre Pierre. A Thousand Trails to Work with Deleuze. **SubStance**, v. 20, no. 3, p. 10-23. 1991. [Special Issue: Deleuze & Guattari]. Disponível em: <<http://www.davidsterritt.com/A%20Thousand%20Trails%20to%20Work%20with%20Deleuze.pdf>>. Acesso em 05 jan 2007.

CRESPI, Thiago Francisco A.; RIBEIRO, Márcia Inês; ARRUDA, Angela. Aspectos da representação social do Rio Grande do Sul e do Gaúcho. In: XXVIII Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Artística e Cultural da UFRJ. **Resumos online**. 2006. Disponível em: [http://www.sigma-foco.scire.coppe.ufrj.br/UFRJ/SIGMA/jornadaIC/publicacao\\_foco/trabalhos/consulta/relatorio.stm?app=JIC\\_PUBLICACAO\\_TRABALHO&ano=2006&codigo=599&buscas\\_cruzadas=ON](http://www.sigma-foco.scire.coppe.ufrj.br/UFRJ/SIGMA/jornadaIC/publicacao_foco/trabalhos/consulta/relatorio.stm?app=JIC_PUBLICACAO_TRABALHO&ano=2006&codigo=599&buscas_cruzadas=ON). Acesso em 13 out 2007.

CRUZ, Ana Carolina D. **Representações sociais de universitários do Rio de Janeiro sobre o Brasil**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Curso de Psicologia Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006.

CUNHA, Euclides. O homem. In: Os sertões. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 149-372.

DA MATTA, Roberto. Você Sabe com Quem Está Falando? Um Ensaio sobre a Distinção entre Indivíduo e Pessoa no Brasil. In: **Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. O que faz do brasil, Brasil? 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DE ROSA, Annamaria S.; MORMINO, C. Au confluent de la mémoire sociale: étude sur l'identité nationale et européenne. In: LAURENS, S.; ROUSSIAU, N. (Orgs.). **La mémoire sociale: identités et représentations sociales**. Rennes: PUR, 2002. p. 119-137.

DELEUZE. Para além da imagem-movimento; Os cristais de tempo. In: \_\_\_\_\_. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 9-36; 87-120. [Cinema 2]

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Percepto, Afecto e Conceito. In: \_\_\_\_\_. **O que é a filosofia?**. Rio de Janeiro: 34, 1993. p. 213-155.

\_\_\_\_\_. Rizoma. In: \_\_\_\_\_. **Mil Platôs**. Rio de Janeiro: 34 Letras. 1995. p. 11-37.

DJAVAN. Sina. In: **Luz**. Rio de Janeiro: Sony Music, 1982.

DUVEEN, Gerard. Introdução – o poder das idéias. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 7-28. [Coleção Psicologia Social]

FARR, R. M. **As raízes da psicologia social moderna**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2004. [Coleção Psicologia Social]

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2 ed rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FONTES, Maria Paula Z. et. al. Imagens da arquitetura da saúde mental: o uso das representações em processos participativos de planejamento. In: III Jornada Internacional e I Conferência Brasileira sobre Representações Sociais: **Textos completos**. Rio de Janeiro: UERJ, 2003. p. 220-235. 1 CD-ROM

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: \_\_\_\_\_. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 3-21.

GUERRERO, Alfredo. America Latina: invasión, invención y creación. In: ARRUDA, Angela; ALBA, Martha de. (Coords.) **Espacios Imaginarios y Representaciones Sociales: Aportes desde Latinoamérica**. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial, 2007. p. 235-184.

GINSBURG, C. Sinais – raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, Emblemas, Sinais – morfologia e história**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p. 143-179.

GOULD, Peter R. On mental maps. In: DOWNS, R. M. & STEA, D. (Eds) **Image and Environment**. Chicago: Aldine, 1973. p. 182-220.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. 4 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica** cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

HADOT, Pierre. **O que é a Filosofia Antiga?** São Paulo: Loyola, 1999.

HOFFMANN, E. T. A. O Homem de Areia. In: CALVINO, Ítalo. **Contos fantásticos do séc XIX**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986.



HOUAISS. **Dicionário da língua portuguesa**. S.d. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br>>. Acessado em 20 fev 2006.

HOWARTH. Using the theory of social representations to explore difference in the research relationship. London: **LSE Research Online**, 2002. Disponível em: <http://eprints.lse.ac.uk/2436>. Acesso em 5 abr 2008.

HOWARTH. “A social representation is not a quiet thing”: exploring the critical potential of social representations theory. London: **LSE Research Online**, 2006. Disponível em: <http://eprints.lse.ac.uk/2443>. Acesso em 5 abr 2008.

IANNI, Octávio. Tipos e Mitos do pensamento brasileiro. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 7, p. 176-187, jan./jun. 2002.

JODELET, D. Representation sociale: phénomènes, concept et theorie. In: MOSCOVICI, S. (Org). **Psychologie Sociale**. Paris: Presses Universitaires de France, 1984. (Tradução de Marcelo Saldanha da Gama. Revisão de Celso Sá e Marisa Vale. Rio de Janeiro, 1988)

JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: \_\_\_\_ (Org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p. 17-44.

JOVCHELOVITCH, S.. Representações sociais: para uma fenomenologia dos saberes sociais. **Psicologia e Sociedade**, v. 10, n. 1, p. 54-68, jan./jun, 1998.

\_\_\_\_. Representações Sociais: Saberes Sociais e Polifasia Cognitiva. **Cultura e Pesquisa**, Blumenau. set. 2001.

\_\_\_\_. Psicologia Social, saber, comunidade e cultura. **Psicologia & Sociedade**. v. 16, n. 2, p. 20-31, maio/ago, 2004.

\_\_\_\_. **Os contextos do saber**: representações, comunidade e cultura. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. [Coleção Psicologia Social]

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 1, p. 15-22, jan/abr. 2007.

\_\_\_\_. A cognição Contemporânea e a Aprendizagem Inventiva. In: KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia; PASSOS, Eduardo. **Políticas da Cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 93-112.

KASTRUP et. al.. Experiência estética e práticas artísticas. In: V Semana da Psicologia da UFRJ. Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro, 2008.

KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia; PASSOS, Eduardo. Introdução. In: \_\_\_\_\_. **Políticas da Cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2008. p.9-17.

MARTIN, Marcel. As características fundamentais da imagem fílmica. In: \_\_\_\_\_. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2003. p. 21-29.

MELO NETO, João Cabral de. À palo seco. Intérprete: Elis Regina. **Vídeo on-line**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=DI6CMVGqWZ4>. Acesso em 26 ago 2008.

MILGRAM, Stanley & JODELET, Denise. Psychological maps of Paris. In: PROSHANSKY, H. M.; ITTELSON, W. H.; RIVLIN, L. (Eds.) **Environmental Psychology: People and their physical settings**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1976. p. 103-124.

MORAES, Vinícius; BUARQUE, Chico. Valsinha. Intérprete: Chico Buarque. In: BUARQUE, Chico. **Construção**. Philips, 1971.

MORENTE, Manuel Garcia. **Fundamentos de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1976.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. Notes towards a description of Social Representations. **European Journal of Social Psychology**, v. 18, no. 211/250, p.212-250, 1988

\_\_\_\_\_, Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, Denise (Org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 45-66.

\_\_\_\_\_, O fenômeno das representações sociais. In: \_\_\_\_\_. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 29-109. [Coleção Psicologia Social]

MOSCOVICI, Serge; MARKOVÁ, Ivana. Idéias e seu desenvolvimento – Um diálogo entre Serge Moscovici e Ivana Marková. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 305-387. [Coleção Psicologia Social]

MOTA, Maria Aparecida R. **Sílvio Romero**: dilemas e combates no Brasil da virada do séc. XX. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

NAXARA, Maria Regina C. **Estrangeiros em sua própria terra**: representações do brasileiro, 1970-1920. São Paulo: Annablume, 1998.

OLIVEIRA, M. L. R. et. al. Social representation of Hansen's disease thirty years after the term "leprosy" was replaced in Brazil. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v. 1, p. 41-48, 2003.

PEIXOTO, Fernando. **Maiakovski: Vida e Obra**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986

PENN, Gemma. Análise Semiótica de Imagens Paradas. In: BAUER & GASKELL (Orgs). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um Manual Prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 319-342.

PINHEIRO, José. Q. Determinants of cognitive maps of the world as expressed on sketch maps. **Journal of Environmental Psychology**. Reino Unido, v. 18, no. 3, p. 321-339, 1998.

POTTER, Jonathan; EDWARDS, Derek. Social Representations and Discursive Psychology: From Cognition to Action. Reino Unido: **Culture & Psychology**, v. 5, no. 4, p.447-458, 1999. [Copyright @ 1999 SAGE Publications]

RATTEMBERRY, Anne Reid; PUEBLA, César C. STEA, David. Cognición Espacial y Mapeo. In: GUEVARA, J.; LANDAZURI, A.M.; TERÁN, A. (Coors.) **Estudios de psicología ambiental en America Latina**. México: BUAP: UNAM: Iztacala, 1998. p. 173-196.

REGO, Alita V. B. de S. Imagem-Sensação: O Cinema Além da Forma. In: IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Porto Alegre, 2004. **Anais online**. Disponível em: <http://repositorio.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/17743/1/R1252-1.pdf>. Acesso em 18 jul 2008.

REIS, Nando. Diariamente. Intérprete: Marisa Monte. In: MONTE, Marisa. **Mais**. Rio de Janeiro: EMI, 1991.

ROCHA, Glauber, Tropicalismo, Antropofagia, Mito, Ideograma, s.d. Disponível em: [http://tropicalia.uol.com.br/site/internas/verbo\\_tami.php](http://tropicalia.uol.com.br/site/internas/verbo_tami.php). Acesso em 25 de jul 2008. [Extraído de *Revolução do Cinema Novo*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981]

RODARI, Gianni. Gramática da Fantasia. São Paulo: Summus, 1982.

RODRIGUES, Juliana Maria S.; ARRUDA, Angela. Brasil, esse desconhecido. XXVIII Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Artística e Cultural da UFRJ. Rio de Janeiro, 2006. **Resumos on-line**. [http://www.sigma-foco.scire.coppe.ufrj.br/UFRJ/SIGMA/jornadaIC/publicacao\\_foco/trabalhos/consulta/relatorio.stm?app=JIC\\_PUBLICACAO\\_TRABALHO&ano=2006&codigo=663&buscas\\_cruzadas=ON](http://www.sigma-foco.scire.coppe.ufrj.br/UFRJ/SIGMA/jornadaIC/publicacao_foco/trabalhos/consulta/relatorio.stm?app=JIC_PUBLICACAO_TRABALHO&ano=2006&codigo=663&buscas_cruzadas=ON). Acesso em 23 jul 2008.

ROLNIK, S. **Uma insólita viagem à subjetividade** fronteiras com a ética e a cultura. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/viagensubjetic.pdf>. Acesso em 20 set 2007.

\_\_\_\_\_. **Cartografia Sentimental** - Transformações contemporâneas do desejo. 1 impr. Porto Alegre: Sulina: UFRGS, 2007.

ROSE, Diana, et. al. Questioning consensus in social representations theory. **Papers on social representations**, v. 4, no. 2, p. 1-6. 1995. Disponível em: [http://www.psr.jku.at/PSR1995/4\\_1995Rose.pdf](http://www.psr.jku.at/PSR1995/4_1995Rose.pdf). Acesso em 05 ago 2008.

SÁ, Celso. **A construção do Objeto de Pesquisa em Representação Social**. Rio de Janeiro: EdUERJ. 1998.

SAARINEN, T. F. Student views of the world. In: DOWNS, R. M.; STEA, D. (Org). **Image and Environment: Cognitive Mapping and Spatial Behavior**. Chicago: Aldine. 1973. p. 148-161.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANCOVSCHI, Beatriz. Sobre a noção de representação. **Psicologia & Sociedade**, Blumenau, v. 19, n. 2, p. 7-14, 2007.

SEVALHO, Gil. Uma abordagem histórica das representações sociais de saúde e doença. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p.349-363, jul./set., 1993.

SLENES, Robert W. Apresentação. In: NAXARA, Maria R. C. **Estrangeiros em sua própria terra: representações do brasileiro, 1870-1920**. São Paulo: Annablume, 1998. p. 11-13.

SOUSA, Clarilza P. de. Representaciones sociales y el imaginario de la escuela. In: ARRUDA, Angela; ALBA, Martha de. (Coords.) **Espacios Imaginarios y Representaciones Sociales: Aportes desde Latinoamérica**. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial, 2007. p. 199-231.

\_\_\_\_\_. (Coord.) **Projeto “Imaginário e Representações Sociais de Jovens Universitários sobre o Brasil e a Escola Brasileira”**. 296 fl. Relatório de prestação de contas (Auxílio Pesquisa e Reserva Técnica) [São Paulo]: [s.n.], 2005. (Relatório FAPESP)

\_\_\_\_\_. **Relatório Técnico** [São Paulo]: [s.n.], 2006. (Relatório FAPESP).

STIVALE, Charles J. The Literary Element in "Mille Plateaux": The New Cartography of Deleuze and Guattari. **SubStance**, v. 13, no. 3/4, p. 20-34, 1984. [Issue 44-45: Gilles Deleuze]

VASCONCELLOS, Jorge. A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não-filosofia. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1217-1227, set./dez, 2005.

\_\_\_\_\_. **Deleuze e o Cinema**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006. [Coleção Arte e Filosofia]

VELHO, Otávio. A antropologia e o Brasil, hoje. In: 31º Encontro Anual da Associação Nacional de pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS). **Videoteca**. Caxambu, 2007. Vídeo disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/content/view/234/73/>>. Acesso em 23 fev 2008.

VELOSO, Caetano. Triste Bahia. In: \_\_\_\_\_. **Transa**. Rio de Janeiro: Universal Music, 1972. [Versão remasterizada em 2002 no projeto Todo Caetano]

VELOSO, Caetano. **Cinema Transcendental**. Rio de Janeiro: Universal Music, 1979. [Versão remasterizada em 2002 no projeto Todo Caetano]

VELOSO, Caetano. Sozinho. In: \_\_\_\_\_. **Prenda minha**. Rio de Janeiro: Universal Music, 1999.

VIANNA Herbert; RIBEIRO, Bi; BARONE, João. Selvagem. In: PARALAMAS DO SUCESSO. **Selvagem?** Rio de Janeiro: EMI, 1986.

VOLKEIN, Corina; HOWARTH, Caroline. A review of controversies about social representations theory : a British debate. London: **LSE Research Online**, 2005. Disponível em: <http://eprints.lse.ac.uk/2439>. Acesso 5 abr 2007.

WAGNER, W. et. al. The modernization of tradition: Thinking about madness in Patna, India. **Culture and Psychology**, SAGE Journals, v. 5, p. 413-446, 1999.

WAGNER, W.; et. al. "I have some faith and at the same time I don't believe in it" – Cognitive polyphasia and cultural change. **Journal of Community and Applied Social Psychology**, v. 10, p. 301-314, 2000. [Special issue "Health, Community and Development" CAMPBELL, C. e JOVCHELOVITCH, S. (Eds)]

ZIZEK, Slavoj. **Eles Não Sabem o Que Fazem**: O sublime objeto da ideologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.



*Esta é uma pesquisa sobre o imaginário do Brasil. Queremos observar as formas que o Brasil ganha na imaginação das pessoas. Solicitamos que responda às questões com espontaneidade e respeitando aquilo que vem de sua imaginação e da sua memória, sem se preocupar com acertos ou erros.*

# Q1

Nome do Aluno: \_\_\_\_\_

Instituição em que estuda: \_\_\_\_\_

Curso: \_\_\_\_\_

Município: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_





1. Na folha em branco ao lado, **desenhe** o mapa do Brasil sem se preocupar com a exatidão. Faça somente o contorno do mapa, sem dividir por estados.

2. Desenhe nesse mesmo mapa o que você acha que existe espalhado pelo Brasil. Se quiser pode usar lápis de cor. Vá numerando os desenhos à medida em que os for fazendo (nº 1 o primeiro, nº 2 o segundo e assim por diante).

Você tem cerca de **15 minutos** para fazer seus desenhos.

3. Dê um título ao seu desenho:

---

4. Conte-nos o que você desenhou e por que escolheu esses desenhos em seu mapa preenchendo o quadro a seguir, de acordo com a seqüência que utilizou para identificar os seus desenhos. **Não preencha, por enquanto, a coluna D.**

A- nº	B- O QUÊ?	C- POR QUÊ?	D
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			

**OBS:** Descreva, até no máximo, 10 desenhos

**5.** De tudo que você desenhou, escolha somente os 4 mais importantes para você.

Numere esses **4** em ordem crescente de importância (1= o mais importante).

**UTILIZE A COLUNA D** do quadro da questão anterior.

**6. Responda:**

**6.1)** Por que você acha que isso tudo é Brasil?

**6.2)** O que, para você, diferencia o Brasil dos outros países? Por quê?

*Esta etapa terminou. Entregue o seu questionário ao aplicador.*

**NOME DO(A) ALUNO(A):****1. Instituição em que você estuda**

Nome:
Município:
Estado:

**2. Curso**

(A). Medicina
(B). Engenharia
(C). Serviço Social
(D). Enfermagem
(E). Pedagogia

**3. Período**

(A). Manhã
(B). Vespertino
(C). Noturno
(D). Integral
(E). Outro. Qual?

**4. Você está matriculado regularmente no**

(A). 1º período
(B). 2º período
(C). 3º período
(D). Outro. Qual?

**5. Você é do sexo**

(A) masculino
(B) feminino

**6. Qual é a sua idade?**

(A) até 24 anos
(B) de 25 a 30 anos
(C) mais de 30 anos

**7. Você se considera**

(A) Branco
(B) Pardo
(C) Negro
(D) Amarelo
(E) Indígena

**8. Onde seu pai nasceu?**

Município:
Estado:

**9. Onde sua mãe nasceu?**

Município:
Estado:

**10. Onde você nasceu?**

Município:
Estado:

**11. Onde você mora?**

Município:
Estado:

**12. Há quanto tempo você mora, sem interrupção, nesse município?**

(A). Há menos de um ano
(B). Entre 1 e 5 anos
(C). Entre 6 e 11 anos
(D). Entre 12 e 17 anos
(E). Mais de 18 anos

**13. Você mora:**

(A) com seus pais e/ou outros parentes
(B) com esposo (a) e/ou filhos(as)
(C) com amigos(as)
(B) em pensionato
(E) sozinho(a)

**14. Qual a escolaridade do seu pai?**

(A) Nunca frequentou a escola
(B) Ensino Fundamental (1º grau) até a 4ª série
(C) Ensino Fundamental (1º grau) até a 8ª série
(D) Ensino Médio (2º grau) incompleto
(E) Ensino Médio (2º grau) completo
(F) Superior incompleto
(G) Superior completo
(H) Outra
(I) Não sei

**15. Qual a escolaridade da sua mãe?**

(A). Nunca frequentou a escola
(B). Ensino Fundamental (1º grau) até a 4ª série
(C). Ensino Fundamental (1º grau) até a 8ª série
(D). Ensino Médio (2º grau) incompleto
(E). Ensino Médio (2º grau) completo
(F). Superior incompleto
(G). Superior completo
(H). Outra
(I). Não sei



**NOME DO(A) ALUNO(A):****16. Você tem uma religião ou culto?**

(A). Sim. Qual?
(B). Não.

**17. Qual é o ganho mensal de sua família?**

**ATENÇÃO:** some os ganhos de todos de sua família que trabalham e que estejam morando em sua casa. Inclua o seu ganho, caso você trabalhe.

(A) Até R\$ 960,00
(B) De R\$ 961,00 até R\$ 2.000,00
(C) De R\$ 2.001,00 até R\$ 3.000,00
(D) De R\$ 3.001,00 até R\$ 5.000,00
(E) Mais de R\$ 5.000,00
(F) Não sei

**18. Você trabalha?**

(A). Não, não trabalho.
(B). Trabalho, mas dependo do dinheiro de minha família.
(C). Trabalho e não dependo do dinheiro de minha família.
(D). Trabalho e sustento outras pessoas.

Obs. Se você **não** trabalha, passe diretamente para a pergunta 22.

**19. Há quanto tempo você trabalha?**

(A). Há menos de 2 anos
(B). De 2 a 5 anos
(C). De 6 a 10 anos
(D). De 11 a 15 anos
(E). De 16 a 20 anos
(F). Há mais de 21 anos

**20. Você trabalha em Educação?**

(A). Sim.
(B). Não.

**21. Caso trabalhe em Educação, indique em que nível(s)**

(A). Educação Infantil (creche)
(B). Educação Infantil (pré-escola)
(C). Ensino Fundamental
(D). Ensino Médio
(E). Outro trabalho em educação. Qual?
(F). Não trabalho em educação

**Onde você mora existe:**

(Marque SIM ou NÃO em cada linha)

		Sim	Não
<b>22</b>	Água encanada?	(A)	(B)
<b>23</b>	Eletricidade?	(A)	(B)
<b>24</b>	Calçamento?	(A)	(B)

**25. Em sua casa trabalha alguma empregada doméstica? Quantas?**

(A). Nenhuma.
(B). Uma, todos os dias úteis.
(C). Duas ou mais todos os dias úteis.
(D). Diarista (faxineira) 1 ou 2 X por semana.

**26. Quantas pessoas moram com você?**

(A). Moro sozinho(a) ou com mais uma pessoa.
(B). Moro com mais 2 pessoas.
(C). Moro com mais 4 ou 5 pessoas.
(D). Moro com mais de 6 pessoas.

**Quantos dos seguintes itens há no lugar onde você mora?**

(Marque a quantidade correspondente a cada item ou zero (0) quando não houver nenhum.).

ITENS	QUANTOS	0	1	2	3	4 ou +
<b>27</b>	Cozinha	0	1	2	3	4 ou +
<b>28</b>	Sala	0	1	2	3	4 ou +
<b>29</b>	Quarto	0	1	2	3	4 ou +
<b>30</b>	Banheiro	0	1	2	3	4 ou +
<b>31</b>	Televisão	0	1	2	3	4 ou +
<b>32</b>	Videocassete	0	1	2	3	4 ou +
<b>33</b>	Geladeira	0	1	2	3	4 ou +
<b>34</b>	Freezer	0	1	2	3	4 ou +
<b>35</b>	Lava roupa	0	1	2	3	4 ou +
<b>36</b>	Aspirador	0	1	2	3	4 ou +
<b>37</b>	Computador	0	1	2	3	4 ou +
<b>38</b>	Automóvel	0	1	2	3	4 ou +



Jodelet (1984) afirma que é preciso definir sempre nos estudos de representações sociais quem fala e de onde fala. Por isso, apresentaremos os sujeitos “responsáveis” por esta representação. A aplicação dos questionários no estado da Bahia foi realizada em Salvador e Feira de Santana, totalizando 178 questionários aplicados dos cursos de Medicina, Engenharia, Pedagogia, Enfermagem e Serviço Social. O recurso à cidade vizinha se deve à dificuldades encontradas nas universidades da capital em conseguir disponibilizar turmas e locais para aplicação do questionário (SOUSA, 2005).

A pretensão inicial do projeto Imaginário e Representações Sociais do Brasil era de alcançar o número de 1400 questionários aplicados. Chegamos a este número por considerar que em cada curso o número de participantes seria limitado a 20 alunos, de modo que com cinco cursos diferentes em universidades públicas e privadas, em sete estados do país, basta multiplicar para chegar ao número. Na parte que cabe à Bahia, a previsão era de 200 mapas desenhados do Brasil.

Como já adiantamos, não conseguimos chegar a este total nem entre todos os estudantes do país – o número ficou em 1029 – nem quanto ao estado da Bahia. As dificuldades de aprovação em comitês de ética, coincidência com períodos de provas ou feriados, greves de instituições federais ou mesmo indisponibilidade de professores (SOUSA, 2005) foram alguns dos problemas enfrentados. Essas dificuldades se materializaram de forma mais contundente entre as aplicações baianas na ausência de sua amostra de 20 alunos do curso de serviço social de universidades públicas. Outros problemas de preenchimento e digitação reduziram a amostra a 143 mapas válidos, com distribuição que obedece a tabela abaixo.

Distribuição dos mapas válidos por tipo de universidade e por curso N=143 <sup>50</sup>				
Tipo	Pública	%	Privada	%
Pedagogia	17	11,89	15	10,49
Medicina	17	11,89	16	11,18
Engenharia	16	11,19	7	4,89
Enfermagem	17	11,89	19	13,28
S. Social	0	0	19	13,28
<b>TOTAL</b>	<b>67</b>	<b>46,85</b>	<b>76</b>	<b>53,14</b>

A escolha dos cursos foi assim definida a fim de abranger diversas camadas sócio-econômicas da sociedade, baseada em critérios estabelecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>51</sup>. A tabulação dos dados referentes a renda familiar dos alunos confirmou as previsões do IBGE de pressupor uma distribuição de níveis sócio-econômicos diferenciados segundo os cursos, na qual a tendência é a um patamar mais elevado para Medicina e Engenharia, deixando ao Serviço Social o menos elevado.

Distribuição dos mapas válidos por renda familiar e por curso N=143												
Tipo	Até R\$960	%	De R\$960 a R\$2000	%	De R\$ 2000 a R\$3000	%	De R\$ 3000 a R\$5000	%	Mais de R\$ 5000	%	Não sei	%
Pedagogia	6	4,1	9	6,2	7	4,9	5	3,5	2	1,4	3	2,1
Medicina	0	0	8	5,5	8	5,5	5	3,5	6	4,2	6	4,2
Eng.	2	1,3	9	6,2	4	2,8	4	2,8	1	0,7	1	0,7
Enferm.	7	4,8	10	6,9	8	5,5	4	2,8	4	2,8	2	1,4
S. Social	9	6,2	4	2,8	1	0,7	0	0	2	1,4	3	2,1
<b>TOTAL</b>	<b>24</b>	<b>16</b>	<b>40</b>	<b>28</b>	<b>28</b>	<b>19</b>	<b>18</b>	<b>12</b>	<b>15</b>	<b>10</b>	<b>15</b>	<b>10,5</b>

<sup>50</sup> A Porcentagem dos mapas é sempre realizada em relação ao número total de participantes da pesquisa (N=143), conforme disposto no título da tabela.

<sup>51</sup> Sobre tais resultados, ver: BRANDÃO, Z. Entre questionários e entrevistas. In: NOGUEIRA, M. A. (org.). **Família e escola: trajetória de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 171-183; CUNHA, Luiz Antonio. **Educação e desenvolvimento educacional no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975; FRANCO, C; MANDARINO, M. *et al.* O projeto pedagógico e os resultados escolares. **Pesquisa e planejamento**, v. 32, n. 3, 2002; GOLDSTEIN, H. Modelos da realidade: novas abordagens para a compreensão de processos educacionais. In: FRANCO, C. **Ciclos de Avaliação Educacional**. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 85-99; PASTORE, J; SILVA, N.V. **Mobilidade social no Brasil**. São Paulo: Makron Books, 2000; SILVA, N.V & HASNBALG, C. Tendências da desigualdade educacional no Brasil. **Dados**, v. 43, n. 3, p. 423-445, 2000.



Conforme explicamos no corpo do trabalho, a intenção inicial era de aplicação em alunos somente do primeiro ano de estudos, fase na qual supostamente não estariam contaminados pelos conteúdos específicos de suas carreiras e por isso a maior parte da população é composta por alunos de primeiro e segundo períodos, com exceção do curso de pedagogia. A diferença é devida a aplicação do instrumento – realizada sempre coletivamente – em turmas heterogêneas, compostas por alunos de diversos períodos cursando as matérias iniciais, de forma que alguns deles não são do primeiro e segundo períodos, conforme o quadro abaixo apresenta.

<b>Distribuição dos mapas válidos por período e por curso (N=143)</b>										
Tipo	1o.	%	2o.	%	3o.	%	Outro	%	S resp	%
Pedagogia	3	2,09	15	10,5	0	0	12	8,39	2	1,4
Medicina	18	12,59	13	9,09	0	0	0	0	2	1,4
Engenharia	21	14,69	1	0,7	0	0	0	0	1	0,7
Enfermagem	35	24,48	0	0	0	0	0	0	1	0,7
S. Social	5	3,49	8	5,59	2	1,4	1	0,7	3	2,1
<b>TOTAL</b>	<b>82</b>	<b>57,34</b>	<b>37</b>	<b>25,9</b>	<b>2</b>	<b>1,4</b>	<b>13</b>	<b>9,09</b>	<b>9</b>	<b>6,29</b>

O curso de pedagogia também apresenta a especificidade de costumar ser freqüentado por profissionais que já atuam no campo e retornam à universidade para aprimorar seus estudos. Isso refletiu também na distribuição etária da pesquisa, já que cerca de metade dos estudantes deste curso é composto por pessoas com mais de 30 anos.

<b>Distribuição dos mapas por idade e por curso (N=143)</b>								
Tipo	até 24	%	de 25 a 30	%	mais de 30	%	S resp.	%
Pedagogia	6	4,2	13	9,1	13	9,1	0	0
Medicina	31	21,7	1	0,7	0	0	1	0,7
Engenharia	20	14	0	0	2	1,4	1	0,7
Enfermagem	28	19,6	7	4,9	0	0	1	0,7
S. Social	14	9,79	1	0,7	2	1,4	2	1,4
<b>TOTAL</b>	<b>99</b>	<b>69,2</b>	<b>22</b>	<b>15</b>	<b>17</b>	<b>12</b>	<b>5</b>	<b>3,5</b>

Mesmo com o grupo de pedagogia de idade destoante, decidimos manter a amostra a fim de abarcar todos os cursos. A escolha das carreiras também trouxe conseqüências para a distribuição da população quanto ao gênero, já que entre estes, três têm público predominantemente feminino.

<b>Distribuição dos mapas por gênero e por curso (N=143)</b>				
<b>Tipo</b>	<b>Feminino</b>	<b>%</b>	<b>Masculino</b>	<b>%</b>
Pedagogia	31	21,67	1	0,69
Medicina	15	10,48	18	12,58
Engenharia	6	4,19	17	11,88
Enfermagem	30	20,97	6	4,19
S. Social	18	12,58	1	0,69
<b>TOTAL</b>	100	69,93	43	30,06

A escolha pelos jovens na pesquisa se justifica por serem eles responsáveis pela configuração do Brasil no futuro; as representações sociais por eles expressas agora podem nos dar pistas de como o país será por eles entendido, ou ainda mostrar os delineamentos de uma mudança em processo. Este registro pode permitir outros desenvolvimentos de pesquisa posteriores.

A escolha da Bahia e dos baianos como objeto desta pesquisa se justifica no destaque que o estado apresentou na comparação com os demais. Dentre todos os estudantes da pesquisa, – formada por universitários dos estados do Pará, Pernambuco, Bahia, Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul – ao analisar as caracterizações dos estados e de seus naturais, a Bahia se revelou a mais conhecida, corretamente localizada e preferida no conjunto dos 1029 estudantes que participaram da pesquisa. Essa preferência despertou o interesse que motivou um trabalho sobre a representação da Bahia entre todos os participantes da pesquisa (ARAGÃO; ARRUDA, no prelo) e se direciona agora por novos caminhos.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)